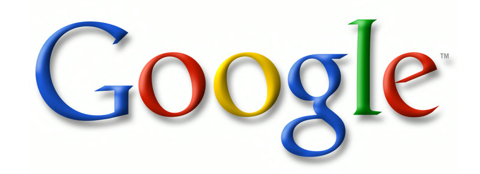
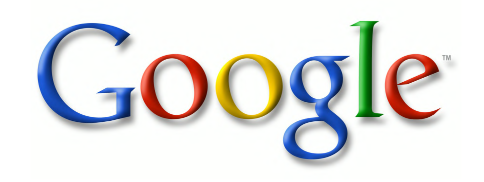



Google

OBRAS

DO

VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

VIII

PRIMEIRO DAS VIAGENS

OBRAS COMPLETAS

DO

VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

THEATRO:

Tomo I, **Catão.**
Tomo II, **Merope, Gil-Vicente.**
Tomo III, **Frei Luiz de Sousa.**
Tomo IV, **D. Philippa de Vilhena, Tio Simplicio, Fallar verdade a mentir.**
Tomo V, **Sobrinha do Marquez, As prophecias do Bandarra, Um noivado no Dafundo.**
Tomo VI, **Alfageme de Santarem.**

VERSOS:

Camões.
D. Branca.
Lyrica.
Fabulas, Folhas cahidas.
Flores sem fructo.
Romanceiro — 3 vol.
O **Retrato de Venus**, precedido de um ensaio sobre a historia da lingua e da poesia portugueza.

PROSA:

Viagens na Minha Terra — 2 vol.
Arco de Sanct'Anna — 2 vol.
Portugal na balança da Europa.
Tractado de Educação.
Helena (romance).
Discursos parlamentares, Memorias biographicas.
Escriptos diversos.

Garrett, João
da Almeida Garrett.

VIAGENS

NA

MINHA TERRA

PELO

VISCONDE DE ALMEIDA-GARRETT

I

SEXTA EDIÇÃO

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1883

PROLOGO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Os editores d'esta obra, vendo a popularidade extraordinaria que ella tinha alcançado quando publicada em fragmentos na *Revista*, intenderam fazer um serviço ás lettras e á gloria do seu paiz, imprimindo-a agora reunida em um livro, para melhor se podêr avaliar a variedade, a riqueza e a originalidade de seu stylo inimitavel, da philosophia profunda que incerra, e sôbre tudo o grande e transcendente pensamento moral a que sempre tende, ja quando folga e ri com as mais graves coisas da vida, ja quando seriamente discute por suas leviandades e pequenezas.

As Viagens na Minha Terra, são um d'aquelles livros raros que so podiam ser escriptos por quem, como o auctor de *Camões* e de *Catão*, de *D. Branca* e do *Portugal na Balança da Europa*, do *Auto de Gil-Vicente* e do *Tratado de Educação*, do *Alfageme* e de *Frei Luiz de Sousa*, do *Arco de*

Sanct'Anna e da *Historia Litteraria de Portugal*, de *Adozinda* e das *Leituras Historicas* e de tantas producções de tam variado genero, possue todos os stylos e, dominando uma lingua de immenso podêr, a costumou a servir-lhe e obedecer-lhe;—por quem com a mesma facilidade sobe a orar na tribuna, entra no gabinete nas graves discussões e demonstrações da sciencia—voa ás mais altas regiões da lyrica, da epopeia e da tragedia, lida com as fortes paixões do drama, e baixa ás não menos difficeis trivialidades da comedia;—por quem ao mesmo tempo, e como que mudando de natureza, póde dar-se todo ás mais aridas e materiaes ponderações da administração e da politica, e redigir com admiravel precisão, com uma exacção ideologica que talvez ninguem mais tenha entre nós, uma lei administrativa ou de instrucção pública, uma constituição politica, ou um tractado de commercio.

Orador e poeta, historiador e philosopho, critico e artista, jurisconsulto e administrador, erudito e homem d'Estado, religioso cultor da sua lingua e fallando correctamente as extranhas—educado na pureza classica

da antiguidade, e versado depois em todas as outras litteraturas—da meia edade, da renascença e contemporanea—o auctor das VIAGENS NA MINHA TERRA é igualmente familiar com Homero e com o Dante, com Platão e com Rousseau, com Thucidides e com Thiers, com Guizot e com Xenophonte, com Horacio e com Lamartine, com Machiavel e com Chateaubriand, com Shakspeare e Euripides, com Camões e Calderon, com Goethe e Virgilio, Schiller e Sá-de-Miranda, Sterne e Cervantes, Fenelon e Vieira, Rabelais e Gil-Vicente, Addison e Bayle, Kant e Voltaire, Herder e Smith, Bentham e Cormenin, com os Encyclopedistas e com os Sanctos Padres, com a Biblia e com as tradições sanscritas, com tudo o que a arte e a sciencia antiga, com tudo o que a arte emfim e a sciencia moderna teem produzido. Ve-se isto dos seus escriptos, e especialmente se ve d'este que agora publicâmos apezar de composto bem claramente ao correr da penna.

Mas ainda assim, e com isto somente, elle não faria o que faz se não junctasse a tudo isto o profundo conhecimento dos homens e das coisas, do coração humano e da razão

humana; se não fosse, além de tudo o mais, um verdadeiro homem do mundo, que tem vivido nas côrtes com os principes, no campo com os homens de guerra, no gabinete com os diplomaticos e homens d'Estado, no parlamento, nos tribunaes, nas academias, com todas as notabilidades de muitos paizes —e nos salões emfim com as mulheres e com os frivolos do mundo, com as elegancias e com as fatuidades do seculo.

De tantas obras de tam variado genero com que, em sua vida ainda tam curta, este fecundo escriptor tem inriquecido a nossa lingua, é ésta talvez, tornâmos a dizer, a que elle mais descuidadamente escreveu: mas é tambem a que, em nossa opinião, mais mostra os seus immensos podêres intellectuaes, a sua erudição vastissima, a sua flexibilidade de stylo espantosa, uma philosophia transcendente, e por fim de tudo, o natural indulgente e bom de um coração recto, puro, amigo da justiça, adorador da verdade, e inimigo declarado de todo o sophisma.

Tem sido accusado de sceptico: é a accusação mais absurda e que so denuncia, em quem a faz, ou grande ignorancia ou gran-

de má fe. Quando o nosso auctor lança mão da cortante e destruidora arma do sarcasmo, que elle maneja com tanta fôrça e dexteridade, e que talvez por isso mesmo, conscio de seu podêr, elle rara vez toma nas mãos —veja-se que é sempre contra a hypocrisia, contra os sophismas, e contra os hypocritas e sophistas de *todas as côres*, que elle o faz. Crenças, opiniões, sentimentos, respeita-os sempre. As mesmas suas ironias que tanto ferem, não as dirige nunca sôbre individuos; ve-se que despreza a facil vingança, que com tam poderosas armas, podia tomar de inimigos que o não poupam, de invejosos que o calumniam, e a quem, por cada dicterio insulso e ephemero com que o teem pretendido injuriar, elle podia condemnar ao eterno opprobrio de um pelourinho immortal como as suas obras. Ainda bem que o não faz! mais immortaes são as suas obras, e quanto a nós, mais punidos ficam os seus emulos com esse desprêzo do homem superior que se não appercebe de sua malignidade insulsa e insignificante.

Voltando á accusação de scepticismo, ainda dizemos que não póde ser sceptico o espirito

que concebeu, e em si achou côres com qu pintar tam vivos characteres de crenças tan fortes como o de Catão, de Camões, de Fre Luiz de Sousa, — e aqui n'esta nossa obra, os de Frei Diniz, de Joanninha, da Irman Francisca.

Não analysâmos agora as VIAGENS NA MINHA TERRA: a obra não está ainda completa e não podia completar-se portanto o juizo: dizemos somente o que todos dizem e o que todos podem julgar ja.

A nosso rôgo, e por fazer mais digna da sua reputação ésta segunda publicação da obra, o auctor prestou-se a dirigi-la elle mesmo, corrigiu-a, additou-a, alterou-a em muitas partes, e a illustrou com as notas mais indispensaveis para a geral intelligencia do texto: de modo que sahirá muito melhorada agora do que primeiro se imprimiu.

VIAGENS NA MINHA TERRA

> Qu'il est glorieux d'ouvrir une nouvelle carrière, et de paraître tout-à-coup dans le monde savant un livre de découvertes à la main, comme une comète inattendue étincelle dans l'espace!
>
> X. DE MAISTRE.

CAPITULO I

De como o auctor d'este erudito livro se resolveu a viajar na sua terra, depois de ter viajado no seu quarto; e como resolveu immortalizar-se escrevendo éstas suas viagens. Parte para Santarem. Chega ao Terreiro-do-Paço, imbarca no vapor de Villa-nova; e o que ahi lhe succede. A Deducção Chronologica e a Baixa de Lisboa. Lord Byron e um bom charuto. Travam-se de razões os Ilhavos e os Bordas-d'agua: os da calça larga levam a melhor.

Que viage á roda do seu quarto quem está á beira dos Alpes, de hynverno, em Turim, que é quasi tam frio como San'Petersburgo — intende-se. Mas com este clima, com este ar que Deus

nos deu, onde a larangeira cresce na horta, e o mato é de murta, o proprio Xavier de Maistre, que aqui escrevesse, ao menos ia até o quintal.

Eu muitas vezes, n'estas suffocadas noites d'estio, viajo até á minha janella para ver uma nesguita de Tejo que está no fim da rua, e me inganar com uns vérdes de arvores que alli vegetam sua laboriosa infancia nos entulhos do Caes-do-Sodré. E nunca escrevi éstas minhas viagens nem as suas impressões: pois tinham muito que ver! Foi sempre ambiciosa a minha penna: pobre e suberba, quer assumpto mais largo. Pois hei de dar-lh'o. Vou nada menos que a Santarem: e protesto que de quanto vir e ouvir, de quanto eu pensar e sentir se hade fazer chronica.

Era uma idea vaga; mais desejo que tenção, que eu tinha ha muito de ir conhecer as riccas varzeas d'esse Ribatejo, e saudar em seu alto cume a mais historica e monumental das nossas villas. Aballam-me as distancias de um amigo, decidem-me as tonteiras de um jornal, que por mexeriquice quiz incabeçar em designio politico determinado a minha visita.

Pois por isso mesmo vou:—*pronunciei-me.*

São 17 d'este mez de julho, anno de graça de 1843, uma segunda-feira, dia sem nota e de boa estrea. Seis horas da manhan a dar em San'-Paulo, e eu a caminhar para o Terreiro-do-Paço. Chego muito a horas, invergonhei os meus madrugadores dos meus companheiros de viagem, que todos se prezam de mais matutinos homens que eu. Ja vou quasi no fim da praça quando oiço o rodar grave mas pressuroso de uma carroça *d'ancien régime:* é o nosso chefe e commandante, o capitão da impreza, o Sr. C. da T. que chega em estado.

Tambem são chegados os outros companheiros: o sino dá o último rebate. Partimos.

N'uma *regata* de vapores o nosso barco não ganhava decerto o premio. E se, no andar do progresso, se chegarem a instituir alguns isthmicos ou olympicos para este genero de carreiras —e se para ellas houver algum Pindaro ancioso de correr, em strophes e antistrophes, atraz do vencedor que vai coroar de seus hymnos immor-

taes—não cabe nem um triste minguado e
a este cançado corredor de Villa-nova. É
barco serio e sisudo que se não mette n'
andanças.'

Assim vamos de todo o nosso vagar con
plando este majestoso e pittoresco amphith
de Lisboa oriental, que é, vista de fóra, a
bella e grandiosa parte da cidade, a mais ch
cteristica, e onde, aqui e alli, algumas raras
ções se percebem, ou mais exactamente se
vinham, da nossa velha e boa Lisboa das c
nicas. Da Fundição para baixo tudo é prosa
burguez, chato, vulgar e semsabor como un
riodo da *Deducção Chronologica*, aqui e all
soprado n'uma tentativa ao grandioso do
gôsto, como alguma oitava menos rasteira
Oriente.

Assim o povo, que tem sempre melhor g
e mais puro do que essa escuma descórada
anda ao decima das populações, e que se ch
a si mesma por excellencia a *Sociedade,* os
passeios favoritos são a Madre-de-Deus e o B
e Xabregas e Marvilla e as hortas de Che
A um lado a immensa majestade do Tejo em

maior extensão e poder, que alli mais parece um pequeno mar mediterraneo; do outro a frescura das hortas e a sombra das arvores, palacios, mosteiros, sitios, consagrados todos a recordações grandes ou queridas. Que outra sahida tem Lisboa que se compare em belleza com ésta? Tirado Belem, nenhuma. E ainda assim, Belem é mais arido.

Ja saudâmos Alhandra, a toireira; Villa-franca, a que foi de Xira, e depois da Restauração e depois outra vez de Xira, quando a tal restauração cahiu, como a todas as restaurações sempre succede e hade succeder, em odio e execração tal que nem uma pobre villa a quiz para sobrenome.

—'A questão não era de restaurar nem de não restaurar, mas de se livrar a gente de um govêrno de patuscos, que é o mais odioso e ingulhoso dos governos possiveis.'

É a reflexão com que um dos nossos companheiros de viagem accudiu ao principio de ponderação que eu ia involuntariamente fazendo a respeito de Villa-franca.

Mas eu não tenho odio nenhum a Villa-franca, nem a esse famoso cirio que lá foi fazer a velha monarchia. Era uma coisa que estava na ordem das coisas, e que por fôrça havia de succeder. Este necessario e inevitavel reviramento por que vae passando o mundo, hade levar muito tempo, hade ser contrastado por muita reacção antes de completar-se...

No entretanto vamos accender os nossos charutos, e deixemos os precintos aristocraticos da ré: á proa, que é paiz de cigarro livre.

Não me lembra que lord Byron celebrasse nunca o prazer de fummar a bórdo. É notavel esquecimento no poeta mais imbarcadiço, mais marujo que ainda houve, e que até cantou o injôo, a mais prosaica e nauseante das miserias da vida! Pois n'um dia d'estes, sentir na face e nos cabellos a brisa refrigerante que passou por cima da agua em quanto se aspiram mollemente as narcoticas exhalações de um bom cigarro da Havana, é uma das poucas coisas sinceramente boas que ha n'este mundo.

Fummemos!

Aqui está um campino fummando gravemente o seu cigarro de papel, que me vai imprestar lume.

—'Dou-lh'o eu senhor...' accode cortezmente outra figura mui diversa, cujas feições, trajo e modos singularmente contrastam com os do *musarabe* ribatejano.

Accenderam-se os charutos, e attentámos mais de vagar na companhia em que estavamos.

Era com effeito notavel e interessante o grupo a que nos tinhamos chegado, e destacava pittorescamente do resto dos passageiros, mistura hybrida de trajos e feições descharacterizadas e vulgares—que abunda nos arredores de uma grande cidade maritima e commercial.—Não assim este grupo mais separado com que fomos topar. Constava elle de uns dôze homens; cinco eram d'esses; famosos athletas da Alhandra que vão todos os domingos colher o *pulverem olympicum* da praça de Sanct'Anna, e que, á voz soberana e irresistivel de: *á unha, á unha, á cernelha!...* correm a arcar com mais generosos, não mais possantes, animaes que elles, ao som das im-

mensas palmas, e a trôco dos raros pintos por que se manifesta o sempre clamoroso e sempre vazio enthusiasmo das multidões. Voltavam á sua terra os meus cinco luctadores ainda em traje de praça, ainda esmurrados e cheios de glória da contenda da vespera. Mas ao pé d'estes cinco e de altercação com elles—já direi porquê—estavam seis ou sette homens que em tudo pareciam os seus antipodas.

Emvez do calção amarello e da jaqueta de ramagem que characterizam o homem do forcado, estes vestiam o amplo saiote grego dos varinos, e o tabardo arrequifado siciliano de panno de varas. O campino, assim como o saloio, tem o cunho da raça africana; estes são da familia pelasga: feições regulares e moveis, a fórma agil.

Ora os homens do norte estavam disputando com os homens do sul: a questão fôra interrompida com a nossa chegada á proa do barco. Mas um dos Ilhavos— bella e poetica figura de homem—voltando-se para nós, disse n'aquelle seu tom accentuado:—'Ora aqui está quem hade decidir: vejam-n'os senhores. Elles, por agarrar um toiro, cuidam que são mais que ninguem,

que não ha quem lhes chegue. E os senhores, a serem ca de Lisboa, hãode dizer que sim. Mas nós...

—'Nenhum de nós é de Lisboa: so este senhor que aqui vem agora.'.

Era o C. da T. que chegava.

—'Este conheço eu; este é dos nossos (bradou um homem de forcado, assim que o viu). Isto é um fidalgo como se quer. Nunca o vi n'uma ferra, isso é verdade; mas aqui de Vallada a Almeirim ninguem corre mais do que elle por sol e por chuva, e hade saber o que é um boi de lei, e o que é lidar com gado.'

—'Pois oiçamos lá a questão.'

—'Não é questão'—tornou o Ilhavo: 'mas se este senhor fidalgo anda por Almeirim, para Almeirim vamos nós, que era uma charneca o outro dia, e hoje é um jardim, benza-o Deus!—mas não foram os campinos que o fizeram, foi a nossa gente que o sachou e plantou, e o fez o que é, e fez terra das areias da charneca.'

—'Lá isso é verdade.'

—'Não, não é! Que está forte habil
zer dar trigo aqui aos nateiros do Te
como quem semeia em manteiga. É un
que a faz Deus por sua mão, regar e
tudo: e o que Deus não faz, não faz
que nem sabem ter mão n'esses mou
plantio das arvores: só lá por cima é
mas teem mettido, e é bem pouco p
que é, e as riccas terras que lhes lev
chentes.—Mas nós, pé no barco pé
tam depressa estamos a sachar o milho
neca, como vimos por ahi abaixo com
peito, e o saveiro a pegar n'areia por n
agua... mas sempre labutando pela v

—'A fôrça é que se falla'—tornou o
para estabelecer a questão em terren
convinha.—'A força é que se falla: un
do campo que se deita alli á cernelh
toiro que uma companhia inteira de va
não pegava, com perdão dos senhores,
bo!...'

E reforçou o argumento com uma ga

triumphante, que achou echo nos interessados circumstantes que ja se tinham apinhado a ouvir os debates.

Os Ilhavos ficaram um tanto abatidos; sem perderem a consciencia da sua superioridade, mas acanhados pela algazarra.

Parecia a esquerda de um parlamento quando ve sumir-se, no borburinho acintoso das turbas ministeriaes, as melhores phrases e as mais fortes razões dos seus oradores.

Mas o orador ilhavo não era homem de se dar assim por derrotado. Olhou para os seus, como quem os consultava e animava, com um gesto expressivo, e voltando-se a nós, com a direita estendida aos seus antagonistas:

—'Então agora como é de fôrça, quero eu saber, e estes senhores que digam, qual é que tem mais fôrça, se é um toiro ou se é o mar.'

—'Essa agora!...'

—'Queriamos saber.'

—'É o mar.'

—'Pois nós que brigâmos com o mar, oito e dez dias a fio n'uma tormenta, de Aveiro a Lisboa, e estes que brigam uma tarde com um toiro, qual é que tem mais fôrça?'

Os campinos ficaram cabisbaixos; o publico imparcial applaudiu por ésta vez a opposição, e o Vouga triumphou do Tejo.

CAPITULO II

Declaram-se typicas, symbolicas e mythicas estas viagens. Faz o A. modestamente o seu proprio elogio. Da marcha da civilização: e mostra-se como ella é dirigida pelo cavalleiro da Mancha D. Quixote, e por seu escudeiro Sancho Pança. — Chegada a Villa-Nova-da-Rainha. Supplicio de Tantalo. — A virtude galardão de si mesma e sophisma de Jeremias Bentham. — Azambuja.

Éstas minhas interessantes viagens hãode ser uma obra prima, erudita, brilhante de pensamentos novos, uma coisa digna do seculo. Preciso de o dizer ao leitor, para que elle esteja

prevenido; não cuide que são quaesquer d'es
rabiscaduras da moda que, com o titulo de *I*
pressões de Viagem, ou outro que tal, fatig
as imprensas da Europa sem nenhum prov
da sciencia e do adiantamento da especie.

Primeiro que tudo, a minha obra é um sy
bolo... é um mytho, palavra grega, e de m
germanica, que se mette hoje em tudo e com
se explica tudo... quanto se não sabe expli

É um mytho porque—porque... Ja ag
rasgo o veu, e declaro abertamente ao bene
leitor a profunda idea que está occulta deb
d'esta ligeira apparencia de uma viagemzita
parece feita a brincar, e no fim de contas é
coisa seria, grave, pensada como um livro n
da feira de Leipsick, não das taes brochurin
dos *boulevards* de Paris.

Houve aqui ha annos um profundo e cavo
losopho d'alem-Rheno, que escreveu uma
sôbre a marcha da civilização, do intellecto
que diriamos, para nos intenderem todos mell
o *Progresso*. Descobriu elle que ha dois pri
pios no mundo: o *espiritualista*, que ma

sem attender á parte material e terrena d'esta vida, com os olhos fittos em suas grandes e abstractas theorias, hirto, sêcco, duro, inflexivel, e que póde bem personalizar-se, symbolizar-se pelo famoso mytho do cavalleiro da Mancha, D. Quixote; — o *materialista,* que, sem fazer caso nem cabedal d'essas theorias, em que não crê, e cujas impossiveis applicações declara todas utopias, póde bem representar-se pela rotunda e anafada presença do nosso amigo velho, Sancho Pança.

Mas, como na historia do malicioso Cervantes, estes dois principios tam avessos, tam desincontrados, andam comtudo junctos sempre; ora um mais atraz, ora outro mais adiante, impecendo-se muitas vezes, coadjuvando-se poucas, mas *progredindo* sempre.

E aqui está o que é possivel ao progresso humano.

E eisaqui a chronica do passado, a historia do presente, o programma do futuro.

Hoje o mundo é uma vasta Barataria, em que domina elrei Sancho.

Depois hade vir D. Quixote.

O senso commum virá para o milleni nado dos filhos de Deus! Está promett divinas promessas... como elrei de Prus metteu uma constituição; e não faltou porquê — porque o contracto não tem di metteu, mas não disse quando.

Ora n'esta minha viagem Tejo-a-riba es bolizada a marcha do nosso progresso espero que o leitor intendesse agora. T cuidado de lh'o lembrar de vez em quan que receio muito que se esqueça.

Somos chegados ao triste desimbai de Villa-Nova-da-Rainha, que é o mais daço de terra alluvial em que ainda p meus pés. O sol arde como ainda não arc anno.

Um immenso arraial de caleças, de nhos, de burros e arrieiros, nos espera n descampado africano. É forçoso optar e dois martyrios da caleça ou do macho. o menos... seja este.

:olá—oh supplicio de Tantalo! vejo duas
tes e nedeas mulas castelhanas jungidas
vehiculo que, n'estas paragens e ao pé
l'outros, me parece mais esplendido do
n landaw de Hyde-Park, mais elegante
caleche de Long-champs, mais commodo
co do que o mais aerio briska da princeza
ı. E comtudo—oh magico podêr das si-
;!—elle não é senão úma substancial e
ɔpessoada traquitana de cortinas.

ıdos manes dos antigos desimbargadores,
ndas cabelleiras de anneis e castanhola,
'eis, ó respeitadas sombras, se d'esse lim-
le estaes esperando pela resurreição do
.. e do livro quinto—vêdes este dege-
e espurio successor vosso, em calças lar-
ık verde, chapeu branco, gravata de côr,.
nho de caoutchouc na mão, prompto a
ır em mulinha de Palito-Metrico como
rraio estudantinho do segundo anno, e
lo olhos invejosos para esse natural, pro-
adscripticio modo de conducção desim-
ɔria? Oh que direis vós! Com que justo
zo não olhareis para tanta degradação e
ção!

Eu communugava silenciosamente com
n'estes graves meditações, e revolvia in
mente no ânimo a ponderosa duvida: — se
ministrar justiça direita aos povos valia a p
de andar um desembargador a pé!... Lucta
meu ser o Sancho Pancha da carne com o D.
xote do espirito — quando a Providencia,
nos maiores apertos e tentações nos não a
dona nunca, me trouxe a generosa offert
um amigo e companheiro do vapor, o Sr. L.
era sua a invejada carroça, e n'ella me de
gar até á Azambuja.

A virtude é o galardão de si mesma, diss
philosopho antigo; e eu não creio no fa
ditto de Bentham, que sabedoria antiga sej
sophisma. O mais moderno é o mais velho,
ha dúvida; mas o antigo que dura ainda, é
que tem achado na experiencia a confirm
que o moderno não tem. Jeremias Bentham
bem fazia o seu sophisma como qualquer o

Vamos percorrendo lentamente aquelle
composto marachão que poucos palmos se e
do nivel baixo e salgadiço do solo; de hynv
não se passará sem perigo; ainda agora se

anda sem incómmodo e receio. Estamos em Villa-nova e ás portas do nojento caravanseray, unico asylo do viajante n'esta, hoje, a mais frequentada das estradas do reino.

Parece-me estar mais deserto e sujo, mais abandonado e em ruinas este asqueroso logarejo, desde que alli aopé tem a estação dos vapores, que são a commodidade, a vida, a alma do Ribatéjo. Imagino que uma aldeia de Alarves nas faldas do Atlas deve ser mais limpa e commoda.

Oh! Sancho, Sancho, nem siquer tu reinarás entre nós! Cahiu o carunchoso throno de teu predecessor, antagonista e ás vezes amo; açoitaram-te essas nadegas para desincantar a formosa *del Toboso,* proclamaram-te depois rei em *Barataria*, e n'esta tua provincia lusitana nem o paternal govêrno de teu estupido materialismo póde estabelecer-se para commodo e salvação do corpo, ja que a alma... oh! a alma...

Fallemos n'outra coisa.

Fujamos depressa d'este monturo. — É mono-

tona, arida e sem frescura de árvores a estr:
apenas alguma rara oliveira mal-medrada, a
gos e desiguaes espaços, mostra o seu tr
rachitico e braços contorcidos, ornados d(
musculos doentes, em que o natural verde·
das folhas é mais alvacento e desbotado q
costume. O solo porêm, com raras excepçõ
optimo, e a trôco de pouco trabalho e insi;
cante despeza, daria uma estrada tam boa
as melhores da Europa.

Dizia um secretario d'Estado meu amig(
para se repartir com egualdade o melhoran
das ruas por toda Lisboa, deviam ser obri;
os ministros a mudar de rua e bairro tod
tres mezes. Quando se fizer a lei de resp
bilidade ministerial, para as kalendas gr
eu heide propor que cada ministro seja obr
a viajar por este seu reino de Portugal a(
nos uma vez cada anno, como a desobriga.

Ahi está a Azambuja, pequena mas não
povoação, com visiveis signaes de vida, ac(
e com ar de confôrto as suas casas. É a pri
povoação que dá indicio de estarmos nas f
margens do Nilo portuguez.

·êmos a apear-nos no elegante estabele-
o que ao mesmo tempo cumulla as tres
tas funcções, de ***hotel,*** de ***restaurant*** e de
ı terra.

:to Deus! que bruxa que está á porta!
tro lá dentro!... Cai-me a penna da mão

CAPITULO III

Acha-se desappontado o leitor com a prosaica sinceridade do A. d'estas viagens. O que devia ser uma estalagem nas nossas eras de litteratura romantica? — Suspende-se o exame d'esta grave questão para tractar, em prosa e verso, um mui difficil ponto de economia-politica e de moral social. — Quantas almas é preciso dar ao diabo e quantos corpos se teem de intregar no cemiterio para fazer um ricco n'este mundo. — Como se veiu a descobrir que a sciencia d'este seculo era uma grandessissima tola. — Rei de facto e rei de direito. — Belleza e mentira não cabem n'um sacco. — Põe-se o A. a caminho para o pinhal da Azambuja.

Vou *desappontar* decerto o leitor benevolo; vou perder, pela minha fatal sinceridade, quanto em seu conceito tinha adquirido nos dois primeiros capitulos d'esta interessante viagem.

Pois que esperava elle de mim agora, de mim que ousei declarar-me escriptor n'estas eras de romantismo, seculo das fortes sensações, das descripções a traços largos e *incisivos* que se intalham n'alma e entram com sangue no coração?

No fim do capitulo precedente parámos á porta de uma estalagem: que estalagem deve ser ésta hoje no anno de 1843, ás barbas de Victor Hugo, com o Doutor Fausto a trotar na cabeça d gente, com os *Mysterios de París* nas mãos d todo o mundo?

Ha paladar que supporte hoje a classica *p sada* do Cervantes com seu *mesonero* gordo grave, as pulhas dos seus arrieiros, e o mante de algum pobre lorpa de algum Sancho! Sanch o invisivel rei do seculo, aquelle *por quem ho os reis reinam e os fazedores de leis decreta e afferem o justo!* Sancho manteado por vis m leteiros! Não é da epoca.

Eu coroarei de trevo a minha espada,
De cenoiras, luzerna e beterrava,
Para cantar Harmódios e Aristógitons,
Que do tyranno jugo vos livraram
Da sciencia velha, inutil, carunchosa,

Que elevava da terra, erguia, alçava
O que no homem ha de Ser divino,
E para os grandes feitos e virtudes
Lhe despegava o espirito da carne...

Não: plantae batatas, ó geração de vapor e de pó de pedra, macadamisae estradas, fazei caminhos de ferro, construi passarolas de Icaro, para andar a qual mais depressa, éstas horas contadas de uma vida toda material, massuda e grossa como tendes feito ésta que Deus nos deu tam differente do que a hoje vivemos. Andae, ganha-pães, andae; reduzi tudo a cifras, todas as considerações d'este mundo a equações de interêsse corporal, comprae, vendei, agiotae.—No fim de tudo isto, o que lucrou a especie humana? Que ha mais umas poucas de duzias de homens riccos. E eu pergunto aos economistas-politicos, aos moralistas, se ja calcularam o número de individuos que é forçoso condemnar á miseria, ao trabalho desproporcionado, á desmoralisação, á infamia, á ignorancia crapulosa, á desgraça invencivel, á penuria absoluta, para produzir um ricco?—Que lh'o digam no Parlamento inglez, onde, depois de tantas commissões de inquerito, ja deve de andar orçado o número de almas que é preciso vender

ao diabo, numero de corpos que se tem de
tregar antes de tempo ao cemiterio para fa
um tecelão ricco e fidalgo como Sir Roberto Pe
um mineiro, um banqueiro, um grangeiro
seja o que for: cada homem ricco, abasta
custa centos de infelizes, de miseraveis.

Logo a nação mais feliz não é a mais ri
Logo o principio utilitario é a *mamona* da
justiça e da reprovação. Logo...

There are more things in heaven and earth, Hora
Than are dreamt of in your phylosophy.

A sciencia d'este seculo é uma grandessis
tola.

E como tal, presumpçosa e cheia de org
dos nescios.

....
....
....

Vamos á descripção da estalagem. Não
ser classica; assoviam-me todos esses rap
de pera, bigode e charuto, que fazem littera

/a e funda desde a porta do Marrare até ao ë de Moscow...

Mas aqui é que me apparece uma incoheren- inexplicavel. A sociedade é materialista; litteratura, que é a expressão da sociedade, oda excessivamente e absurdamente e despositadamente espiritualista! Sancho rei de lo, Quixote rei de direito.

'ois é assim; e explica-se. — É a litteratura é uma hypocrita: tem religião nos versos, ridade nos romances, fe nos artigos de jor- — como os que dão esmolas para pôr no *Dia-* que amparam orphans na *Gazeta*, e susten- viuvas nos cartazes dos theatros.

fallam no Evangelho! Deve ser por escar-. Se o leem, hãode ver lá que nem a esquerda e saber o que faz a direita...

'amos á descripção da estalagem; e acabe- com tanta digressão.

ão póde ser classica, está visto, a tal descri-). — Seja romantica. — Tambem não póde

ser. Porque não? É pôr-lhe lá um *Chourin*
a amolar um facão de palmo e meio para es|
tifar rez e homem, quanto incontrar,—u
Fleur-de-Marie para dizer e fazer piegui(
com uma rozeirinha pequenina, bonitinha, q
morreu, coitadinha!—e um principe allem
incoberto, forte no sôcco britannico, immer
em libras sterlinas, profundo em gyria de ceg
e ladrões... e ahi fica a Azambuja com u
estalagem que não tem que invejar á mais p
tada e da moda n'este seculo elegante, delica(
verdadeiro, natural!

É como eu devia fazer a descripção: bem
sei. Mas ha um impedimento fatal, invenci'
—egual ao d'aquella famosa salva que se r
deu... é que nada d'isso lá havia.

E eu não quero calumniar a boa gente
Azambuja. Que me não leam os taes, por(
eu heide viver e morrer na fe de Boileau.

Rien n'est beau que le vrai.

Ja se diz ha muito anno que honra e prov(
não cabem n'um sacco; eu digo que bellez

mentira tambem lá não cabem: e é a mais portugueza traducção que creio que se possa fazer d'aquelle immortal e evangelico hemystichio. A maior parte das bellezas da litteratura actual fazem-me lembrar aquellas formosuras que tentavam os sanctos eremitas no Thebaida. O pobre de Santo Antão ou de S. Pacomio (Pacomio é melhor aqui) ficavam imbasbacados ao principio; mas dava-lhe o coração uma pancada, olhavam-lhe para os pés... Cruzes maldicto! Os pés não podia elle incobrir. E ao primeiro *abrenuntio* do sancto, dissipava-se a belleza em muito fummo de inxofre, e ficava o diabo negro feio e cabrum como quem é, e sempre foi o pae da mentira.

Nada, nada, verdade e mais verdade. Na estalagem da Azambuja o que havia era uma pobre velha a quem eu chamei bruxa, porque emfim que havia de eu chamar á velha suja e maltrapida que estava á porta d'aquella asquerosa casa?

Havia lá ésta velha, com a sua môça mais moça mas não menos nojenta de ver que ella, e um velho meio paralytico, meio demente que alli

estava para um canto com todo o geito e traça de quem vem folgar agora na taberna porque ja bebeu o que havia de beber n'ella.

Matava-nos a sêde; mas a agua alli é beber quartans. O vinho era atroz. Limonada? Não ha limões nem assucar.—Mandou-se um proprio á tenda no fim da villa. Vieram tres limões que me pareceram de uns que pendiam, quando eu vinha a ferias, á porta do famoso botequim de Leiria.

O assucar podia servir na última scena de M. de Pourceaugnac muito melhor que n'uma limonada. Mas misturou-se tudo com a agua das sezões, bebêmos, pozemo-nos em marcha, e até agora não nos fez mal, com o ser a mais abominavel, antipathica e suja beberagem que se póde imaginar.

Caminhámos na mesma ordem até chegar ao famoso pinhal da Azambuja.

CAPITULO IV

: como o A. foi passando e divagando, e em que pensava e divagava elle, no caminho da villa da Azambuja até o famoso pinhal do mesmo nome. — Do poeta grego e philosopho Démades, e do poeta e philosopho inglez Addison, da casaca de penneiros e do palio atheniense, e de outros importantes assumptos em que o A. quiz mostrar a sua profunda erudição. — Discute-se a materia gravissima se é necessario que um ministro d'estado seja ignorante e leigarraz. — Admiraveis reflexões de zigzag em que se tracta *de re politica* e *de re amatoria*. — Descobre-se por fim que o A. estivera a sonhar em todo este capitulo, e pede-se ao leitor benevolo que volte a folha e passe ao seguinte.

Eu darei sempre o primeiro logar á modestia ıtre todas as bellas qualidades. — Ainda sôbre innocencia? — Ainda sim. A innocencia basta na falta para a perder, da modestia so culpas

graves, so crimes verdadeiros podem privar. Um accidente, um acaso podem destruir aquella, e ésta so uma acção propria, determinada e voluntaria.

Bem me lembra ainda os dois versos do poeta Démades que são forte argumento de auctoridade contra a minha theoria; cuidei que tinha mais infeliz memoria. Heide pô-los aqui para que não falte a ésta grande obra das minhas viagens o merito da erudição, e lhe não chamem livrinho da moda: estou resolvido a fazer a minha reputação com este livro.

Αἰδὼς τε κάλλεος καὶ ἀρετῆς πόλις,
Πρῶτον ἀγαθὴ ἀναμαρτησία, δεύτερον δὲ αἰσχύνη.

Da belleza e virtude é a cidadella
A innocencia primeiro — e depois ella.

Mas a auctoridade responde-se com auctoridade, e a texto com texto. E eu trago aqui na algibeira o meu Addison — um dos poucos livros que não largo nunca — e atiro com o philosopho inglez ao philosopho grego e fico triumphante: porque Addison não põe nada acima da modes-

; e Addison, apezar da sua casaca de pennei-
s, é muito maior philosopho do que foi Déma-
s com a sua tunica e o seu palio atheniense.

O erudito e amavel leitor escapará d'esta vez mais citações: compre um *Spectator*, que é li-
ro sem que se não póde estar, e veja *passim*.

Eu gósto, bem se ve, de ir ao incontro das
bjecções que me podem fazer; lembro-as eu
nesmo para que depois me não digam:—'Ah,
h! vinha a ver se pegava!'—Não senhor, não
: o meu genero esse.

Francamente pois... eis ahi o que poderão
lizer:—'Addison foi secretario d'Estado, e en-
tão...'—Então o quê? Não concebem um secretario d'Estado philosopho, um ministro poeta, escriptor elegante, cheio de graça e de talento? Não, bem vejo que não: teem a idea fixa de que um ministro d'Estado hade ser por força algum semsaborão, malcriado e petulante. Mas isto é nos paizes adiantados em que ja é indifferente para a coisa-publica, em que povo nem principe lhes não importa ja, em que mãos se intregam, a que cabeças se confiam. Em Inglaterra não é

assim, nem era assim no tempo de Addison. Fossem lá á rainha Anna que deixasse entrar no seu gabinete quatro calças de coiro sem criação nem instrucção, e não mais senão so porque este sabia jogar nos fundos, aquelle tinha boas tretas para o *canvassing* de umas eleições, o outro era figura importante no *Freemason's hall!*

Ja se ve que em nada d'isto ha minima allusão ao feliz systema que nos rege: estou fallando de modestia, e nós vivemos em Portugal.

A modestia comtudo quando é excessiva e se aproxima do acanhamento, do que no mundo se chama *falta de uso*—póde ser n'um homem quasi defeito inteiro. Na mulher é sempre virtude, realce de belleza ás formosas, disfarce de fealdade ás que o não são.

Por mim, não conheço objecto mais lindo em toda a natureza, mais feiticeiro, mais capaz de arrebatar o espirito e inflammar o coração do que é uma joven donzella quando a modestia lhe faz subir o rubor ás faces, e o pejo lhe carrega brandamente nas palpebras... Pouco lume que tenha

nos olhos, pouco regular que seja o semblante, menos airosa que seja a figura, parecer-vos-ha n'esse momento um anjo. E anjo é a virgem modesta, que traz no rosto debuxado sempre um ceo de virtudes...—De alguma belleza sei eu cujos olhos *côr da noite* ou de *saphira (dialec. poet. vet.)* cujas faces de *leite e rosas*, dentes de *perolas*, collo de *marfim*, transas de *ebano* (a allusão é surtida, ha onde escolher) davam larga materia a boas grozas de sonetos—no antigo regimen dos sonetos, e hoje inspirariam myriadas de canções descabelladas e vaporosas, choradas na harpa ou gemidas no alahude. Comtanto que não seja lyra, que é classico, todo o instrumento, inclusivamente a bandurra, é egual deante da lei romantica.

Ora pois, mas a tal belleza, por certo ar alamoda, certo não-sei-quê de atrevido nos olhos, de deslavado na cara, e de descomposto nos ademanes, perde toda a graça e quasi a propria formosura de que a dotara a natureza...

Vêde-me aquelles labios de carmim. Ha maio florido que tam lindo botão de rosa apresente ao alvorecer da madrugada?... Mas olhae agora

como o riso da malicia lh'o desfolha tam feiamente n'uma desconcertada risada...

Desvaneceu-se o prestigio.

Não havia moço nem velho, homem do mundo ou sabio de gabinete que não désse metade dos seus prazeres, dos seus livros, da sua vida por um so beijo d'aquella bôcca. Agora talvez nem repetidos *avances* lhe façam obter um namorante de profissão e officio... E hade pagá-lo adeantado, e porque preço!...

....

....

Mas o que terá tudo isto com a jornada da Azambuja ao Cartaxo? A mais íntima e verdadeira relação que é possivel. É que a pensar ou a sonhar n'estas coisas fui eu todo o caminho, até me achar no meio do pinhal da Azambuja.

Ahi parámos, e acordei eu.

Sou sujeito a éstas distracções, a este sonhar acordado. Que lhe heide eu fazer? Andando, e s

evendo, sonho e ando, sonho e fallo, sonho e screvo. Francamente me confesso de somnamulo, de somniloquo, de... Não, fica melhor om seu ar de grego (hoje tenho a bossa hellenica n'um estado de tumescencia pasmosa!); digamos somnilogo, somnigrapho...

A minha opinião sincera e *conscienciosa* é que o leitor deve saltar éstas folhas, e passar ao capitulo seguinte, que é outra casta de capitulo.

CAPITULO V

Chega o A. ao pinhal da Azambuja e não o acha. Trabalha-se por explicar este phenomeno pasmoso. Bello rasgo de stylo romantico.—Receita para fazer litteratura original com pouco trabalho.—Transição classica: Orpheu e o bosque de Mênalo.—Desce o A. d'estas grandes e sublimes considerações para as realidades materiaes da vida: é desamparado pela hospitaleira traquitana e tem de cavalgar na triste mula de arrieiro.—Admiravel choito do animal. Memorias do marquez do F. que adorava o choito.

Este é que é o pinhal da Azambuja

Não póde ser.

Ésta, aquella antiga selva, temida quasi reli-

giosamente como um bosque druidico! E eu que, em pequeno, nunca ouvia contar historia de Pedro de Mallas-artes, que logo, em imaginação, lhe não pozesse a scena aqui perto!... Eu que esperava topar a cada passo com a cova do capitão Roldão e da dama Leonarda!... Oh! que ainda me faltava perder mais esta illusão...

Por quantas maldicções e infernos adornam o stylo d'um verdadeiro escriptor romantico, digam-me, digam-me: onde estão os arvoredos fechados, os sitios medonhos d'esta espessura? Pois isto é possivel, pois o pinhal da Azambuja é isto?... Eu que os trazia promptos e *recortados* para os collocar aqui todos os amaveis salteadores de Schiller, e os elegantes facinorosos do *Auberge-des-Adrets*, eu heide perder os meus chefes d'obra! Que é perdê-los isto—não ter onde os pôr!...

Sim, leitor benevolo, e por esta occasião te vou explicar como nós hoje em dia fazemos a nossa litteratura. Ja me não importa guardar segredo; depois d'esta desgraça não me importa ja nada. Saberás pois, ó leitor, como nós outros fazemos o que te fazemos ler.

-se de um romance, de um drama—
ıe vamos estudar a historia, a natureza,
mentos, as pinturas, os sepulchros, os
as memorias da epocha? Não seja pa-
hor leitor, nem cuide que nós o somos.
characteres e situações do *vivo* da na-
ollori-los das côres verdadeiras da his-
isso é trabalho difficil, longo, delicado,
estudo, um talento, e sôbretudo um
Não senhor: a coisa faz-se muito mais
e. Eu lhe explico.

) drama e todo o romance precisa de:

u duas damas,

e,

tres filhos, de dezanove a trinta annos,

ado velho,

ınstro, incarregado de fazer as malda-

tractantes, e algumas pessoas capazes
emedios.

Ora bem; vai-se aos figurinos francezes d
Dumas, de Eug. Sue, de Victor-Hugo, e *recort*
a gente, de cada um d'elles, as figuras que pre
cisa, gruda-as sôbre uma folha de papel da cô
da moda, verde, pardo, azul—como fazem as ra
parigas inglezas aos seus albums e scrapbooks
fórma com ellas os grupos e situações que lh
parece; não importa que sejam mais ou meno
disparatados. Depois vai-se ás chronicas, tiram
se uns poucos de nomes e de palavrões velhos
com os nomes chrismam-se os figurões, co
os palavrões *illuminam-se*... (stylo de pinto
pinta-monos).—E aqui está como nós fazemos
nossa litteratura original.

E aqui está o precioso trabalho que eu agor
perdi!

Isto não póde ser! Uns poucos de pinheir
raros e infezados atravez dos quaes se est
quasi vendo as vinhas e olivedos circumsta
tes!... É o desappontamento mais chapado
solemne que nunca tive na minha vida—un
verdadeira logração em boa e antiga phrase po
tugueza.

E comtudo aqui é que devia ser, aqui é q

graphica e topographicamente fallando, o onhecido e confrontado sitio do pinhal da buja...

ssaria por aqui algum Orpheu que, pelos cos podêres da sua lyra, levasse atraz de si vores d'este antigo e classico Ménalo dos adores lusitanos?

ı não sou muito difficil em admittir prodi-quando não sei explicar os phenomenos por) modo. O pinhal da Azambuja mudou-se. l, de entre tantos Orpheus que a gente por ve e ouve, foi o que obrou a maravilha, isso ais difficil de dizer. Elles são tantos, e can-todos tão bem! Quem sabe? Juntar-se-hiam, m uma companhia por acções, e negocia-ı um emprestimo harmonico com que facil-te se obraria então o milagre. É como hoje ız tudo; é como se passou o thesoiro para o o, o banco para as companhias de confian-.. porque se não faria o mesmo com o pinhal zambuja?

as aonde está elle então? faz favor de me r...

—

Sim senhor, digo: *está consolidado*. E se não sabe o que isto quer dizer, leia os orçamentos, veja a lista dos tributos, passe pelos olhos os votos de confiança; e se depois d'isto, não souber aonde e como *se consolidou* o pinhal d'Azambuja, abandone a geographia que visivelmente não é a sua especialidade, e deite-se a finanças, que tem *bossa*; — fazemo-lo eleger ahi por Arcozello ou pela cidade eterna — é o mesmo — vai para a commissão de fazenda — depois lord do thesoiro, ministro: é *escalla*, não offendia nem a rabujenta constituição de 38, quanto mais a carta...

....

....

O peior é que no meio d'estes campos onde Troia fôra, no meio d'estas areias onde se acoitavam d'antes os pallidos medos do pinhal da Azambuja, a minha querida e bemfazeja traquitana abandonou-me; fiquei como o bom *Xavier de Maistre* quando, a meia jornada de seu quarto, lhe perdeu a cadeira o equilibrio, e elle cahiu — ou ia cahindo, ja me não lembro bem — estatellado no chão.

. . . . .

Ao chão estive eu para me atirar, como crianç

muada, quando vi voltar para a Azambuja o nosso commodo vehiculo, e diante de mim a injezada mulinha asneira que — ai triste! — tinha de ser o meu transporte d'alli até Santarem.

Emfim o que hade ser, hade ser, e tem muita fôrça. Consolado com este tam verdadeiro quanto *elegante* proverbio, levantei o ânimo á altura da situação e resolvi fazer próva de homem forte e supportador de trabalhos. Bifurquei-me resignadamente sôbre o cilicio do esfarrapado albardão, tomei na esquerda as impermeaveis redeas de coiro cru, e lancei o animalejo ao seu mais largo trote, que era um confortavel e amenissimo choito, digno de fazer as delicias do meu respeitavel e excentrico amigo, o marquez do F.

Tinha a bossa, a paixão, a mania, a furia de choitar aquelle notavel fidalgo — o último fidalgo homem de lettras que deu esta terra. Mas adorava o choito o nobre marquez. Conheci-o em Paris nos ultimos tempos da sua vida, ja octogenario ou perto d'isso: deixava a sua carruagem ingleza toda mollas e confôrtos para ir passear n'um certo cabriolet de praça que elle tinha marcado pelo sêcco e duro movimento vertical com

que sacudia a gente. Obrigou-me um dia a experimenta-lo: era admiravel. Communicava-se da velha horsa normanda aos varaes, e dos varaes á concha do carro, tam inteiro e tam sem diminuição o choito do execravel Babiéca! Nunca vi coisa assim. O marquez achava-lhe propriedades toni-purgativas, eu classifiquei-o de violentissimo drastico.

Foi um dos homens mais extraordinarios e o portuguez mais notavel que tenho conhecido, aquelle fidalgo.

Era feio como o peccado, elegante como um bugio, e as mulheres adoravam-n'o. Filho segundo, vivia de seus ordenados nas missões por que sempre andou, tractava-se grandiosamente, e legou valores consideraveis por sua morte. Imprimia uma obra sua, mandava tirar um unico exemplar, guardava-o e desmanchava as fôrmas...—Não acabo se começo a contar historias do marquez do F.

Piquêmos para o Cartaxo, que são horas.

CAPITULO VI

-se como o velho Camões não teve outro remedio se- misturar o maravilhoso da mythologia com o do chri- anismo.—Dá-se razão, e tira-se depois ao padre José ;ostinho.—No meio d'estas disceptações academico-lit- rarias vem o A. a descobrir que para tudo é preciso ter n'este mundo. Diz-se *n'este mundo,* porque, quanto ao itro ja era sabido.—Os Lusiadas, Fausto e a Divina Co- iedia.—Desgraça do Camões em ter nascido antes do ro- antismo.—Mostra-se como a Styge e o Cocyto sempre lo melhores sitios que o Inferno e o Purgatorio—Vai o A. n procura do marquez de Pombal, e dá com elle nas ilhas eatas do poeta Alceu.—Partida de Whist entre os illus- es finados.—Compaixão do marquez pelos pobres ho- ens de Ricardo Smith e J. B. Say.—Resposta d'elle e sua luneta ás perguntas peralvilhas do A.—Chegada este mundo e ao Cartaxo.

) mais notavel, e não sei se diga, se continua- ao menos a dizer, o mais indesculpavel de-) que até aqui esgravataram criticos e zoilos lliada dos povos modernos, os immortaes *Lu-*

siadas, é sem dúvida a heterogénea-
doxa mistura da theologia com a myth
maravilhoso allegorico do paganismo
graves symbolos do christianismo. A fa
dade, e por mais figas que a gente qu
ao padre José Agostinho — ainda assi
padre Baccho revestido *in pontificalib*
de um retabulo, não me lembra de qu
dizendo o seu *dominus vobiscum* prova
a algum acholyto bacchante ou coryb
lhe responde o *et cum spiritu tuo!*...
póde; é uma que realmente.... E entã
famoso conceito com que elle acaba;
Phenix-Renascida:

O falso Deus adora o verdadeiro!

Desde que intendo, que leio, que a
Lusiadas, interneço-me, chóro, insube
com a maior obra de ingenho que aind
ceu no mundo, desde a *Divina-Comed*
Fausto...

O italiano tinha fe em Deus, o al
scepticismo, o portuguez na sua patri
ciso crer em alguma coisa para ser

so poeta — grande seja no que for. Uma Bria velha que eu tive, quando era pequeno, famosa chronista de historias da carochia, porque sinceramente cría em bruxas. Naleão cria na sua estrella, Lafayette creu na publica-rei de Luiz-Philippe; e para que ouseos tambem *celebrare domestica facta,* todos nossos grandes homens ainda hoje creem, m na junta do crédito, outro nas classes inctivas, outro no mestre Adonirão, outro finalnente na belleza e realidade do systema constiucional que felizmente nos rege.

Mas essas crenças são para os que se fizeram grandes com ellas. A um pobre homem o que lhe fica para crer? Eu, apezar dos criticos, ainda creio no nosso Camões: sempre cri.

E comtudo, desde a edade da innocencia em que tanto me devertiam aquellas batalhas, aquellas aventuras, aquellas historias d'amores, aquellas scenas todas, tam naturaes, tam bem pintadas — até ésta fatal edade da experiencia, edade prosaica em que as mais bellas creações do espirito parecem macaquices deante das realidades do mundo, e os nobres movimentos do coração

chymeras de enthusiastas — até ésta edade de saudades do passado e esperanças no futuro, mas sem gosos no presente — em que o amor da patria (tambem isto será phantasmagoria?) e o sentimento intimo do *bello* me dão na leitura dos Lusiadas outro deleite diverso, mas não inferior ao que n'outro tompo me deram — eu senti sempre aquelle grande defeito do nosso grande poema: e nunca pude, por mais que buscasse, achar-lhe, justificação não digo — nem siquer desculpa.

Mas até morrer aprender, diz o adagio: e assim é. E tambem é aphorismo de moral, applicavel outrosim a coisas litterarias: que para a gente achar a desculpa aos defeitos alheios, é considerar — é pôr-se uma pessoa nas mesmas circumstancias, ver-se involvido nas mesmas difficuldades.

Aqui estou eu agora dando toda a desculpa a pobre Camões, com vontade de o justificar, prompto (assim são as charidades d'este mundo a sahir a campo de lança em reste e a quebrá-l com todo o antagonista que por aquelle fraco atacar. — E porque será isto? Porque chegou minha hora; e — *si parva licet componere m*

s (a bossa proeminente hoje é a latina), aqui acho eu com este meu capitulo nas mesmas iculdades em que o nosso bardo se viu com o ı poema.

Ja preveni as observações com o texto acima: m sei quem era Camões, e quem sou eu; mas ta-se da *intalação*, que é a mesma apezar da ferença dos intalados. O auctor dos Lusiadas ı-se intalado entre a crença do seu paiz e as lhantes tradições da poesia classica que tinha r mestra e modêlo.

Não havia ainda então romanticos nem roman-no, o seculo estava muito atrazado. As odes Victor-Hugo não tinham ainda desbancado de Horacio; achavam-se mais lyricos e mais ticos os esconjurios de Canidia, do que os adelos de um inforcado no oratorio; chora-se com as *Tristes* de Ovidio, porque se não imejava com as meditações de Lamartine. lromacha despedindo-se de Heitor ás portas Troia, Priamo supplicante aos pés do mata-de seu filho, Hellena luctando entre o re-so do seu crime e o amor de Páris, não ti-m ainda sido eclipsados pelas declamações

da mãe Eva ás grades do paraizo terreal. O c
bate de Achilles e Heitor, das hostes argivas
as troianas, não tinha sido mettido n'um chi
pelas batalhas campaes dos anjos bons e dos
jos maus á metralhada por essas nuvens. I
chorando por Eneas não tinha sido reduzi
donzella choramingas d'Alfama carpindo
seu *Manel* que vae para a India...

Realmente o seculo estava muito atraz
Milton não se tinha ainda sentado no loga
Homero, Shakspeare no de Euripedes, e lord
ron acima de todos: emfim não estava aind
glizado o mundo, portanto *a marcha do int*
cto no mesmo terreno, é tudo uma miseria.

Ora pois, o nosso Camões, creador da epo
e — depois do Dante — da poesia moderna,
se atrapalhado; misturou a sua crença relig
com o seu credo poetico e fez, *tranchons le*
uma semsaboria.

E aqui direi eu com o vate Elmano:

> Camões, grande Camões, quam similhante
> Acho teu fado ao meu quando os cotejo!

[ou fazer outra semsaboria eu, n'este bello
ıitulo da minha obra-prima. Que remedio!
ciso fallar com um illustre finado, preciso de
car a sombra de um grande genio que hoje
bita com os mortos. E onde irei eu? Ao infer-
? Espero que a divina justiça se apiedasse
lle na hora dos ultimos arrependimentos. Ao
rgatorio, ao empyreo? Apezar do exemplo da
ivina *Comedia*, não me atrevo a fazer come-
ıs com taes logares de scena, — e não sei, não
sto de brincar com essas coisas.

Não lhe vejo remedio senão recorrer ao bem
rado dos Elysios, da Styge, do Cocyto e seu
'mo: são terrenos neutros em que se póde par-
nentar com os mortos sem compromettimento
'io, e...

Eis-me ahi no êrro de Camões — e nas unhas
criticos; e as zagunchadas a ferver em cima
mim, que fiz, que aconteci...

Mas, senhores, ponderem, venham ca: o que
le um homem fazer? O Dante não sei que
ia teve que baptisou Publio Virgilio Marão
a lhe servir de cicerone nas regiões do infer-

no, do paraizo e do purgatorio christão, e t
tam boa fortuna que nem o queimou a inqu
ção nem o descompoz a Crusca, nem sique
mutilaram os censores, nem o perseguiram
legados por abuso de liberdade de imprer
nem o mandaram para os dignos pares... Nã
tinham ainda descoberto as mangações liber
que se usam hoje: e as cartas que o povo ti
era liberdade ganha e sustentada á ponta
espada, com muito coração e poucas palav
muito patriotismo, poucas leis... e menos r
torios. Não havia em Florença nem gazeta p
louvar as tolices dos ministros, nem minis
para pagar as tolices da gazeta.

O Dante foi proscripto e exilado, mas nã
ficou a escrever, deu catanada qne se rega
nos inimigos da liberdade da sua patria.

Quem dera ca um batalhão de poetas c
aquelle!

Que fosse porêm um triste vate de hoje e
ver no seculo das luzes o que escrevia o D
no seculo das trevas! Os proprios philoso
gritavam: Que escandalo! Atheus professo

mavam contra a irreverencia; gentes que não teem religião, nem a de Mafoma, bradavam pela religião: entravam a pôr carapuças nas cabeças uns dos outros, cahiam depois todos sôbre o poeta, e—se o não podessem inforcar, pelo menos declaravam-n'o republicano, que dizem elles que é uma injúria muito grande.

Nada! viva o nosso Camões e o seu maravilhoso mistiforio; é a mais commoda invenção d'este mundo: vou-me com ella, e ralhe a critica quanto quizer.

Quero procurar no reino das sombras não menor pessoa que o marquez de Pombal: tenho que lhe fazer uma pergunta séria antes de chegar ao Cartaxo. E nós ja vamos por entre as riccas vinhas que o circumdam como uma zona de verdura e alegria. Depressa o ramo de oiro que me abra ao pensamento as portas fataes—depressa a unctuosa sopetarra com que heide atirar ás tres gargantas do canzarrão. Vamos...

Mas em que districto d'aquellas regiões achalei eu o primeiro ministro d'elrei D. José? Por onde está Ixion e Tantalo, por onde demora Sy-

sipho e outros maganões que taes? Não; esse é um bairro muito triste, e arrisca-se a ter por administrador algum escandecido que me atice as orelhas.

Nos Elysios com o pae Anchises e outros barbaças classicos do mesmo jaez? Eu sei? tambem isso não. Hade ser n'aquellas ilhas bemaventuradas de que falla o poeta Alceu e onde elle poz a passear, por eternas verduras, as almas tyrannicidas de Harmódio e Aristógiton...

Oh! ésta agora!... Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeiras, marquez de Pombal, de companhia com os seus inimigos politicos!... Ahi é que se inganam; não ha amigos nem inimigos politicos em se largando o mando e as pretenções a elle. Ora, passados os umbraes da eternidade, é de fe que se não pensa mais n'isso; C. J. X., que morreu a assignar uma portaria, ja tinha largado a penna quando chegou ali pelos *Prazeres;* quanto mais!...

O homem hade estar nas ilhas *beatas*. Vamos lá...

E ei-lo alli: lá está o bom do marquez a jogar o whist com o barão de Bidefeld, com o imperador Leopoldo e com o poeta Diniz. A partida deve de ser interessante, talvez aposta essa gente toda—esses manes todos que estão á roda. Que cara que fez o marquez a um finadinho que lhe foi metter o nariz nas cartas! Quem havia de ser! O intromettido de M. de Talleyrand. Estava-lhe cahindo. Mas não viu nada: o nobre marquez sempre soube esconder o seu jogo.

A mim é que elle ja me viu. 'Que diz?' 'Ah!... Sim senhor, sou portuguez; e venho fazer uma pergunta a V. Ex.ª, esclarecer-me sôbre um ponto importante.'

Deitou-me a tremenda luneta.

—'Para que mandou V. Ex.ª arrancar as vinhas do Ribatejo?'

Apertou a luneta no sobrôlho e sorriu-se.

—'Ellas ahi estão centuplicadas, que até ja invadiram o pinhal de Azambuja. Fez V. Ex.ª um despotismo inutil, e agora...'

'Agora quem bebe por lá todo esse vinho?'

Não sabia o que lhe havia de responder. Elle sacudiu a cabelleira de anneis, virou-me as costas, deu o braço a Colbert, passou por pé de Ricardo Smith e de J. Baptista Say, que estavam a disputar, incolheu os hombros em ar de compaixão, e foi-se por uma alameda muito viçosa que ia por aquelles deliciosos jardins dentro, e sumiu-se da nossa vista.

Eu sordi ca n'este mundo, e achei-me em cima da azemola, aopé do grande café de Cartaxo.

CAPITULO VII

Reflexões importantes sôbre o Bois-de-Boulogne, as carruagens de mollas, Tortoni, e o café do Cartaxo.—Dos cafés em geral, e de como são o characteristico da civilização de um paiz.—O Alfageme.— Hecatombe involuntaria immolada pelo A.—Historia do Cartaxo.—Demonstra-se como a Gran'Bretanha deveu sempre toda a sua força e toda a sua glória a Portugal.—Shakspeare e Laffitte, Miltton e Chateaumargot, Nelson e o principe de Joinville—Próva-se evidentemente que M. Guizot é a ruina de Albion e do Cartaxo.

Voltar á meia-noite do *Bois-de-Boulogne*—o bosque por excellencia,—descer, entre nuvens de poeira, o longo stadio dos Campos-Elysios, entrever, na rapida carreira, o obelisco de Luxor, as árvores das Tulherias, a columna da

praça Vandomme, a magnificencia he
de 'Magdalena', e emfim sentir parar,
soffreada magistral, os dois possantes
que nos trouxeram quasi de um-folleg
'boulevard de Gand': ahi entreabrir mol
os olhos, levantando meio corpo dos re
cochins de seda, e dizer. 'Ah! estamos
toni... que delicia um sorvete com
lor!'—é seguramente, é dos prazeres
d'este mundo, sente-se a gente viver;
hora de existencia que vale dez annos d
em qualquer outra parte do mundo.

Pois acredite-me o leitor amigo, que
ma coisa dos sabores e dissabores d'este
fie-se na minha palavra, que é de home
rimentado: o prazer de chegar por aque
a Tortoni, o apear da elegante calech
çada nas mais suaves mollas que fabrica
ingleza do puro aço de Suecia, não alca
se compara ao prazer e consolação de
corpo que eu senti ao apear-me da min
teira mula á porta do grande café do

Fazem idea do que é o café do Carta
fazem. Se não viajam, se não sahem, se n

mundo ésta gente de Lisboa! E passam a sua vida entre o Chiado, a rua do Oiro e o theatro de San'Carlos, como hãode alargar a esphera de seus conhecimentos, desinvolver o espirito, chegar á altura do seculo?

Coroae-vos de alface, e ide jogar o bilhar, ou fazer sonetos á dama nova, ide que não prestaes para mais nada, meus queridos Lisboetas; ou discuti os deslavados horrores de algum mellodrama velho que fugiu assoviado da 'Porte-Saint-Martin' e veiu esconder-se na Rua-dos-Condes. Tambem podeis ir aos Toiros — estão imbolados, não ha perigo...

Viajar?... qual viajar! até á Cova-da-Piedade, quando muito, em dia que lá haja cavallinhos. Pois ficareis alfacinhas para sempre, cuidando que todas as praças d'este mundo são como a do Terreiro-do-Paço, todas as ruas como a rua Augusta, todos os cafés como o do Marrare.

Pois não são, não: e o do Cartaxo menos que nenhum.

O café é uma das feições mais characteristicas

de uma terra. O viajante experimentado e fin
chega a qualquer parte, entra no café, observa-o,
examina-o, estuda-o, e tem conhecido o paiz
em que está, o seu governo, as suas leis, os
seus costumes, a sua religião.

Levem-me de olhos tapados onde quizerem, não me desvendem senão no café; e protesto-lhe que em menos de dez minutos lhe digo a terra em que estou se for paiz sublunar.

Nós entrámos no café do Cartaxo, o grande café do Cartaxo; e nunca se incruzou turco em divan de seda do mais esplendido café de Constantinopla com tanto gôso de alma e satisfação de corpo, como nós nos sentámos nas duras e asperas tábuas das esguias banquetas mal sarapintadas que ornam o magnifico estabelecimento bordalengo.

Em poucas linhas se descreve a sua simplici
dade classica: será um parallelogrammo pouc
maior que a minha alcova; á esquerda duas me
zas de pinho, á direita o mostrador invidraçad
onde campeam as garrafas obrigadas de liqu
de amendoa, de canella, e cravo. Pendem do t

, laboriosamente arrendados por não vulgar oira, os pingentes de papel, convidando a las-o repouso a inquieta raça das moscas. Reina ıa frescura admiravel n'aquelle recinto.

Sentámo'-nos, respirámos largo, e entrámos n conversa com o dono da casa, homem de inta a quarenta annos, de physionomia experta sympathica, e sem nada do repugnante villão-im que é tão usual de incontrar por similhan-s logares da nossa terra.

—'Então que novidades ha por ca pelo Car-ıxo, patrão?'

—'Novidades! Por aqui não temos senão o que m de Lisboa.—Ahi está a 'Revolução' de ntem....

—'Jornaes, meu caro amigo! Vimos fartos isso. Diga-nos alguma coisa da terra. Que faz r ca o...'

—'O mestre J. P.' o 'Alfageme?'

—'Como assim o Alfageme?'

—'Chamam-lhe o Alfageme ao mestr
pois então! Uns senhores de Lisboa *que*
tiveram em casa do Sr. D. poseram-lh
nome, que a gente bem sabe o que é; e
lhe, que agora ja ninguem lhe chama s
Alfageme. Mas quanto a mim, ou elle nã
fageme, ou não o hade ser muito tempo.
aquelle, não. Eu bem me intendo.'

A conversação tornava-se interessant
pecialmente para mim: quizemos profu
caso:

—' Muito me conta, Sr. patrão! Com q
de ser Alfageme, parece-lhe que é coisa d

—'Parece-me o que é, e o que hade p
a todo o mundo. E alguma coisa sabemos
Cartaxo, do que vai por elle. O verdadeir
geme diz que era um espadeiro ou armei
tileiro ou coisa que o valha, na Ribeira c
tarem; e que foi um homem capaz, e qu
pelo povo, e que não queria saber de pa
e que dizia elle: 'Rei que nos inforque,
que nos excommungue, nunca hade falt
sim, deixar os outros brigar, trabalhemo

nossa vida.' Mas que extrangeiros
ria, que ésta terra que era nossa e
ente se devia de governar. E mais
: e que por fim o deram por traidor
n quanto tinha. Mas que lhe valeu o
e o não deixou arrazar, porque era
em e fidalgo ás direitas. Pois não é
i?'

, meu amigo. Mas então d'ahi?'

d'ahi o que se tira, é que quando
os como o sancto Condestavel tam-
Alfagemes como o de Santarem. E

tamente. Mas porque chamaram ao
Alfageme do Cartaxo?'

digo aos senhores: o homem nem
m era assado. Fallava bem, tinha sua
povo. D'ahi fez-se juiz, pôs por ahi
a direito—Deus sabe as que elle in-
em!... ganhou nome no povo, e ago-
o que quer. Se lhe der sempre para
erá.—Os senhores não tomam nada?

O bom do homem visivelmente não queria
lar mais: e não deviamos importuná-lo. Fize
o sacrificio de bom número de limões que
premêmos em profundas taças — vulgo, cop
canada — e com agua de assucar, offerec
as devidas libações ao genio do logar.

Infelizmente o sacrificio não foi de to
cruento. Muitas hecatombes de myrmidões
ram no holocausto, e lhe deram um cheiro
bor que não sei se agradou á divindade, m
injoou terrivelmente aos sacerdotes.

Sahimos a visitar o nosso bom amigo, o
D., a honra e a alegria do Ribatéjo. Ja e
bía da nossa chegada, e vinha no caminh
nos abraçar.

Fomos dar, junctos, uma volta pela te

É das povoações mais bonitas de Port
Cartaxo, aceada, alegre; parece o bairro
bano de uma cidade.

Não ha aqui monumentos, não ha aq
toria antiga: a terra é nova, e a sua pros

ɜscimento dàtam de trinta ou quarenta
esde que o seu vinho começou a ter fama.
hida do que foi, pela estagnação d'aquel-
ercio, ainda é comtudo a melhor coisa
-d'agua.

ːm historia antiga, disse; mas tem-n'a
e importantissima.

emorias aqui não ficaram da guerra pe-
Que espantosas borracheiras aqui não
os mais famosos generaes, os mais dis-
ıilitares da nossa *antiga e fiel* alliada,
ı então, ao menos, nos bebia o vinho!

ːm isso!... hoje bebe a jacobina zurra-
rdeos, e as acerbas limonadas de Bor-
uem tal diria da conservativa Albion!
ɜe uma leal goella britannica, rasca-
ıcidos anarchicos d'aquellas vinagretas
, intoar devidamente o God-save-the-
ım *toast* nacional! Como, sem Porto ou
sem Lisboa, sem Cartaxo, ousa um sub-
nnico erguer a voz, n'aquella harmo-
ıafinação insular que lhe é propria e
ıarte do seu respeitavel character na-

cional — faz; não se riam: o inglez não canta senão quando bebe... alias quando está BEBIDO. *Nisi potus ad arma ruisse*. Inverta: *Nisi potus in cantum prorumpisse*... E pois, como hade elle assim *bebido* erguer a voz n'aquelle sublime e tremendo hymno popular Rulle-Britannia!

Bebei, bebei bem zurrapa franceza, meus amigos inglezes; bebei, bebei a pêzo de oiro, essas limonadas dos burgraves e margraves de Allemanha; chamae-lhe, para vos illudir, chamae-lhe *hoc*, chamae-lhe *hic*, chamae-lhe o *hic hæc hoc* todo, se vos dá gôsto... que em poucos annos veremos o estado de *acetato* a que hade ficar reduzido o vosso character nacional.

Oh gente cega a quem Deus quer perder! pois não vêdes que não sois nada sem nós, que sem o nosso alcohol, d'onde vos vinha espirito, sciencia, valor, ides cahir infallivelmente na antiga e priguiçosa rudeza saxonia!

D'essas traidoras praias da França d'onde vos vai hoje o veneno corrosivo da vossa indole e da vossa fôrça, não tardará que tambem vos chegue outro Guilherme bastardo que vos conquiste

s castigue, qne vos faça arrepender, mas tar-
lo criminoso êrro que hoje commetteis, ó in-
es sem fé, em abandonar a nossa alliança.
ssa alliança sim, a nossa poderosa alliança
ı qual não sois nada.

[ue é um inglez sem Porto ou Madeira...
'arcavellos ou Cartaxo?

: se inspirasse Shakspeare com Lafitte, Mil-
›m Chateaumargot—o chanceller Bacon
: dilluisse no melhor Borgonha... e veria-
; acidulos versinhos, os destemperados ra-
inhos que faziam.

1 todas as suas dietas, Newton nunca se
u de beber Johannisberg: Byron antes
a *gin*, antes agua do Thamisa, ou do Pami-
que essas escorreduras das areias de Bor-

ıe-lhe o Porto aos vossos almirantes, e nin-
mais teme que torneis a ter outro Nelson.
nos planos do principe de Joinville fazer-
:ber da sua zurrapa: são tantos pontos de
o que lhe daes no seu jôgo.

É M. Guizot quem perde a Inglaterra com a sua alliança; e tambem perde o Cartaxo. Por isso eu ja não quero nada com os doutrinarios.

....

Ha dôze annos tornou o Cartaxo a figurar conspicuamente na historia de Portugal. Aqui, nas longas e terriveis luctas da última guerra de *successão*, esteve muito tempo o quartel-general do marquez de Saldanha.

Alguns dythirambos se fizeram; alguns echos das antigas canções bacchicas do tempo da guerra peninsular ainda acordaram ao som dos hymnos constitucionaes.

Mas o systema liberal, tirada a epoca das eleições, não é grande coisa para a indústria vinhateira, dizem. Eu não o creio porêm; e tenho minhas boas razões, que ficam para outra vez.

CAPITULO VIII

Sahida do Cartaxo.—A charneca. Perigo imminente em que o A. se acha de dar em poeta e fazer versos.—Ultima revista do imperador D. Pedro ao exército liberal.—Batalha de Almoster.—Waterloo.—Declara o A. solemnemente que não é philosopho, e chega á ponte da Asseca.

Eram dadas cinco da tarde, a calma declinava; montámos a cavallo, e cortámos por entre os viçosos pampanos que são a glória e a belleza do Cartaxo; as mulinhas tinham refrescado e to-

mado ânimo; breve, nos achámos em plena chaneca.

Bella e vasta planicie! Desafogada dos raios do sol, como ella se desenha ahi no horisonte tam suavemente! què delicioso aroma selvagem que exhalam éstas plantas, acres e tenazes de vida, que a cobrem, e que resistem verdes e viçosas a um sol portuguez de julho!

A doçura que mette n'alma a vista refrigerante de uma joven seara do Ribatejo nos primeiros dias de abril, ondulando lascivamente com a brisa temperada da primavera, — a amenidade bucolica de um campo minhoto de milho, á hora da rega, por meados de agosto, a ver-se-lhe pullar os caules com a agua que lhe anda por pé, e á roda as carvalheiras classicamente desposadas com a vide coberta de racimos pretos — são ambos esses quadros de uma poesia tam graciosa e cheia de mimo, que nunca a dei por bem traduzida nos melhores versos de Theocrito ou de Virgilio, nas melhores prosas de Gesner ou de Rodrigues-Lobo.

A majestade sombria e solemne de um bos-

; antigo e copado, o silencio e escuridão de s moitas mais fechadas, o abrigo solitario suas clareiras, tudo é grandioso, sublime, pirador de elevados pensamentos. Medita-se por fôrça; isola-se a alma dos sentidos pelo ve adormecimento em que elles cahem . . . e ıs, a eternidade —as primitivas e innatas ıs do homem — ficam unicas no seu pensanto . . .

; assim. Mas um rochedo em que me eu sente pôr do sol na gandra erma e selvagem, vesapenas de pastio bravo, baixo, e tosqueado te da bôcca do gado—diz-me coisas da terra) ceo que nenhum outro espectaculo me diz ıatureza. Ha um vago, um indeciso, um vaıso n'aquelle quadro que não tem nenhum o.

ão é o sublime da montanha, nem o augusto ıosque, nem o ameno do valle. Não ha ahi ı que se determine bem, que se possa definpositivamente. Ha a solidão que é uma idea ıtiva . . .

u amo a charneca.

Eu não sou romanesco. Romantico, Deu: livre de o ser — ao menos, o que na algaravi hoje se intende por essa palavra.

Ora a charneca d'entre Cartaxo e Santarc áquella hora que a passámos, começava a t esse tom, e a achar-lhe eu esse incanto indefin vel.

Sentia-me disposto a fazer versos... a quê? Não sei.

Felizmente que não estava so, e escapei de mais essa caturrice.

Mas foi como se os fizesse, os versos, como se os tivesse fazendo, porque me deixei cahir n'um verdadeiro estado poetico de distracção, de mudez — cessou-me a vida toda de *relação*, e não sentia existir senão por dentro.

Derepente acordou-me do lethargo uma voz que bradou: — 'Foi aqui! ... aqui é que foi, não ha dúvida.'

— 'Foi aqui o quê?

—'A última revista do imperador.'

—'A última revista! Como assim a última revista! Quando? Pois?...'

Então cahi completamente em mim, e recordei-me, com amargura e desconsolação, dos tremendos sacrificios a que foi condemnada ésta geração, Deus sabe para quê—Deus sabe se para expiar as faltas de nossos passados, se para comprar a felicidade de nossos vindouros...

O certo é que alli comeffeito passára o imperador D. Pedro a sua última revista ao exército liberal. Foi depois da batalha d'Almoster, uma das mais lidadas e das mais insanguentadas d'aquella triste guerra.

Toda a guerra civil é triste.

E é difficil dizer para quem mais triste, se para o vencedor ou para o vencido.

Ponham de parte questões individuaes, e examinem de boa fe: verão que, na totalidade de cada facção em que a nação se dividiu, os ga-

nhos, se os houve para quem venceu, não balançam os padecimentos, os sacrificios do passado, e menos que tudo, a responsabilidade pelo futuro...

Eu não sou philosopho. Aos olhos do philosopho, a guerra civil e a guerra extrangeira, tudo são guerras que elle condemna — e não mais uma do que a outra... a não ser Hobbes o ditto philosopho, o que é coisa muito differente.

Mas não sou philosopho, eu: estive no campo de Waterloo, sentei-me aopé do Leão de bronze sôbre aquelle monte de terra amassado com o sangue de tantos mil, vi — e eram passados vinte annos — vi luzir ainda pela campina os os sos brancos das victimas que alli se immolaram a não sei quê... Os povos disseram que á liberdade, os reis que á realeza... Nenhuma d'ellas ganhou muito, nem para muito tempo com a tal victoria...

Mas deixemos isso. Estive alli, e senti baterme o coração com essas recordações, com essas memorias dos grandes feitos e gentilezas que alli se obraram.

que será que aqui não sinto senão tristeza?

'que luctas fratricidas não podem inspirar sentimento e porque...

1 moía commigo so éstas amargas reflexões, la a belleza da charneca desappareceu deane mim.

N'esta desagradavel disposição de ánimo chemos á ponte da Asseca.

CAPITULO IX

enos dramatico-litterarios, que muito naturalmente
apezar de alguns rodeios, ao retrospecto e recon-
ão do capitulo antecedente.—Livros que não de-
er titulo, e titulos que não deviam ter livro.—Dos
d'este seculo. Bonaparte, Rotchild e Silvio-Pélli-
Chega-se ao fim d'estas reflexões e á ponte da As-
-Traducção portugueza de um grande poeta.—Ori-
e um dictado.—Junot na ponte da Asseca.—De
o A. d'este livro foi jacobino desde pequeno.—In-
que lhe deram.—A duqueza de Abrantes.—Che-
emfim ao valle de Santarem.

ı aqui ha coisa de cinquenta para sessen-
ıs, n'esta boa terra de Portugal, um figu-
uisitissimo que tinha inquestionavelmente
ıcto de descobrir assumptos dramaticos

nacionaes—ainda, ás vezes, a arte de desenhar bem o seu quadro, de lhe grupar, não sem mérito, as figuras: mas ao pô-las em acção, ao colori-las, ao fazê-las fallar... boas noites! era semsaboria irremediavel.

Deixou uma collecção immensa de peças de theatro que ninguem conhece, ou quasi ninguem, e que nenhuma soffreria, talvez, representação; mas rara é a que não poderia ser arranjada e appropriada á scena.

Que mina tão rica e fertil para qualquer mediano talento dramatico! Que bellas e portuguezas coisas se não podem extrahir dos treze volumes —são treze volumes e grandes!— do theatro de Ennio-Manuel de Figueiredo! Algumas d'essas peças, com bem pouco trabalho, com um dialogo mais vivo, um stylo mais animado, fariam comedias excellentes.

Estão-me a lembrar éstas:

'O Casamento da Cadea'—ou talvez se chame outra coisa, mas o assumpto é este; comedia cujos characteres são habilmente esboçados, fun-

lla nossa antiga lei que fazia casar
que assim se suppunha podêrem re-
damnos de reputação feminina.

de sua casa', satyra mui graciosa
ommum ridiculo nosso.

educações', bello quadro de costu-
s rapazes, ambos extrangeiramente
m francez, outro inglez, nenhum
eminentemente comico, frisante,
agora se diz á moda, 'palpitante de

comedia ja remoçada da antiga co-
reira e que em si tem os germens
s ricca e original composição.

lissipador', cujo so titulo mostra o
venção de quem tal assumpto con-
ipto ainda não tractado por nenhum
riptores dramaticos de nação algu-
odavia um vulgar ridiculo, todos os
do no mundo.

s mais, não fica n'estas, as compo-

sições do fertilissimo escriptor que, passadas pelo crivo de melhor gôsto, e animadas sôbre tudo no stylo, fariam um rasoavel repertorio para accudir á mingua dos nossos theatros.

Uma das mais semsabores porêm, a que vulgarmente se haverá talvez pela mais semsabor, mas que a mim mais me diverte pela ingenuidade familiar e sympathica de seu tom maguado e melancholicamente chocho, é a que tem por titulo 'Poeta em annos de prosa'.

E foi por ésta, foi por amor d'esta que me eu deixei descahir na digressão dramatico-litteraria do principio d'este capitulo; pegou-se-me á penna porque se me tinha pregado na cabeça; e ou o capitulo não sahia, ou ella havia de sahir primeiro.

Poeta em annos de prosa! Oh Figueiredo, Figueiredo, que grande homem não foste tu, pois imaginaste esse titulo que so elle em si é um volume! Ha livros, e conheço muitos, que, não deviam ter titulo, nem o titulo é nada n'elles.

Faz favor de me dizer o de que serve, o que

ica o 'Judeu errante' pôsto no frontispicio
: interminavel e mercatorio romance que
nda pelo mundo, mais errante, mais sem
nais immorredoiro que o seu prototypo?

a titulos tambem que não deviam ter livro,
e nenhum livro é possivel escrever que os
penhe como elles merecem.

eta em annos de prosa' é um d'esses.

não leio nenhuma das raras coisas que hoje
revem verdadeiramente bellas, isto é, sim-
verdadeiras, e por consequencia sublimes,
ão exclame com sincero pesadume ca de
): 'Poeta em annos de prosa!'

s este é seculo para poetas? ou temos nós
; para este seculo?...

nos sim, eu conheço tres: Bonaparte, Sil-
éllico e o barão de Rotchild.

primeiro fez a sua Iliada com a espada, o
ido com a paciencia, o último com o di-
).

São os tres agentes, as tres entidad(
divindades da epocha.

Ou cortar com Bonaparte, ou con
Rotchild, ou soffrer e ter paciencia c(
Péllico.

Todo o que fizer d'outra poesia —
prosa tambem — é tolo...

Vieram-me éstas mui judiciosas r
proposito do capitulo antecedente d'e
obra prima; e lancei-as aqui para in
edificação do leitor benevolo.

Acabei com ellas quando chegámc
da Asseca.

Esquecia-me dizer que d'aquelles tr
poetas so um está traduzido em port
Rotchild: não é litteral a traducção, ı
se e ficou muito suja de erros de impr
como não ha outra...

Ora d'onde veiu este nome da Asseca
aqui perto deve de haver sitio, logaı

ie o valha, com o nome de Meca; e d'ahi talvez admiravel rifão portuguez que ainda não foi em examinado como devia ser, e que decerto ıcerra algum grande dictame de moral primiva: 'andou por Secca (Asseca?) e Meca e oliaes de Santarem.'—Os taes Olivaes ficam logo diante. É uma etymologia como qualquer outra.

A ponte da Asseca corta uma varzea immensa ue hade ser um vasto pahul de hynverno: ainda gora está a desangrar-se em agua por toda a arte.

É notavel na historia moderna este sítio. Aqui um recontro com os nossos, foi Junot gravcente ferido, ferido na cara. *'Il ne sera plus au garçon'* disse o parlamentario francez que iu, depois da acção, tractar, creio eu, de troca prisioneiros ou de coisa similhante. Mas inhou-se o parlamentario; Junot ainda ficou muiguapo e gentil homem depois d'isso.

Tenho pena de nunca ter visto o Junot nem o neta [1], as duas primeiras notabilidades que

[1] Chamavam assim por escarneo, em Portugal, ao gene- Loison a quem faltava um braço.

ouvi aclamar como taes e cujos nomes conhe-
Ingano-me: conheci primeiro o nome de B
parte. E lembra-me muito bem que nunc
persuadi que elle fosse o monstro disforme
horroroso que nos pintavam frades e velha
n'aquelle tempo. Imaginei sempre que, para ex
citar tantos odios e malquerenças, era necess
rio que fosse um bem grande homem.

Desde pequeno que fui jacobino: ja se ve:
de pequeno me custou caro. Levei bons puchõ
de orelhas de meu pae por comprar na feira d
San'Lazaro, no Porto, em vez das gaitinhas
dos registos de sanctos, ou das outras bugiga
gas que os mais rapazes compravam... não im
ginam o quê... um retrato de Bonaparte.

Foi 'inguiço' — diria uma senhora do meu c
nhecimento que acredita n'elles: foi inguiço q
ainda se não desfez e que toda a vida me te
perseguido.

Quem me diria quando, por esse primeiro p
cado politico da minha infancia, por esse prim
ro tractamento duro, e — perdoe-me a respeita
memoria de meu sancto pae! — injustissimo, q

)uxe o mero instincto das ideas liberaes,
me diria que eu havia de ser perseguido
as toda a vida! que apenas sahido da pu-
c havia de ir a essa mesma França, á
d'esses homens e d'essas ideas com quem
ıa natureza sympathisava sem saber por-
ıscar asylo e guarida?

vi ja quasi nenhum d'aquelles que tanto
a conhecer: as ruinas do grande imperio
ı dispersas; os seus generaes mortos, des-
s, ou trajavam interesseiros e covardes as
o vencedor...

)das as grandes figuras d'essa epocha, a
lhor conheci e tractei foi uma senhora,
graça, de amabilidade e de talento. Pouco
)sso tracto, mas quanto bastou para me
:, para me formar no espirito um modêlo
: e merecimento feminino que me veiu a
ıito mal.

. depois a encher aquella altura que se
...

ui como eu fiz esse conhecimento.

Inda o estou vendo, coitado! o pobre C. do S., nobre, espirituoso, cavalheiro, fazendo-se perdoar todos os seus prejuizos de casta, que tinha como ninguem, por aquella polidez superior e affabilidade elegante que distingue o verdadeiro fidalgo (stylo antigo); inda o estou vendo, ja sexagenario, ja mais que 'ci-devant jeun' homme', o pescoço intallado na inflexivel gravata, os pés pegando-se-lhe, como os de Ovidio, ao limiar da porta — não que lh'os prendessem saudades, senão que lh'os paralysava a cachexia incipiente — mas o espirito joven a reagir e a teimar.

— 'Vamos!' disse elle 'hoje estou bom, sinto-me outro: quero apresentá-lo a madame de Abrantes. Está tam velha! Isto de mulheres não são como nós, passam muito depressa.'

E o desgraçado tremiam-lhe as pernas, e suffocava-o a tosse.

Tomámos uma 'citadine', e fomos comeffeito á nova e elegante rua chamada não impropriamente a rua de Londres, onde achámos rodeada de todo o esplendor do seu occaso aquella formosa estrella do imperio.

Não quero dizer que era uma belleza, longe d'isso. Nem bella nem moça, nem airosa de fazer impressão era a duqueza d'Abrantes. Mas em meia hora de conversação, de tracto, descobriam-se-lhe tantas graças, tanto natural, tanta amabilidade, um complexo tam verdadeiro, e)erfeito da mulher franceza, a mulher mais seluctora do mundo, que involuntariamente se lizia a gente no seu coração: 'Como se está bem qui!'

Fallámos de Portugal, de Lisboa, do imperio ·da restauração, da revolução de julho (isto era ı 1831), de M. de Lafayette, de Luiz-Philippe, Chateaubriand — o seu grande amigo d'ella — *Sacré-Cœur* e das suas elegantes devotas — lámos artes, poesia, politica... e eu não tinha imo para acabar de conversar...

Benevolo e paciente leitor, o que eu tenho deto ainda é consciencia, um resto de conscien-: acabemos com éstas digressões e perennaes agações minhas. Bem vejo que te deixei pao á minha espera no meio da ponte da Asseca. doa-me por quem es, dêmos d'espora ás muas, e vamos que são horas.

Ca estâmos n'um dos mais lindos e delic
sitios da terra: o valle de Santarem, patria
rouxinoes e das madresilvas, cincta de faias
las e de loureiros viçosos. D'isto é que não
Paris, nem França nem terra alguma do
dente senão a nossa terra, e vale bem por tantas
tantas coisas que nos faltam.

CAPITULO X

Santarem.—Namora-se o A. de uma janella que ve
tre umas árvores.—Conjecturas várias a respeito
a janella.—Similhança do poeta com a mulher na-
ı, e inquestionavel inferioridade do homem que não
ı.—Os rouxinoes. Reminiscencia de Bernardim-Ri-
: das suas saudades.—De como o A. tinha quasi
to o seu romance, menos um vestido branco e uns
ıretos.—Sabem verdes os olhos com grande admi-
pasmo seu.—Verificam-se as conjecturas sôbre a
iosa janella.—A menina dos rouxinoes.—Censura
nas muito para temer, critica dos elegantes muito
:.—Começa o primeiro episodio d'esta Odyssea.

le de Santarem é um d'estes logares pri-
os pela natureza, sitios amenos e delei-
n que as plantas, o ar, a situação, tudo
ıma harmonia suavissima e perfeita: não

ha alli nada grandioso nem sublime, mas ha uma como symetria de côres, de sons, de disposição em tudo quanto se ve e se sente, que não parece senão que a paz, a saude, o socego do espirito e o repouso do coração devem viver alli, reinar alli um reinado de amor e benevolencia. As paixões más, os pensamentos mesquinhos, os pezares e as villezas da vida não podem senão fugir para longe. Imagina-se por aqui o Eden que o primeiro homem habitou com a sua innocencia e com a virgindade do seu coração.

Á esquerda do valle, e abrigado do norte pela montanha que alli se corta quasi a pique, está um macisso de verdura do mais bello viço e variedade. A faia, o freixo, o alamo interlaçam os ramos amigos; a madresilva, a musqueta penduram de um a outro suas grinaldas e festões; a congossa, os fettos, a malvarosa do vallado vestem e alcatifam o chão.

Para mais realçar a belleza do quadro, ve-se por entre um claro das árvores a janella meia aberta de uma habitação antiga mas não dilapidada — com certo ar de confôrto grosseiro, e carregada na côr pelo tempo e pelos vendavaes do

sul a que está exposta. A janella é larga e baixa; parece mais ornada e tambem mais antiga que o resto do edificio que todavia mal se ve...

Interessou-me aquella janella.

Quem terá o bom gôsto e a fortuna de morar alli?

Parei e puz-me a namorar a janella.

Incantava-me, tinha-me alli como n'um feitiço.

Pareceu-me entrever uma cortina branca... e um vulto por detraz... Imaginação de certo! Se o vulto fosse feminino!... era completo o romance.

Como hade ser bello ver pôr o sol d'aquella janella!...

E ouvir cantar os rouxinoes!...

E ver raiar uma alvorada de maio!...

Se haverá alli quem a approveite, a deliciosa

janella?... quem apprecie e saiba g(
prazer tranquillo, todos os sanctos gos
que parece que lhe andam esvoaçandc

Se fôr homem é poeta; se é mulh
morada.

São os dois entes mais parecidos d:
o poeta e a mulher namorada: vêeı
pensam, fallam como a outra gente ı
sente, não pensa nem falla.

Na maior paixão, no mais acrysol
do homem que não é poeta, entra se
tanto da vil prosa humana: é liga sen
lavra o mais fino de seu oiro. A mul
mulher apaixonada devéras sublima
za-se logo, toda ella é poesia; e não l
sica, interêsse material, nem deleit(
que a façam descer ao positivo da
prosaica.

Estava eu n'estas meditações, cc
rouxinol a mais linda e desgarrada c
ha muito tempo me lembra de ouvir.

Era aopé da ditta janella!

E respondeu-lhe logo outro do lado opposto; e travou-se entre ambos um desafio tam regular em strophes alternadas tam bem medidas, tam accentuadas e perfeitas, que eu fiquei todo dentro do meu romance, esqueci-me de tudo mais.

Lembrou-me o rouxinol de Bernardim-Ribeiro, o que se deixou cahir n'agua de cançado.

O arvoredo, a janella, os rouxinoes... áquella hora, o fim da tarde... que faltava para completar o romance?

Um vulto feminino que viesse sentar-se áquelle balcão — vestido de branco — oh! branco por fôrça... a frente descahida sôbre a mão esquerda, o braço direito pendente, os olhos alçados ao ceo... De que côr os olhos? Não sei, que importa! é amiudar muito demais a pintura, que deve ser a grandes e largos traços para ser romantica, vaporosa, desenhar-se no vago da idealidade poetica...

—'Os olhos, os olhos...' disse eu pensando ja alto, e todo no meu extasi, 'os olhos... pretos.'

—'Pois eram verdes!'

—'Verdes os olhos... d'ella, do vulto da j
nella?'

—'Verdes como duas esmeraldas orienta
transparentes, brilhantes, sem preço.'

—'Quê! pois realmente?... É gracejo i
ou realmente ha alli uma mulher, bonita, e?

—'Alli não ha ninguem—ninguem que s
meie hoje, mas houve... oh! houve um
um anjo, que deve de estar no ceo.'

—'Bem dizia eu que aquella janella...

—'É a janella dos rouxinoes.'

—'Que lá estão a cantar.'

—'Estão, esses lá estão ainda como l
annos— os mesmos ou outros, mas a *n*
dos rouxinoes foi-se e não voltou.

—'A menina dos rouxinoes! que his

levéras tem uma historia aquella ja-

romance todo inteiro, *todo feito* os francezes, e conta-se em duas

s a elle. A menina dos rouxinoes, i olhos verdes! Deve ser interessan-nos á historia ja.'

amos. Apeemo'-nos e descancemos

que este dialogo passava entre mim nossos companheiros de viagem.

nos comeffeito; sentámo'-nos; e eis-ria da *menina dos rouxinoes* como ou.

iro episodio da minha Odyssea: es-lo de entrar n'elle porque dizem as elegantes da nossa terra que o por-é bom para isto, que em francez que o-sei-quê...

Eu creio que as damas que estão m
madas, e sei que os elegantes que são u
mas sempre tenho meu receio, porque
emfim, d'elles me rio eu; mas poesia ou
ce, musica ou drama de que as mulh
gostem, é porque não presta.

Ainda assim, bellas e amaveis leitora
damo'-nos: o que eu vou contar não
mance, não tem aventuras inredadas
cias, situações e incidentes raros; é um
simples e singela, sinceramente conta
pretenção.

Acabemos aqui o capitulo em fórm
logo; e a materia do meu conto para o s

CAPITULO XI

:ta-se do unico privilegio dos poetas que tambem os phi-
'sophos quizeram tirar, mas não lhes foi concedido; aos
omancistas sim. — Exemplo de Aristoteles e Anacreon-
e. — O A., tendo declarado no capitulo nono d'esta obra
jue não era philosopho, agora confessa, quasi solemne-
mente, que é poeta, e pretende manter-se, como tal, em
seu direito. — De como S. M. el-rei de Dinamarca tinha
menos juizo do que Yorick, seu bobo. — Doutrina d'este.
Funda n'ella o A. o seu admiravel systema de physiolo-
gia e pathologia transcendente do coração. Por uma de-
ducção apertada e cerrada da mais constrangente logica
vem a dar-se no motivo por que foi concedido aos poetas
o direito indefinido de andarem sempre namorados. — Ap-
plicam-se todas éstas grandes theorias á posição actual
do A. no momento de entrar no episodio promettido no ca-
pitulo antecedente. — Modestia e reserva delicada o obri-
gam a duvidar da sua qualificação para o desimpenho:
pede votos ás amaveis leitoras. Decide-se que a votação
não seja nominal, e porquê. — Dido e a mana Annica. —
Entra-se emfim na promettida historia. — De como a velha
estava á porta a dobar, e imbaraçando-se-lhe a meada,
chamou por Joanninha, sua neta.

Este é o unico privilegio dos poetas: que até
orrer podem estar namorados. Tambem não
es conheço outro. A mais gente tem as suas
oochas na vida, fóra das quaes lhes não é per-

mittido apaixonarem-se. Pretendera
se ao mesmo beneficio os philosoph
lhes foi consentido pela rainha Opi
soberana absoluta e juiz supremo d
appella nem aggrava ninguem.

Anacreonte cantou, de cabellos
seus amores, e não se estranhou.
mal teria a barba russa quando foi d
último namôro porque ainda hoje lh
tam a fama.

Ora eu philosopho seguramente
disse; de poeta tenho o meu pouc
fallar a verdade, meus ataques a
d'essa molestia, e bem podéra d
com elles de certas fragilidades de
Mas não senhor, não quero descul
quem tem culpa, senão defender-me
tem razão e justiça por si.

Estou com o meu amigo Yorick,
simo bobo d'el-rei de Dinamarca, c
annos depois ressuscitou em Sterne
gante penna, estou sim. 'Toda a mi
elle 'tenho andado apaixonado ja po
aquella princeza, e assim heide ir,

morrer, firmemente persuadido que se algum dia fizer uma acção baixa, mesquinha, nunca hade ser senão no intervallo de uma paixão á outra: n'esses interregnos sinto fechar-se-me o coração, esfria-me o sentimento, não acho dez réis que dar a um pobre... por isso fujo ás carreiras de similhante estado; e mal me sinto accesso de novo, sou todo generosidade e benevolencia outra vez.'

Yorick tem razão, tinha muito mais razão e juizo que seu augusto amo, el-rei de Dinamarca. Por pouco mais que se generalize o principio, fica indisputavel, inexcepcionavel para sempre e para tudo. O coração humano é como o estomago humano, não póde estar vazio, preciza de alimento sempre: são e generoso so as affeições lh'o podem dar; o odio, a inveja e toda a outra paixão má é estimulo que so irrita mas não sustenta. Se a razão e a moral nos mandam abster d'estas paixões, se as chymeras philosophicas, ou outras, nos vedarem aquellas, que alimento dareis ao coração, que hade elle fazer? Gastar-se sôbre si mesmo, consummir-se... Altera-se a vida, appressa-se a dissolução moral da existencia, a saude d'alma é impossivel.

O que póde viver assim, vive para fazer mal ou para não fazer nada.

Ora o que não ama, que não ama apaixonadamente, seu filho se o tem, sua mãe se a conserva, ou a mulher que prefere a todas, esse homem é o tal, e Deus me livre d'elle.

Sôbretudo que não escreva: hade ser um massador terrivel. Talvez seja este o motivo da indefinida permissão que é dada aos poetas de andarem namorados sempre.

O romancista gosa do mesmo fôro e tem as mesmas obrigações. É como o privilegio de desimbargador que tiravam d'antes os fidalgos, quando ser desimbargador valia alguma coisa... e tanta coisa!

Como heide eu então, eu que n'esta grave Odyssea das minhas viagens tenho de inserir o mais interessante e mysterioso episodio d'amor que ainda foi contado ou cantado, como heide eu fazê-lo, eu que ja não tenho que amar n'este mundo senão uma saudade e uma esperança — um filho no berço e uma mulher na cova?...

Será isto bastante? Dizei-o vós, ó benevolas eitoras, póde com isto so alimentar-se a vida do coração?

—Póde sim.

—Não póde, não.

—Estão divididos os suffragios: peço votação.

—Nominal?

—Não, não.

—Porquê?

—Porque ha muita coisa que a gente pensa, crê e diz assim a conversar, mas que não ousa nfessar publicamente, professar aberta e nomadamente no mundo...

Ah! sim... elle é isso? Bem as intendo, minas senhoras: reservêmos sempre uma sahida ra os casos difficeis, para as circumstancias traordinarias. Não é assim?

Pois o mesmo farei eu,

E pôsto que hoje, faz hoje um mez, em tal dia como hoje, dia para sempre assignalado na minha vida, me apparecesse uma visão, uma visão celeste que me surprehendeu a alma por um modo novo e estranho, e do qual não podia dizer decerto como a rainha Dido á mana Annica:

Reconheço o queimar da chamma antiga
Agnosco veteris vestigia flammæ;

pôsto que a visão passou e desappareceu... mas deixou gravada n'alma a certeza de que... Pôsto que seja assim tudo isto, a confidencia não passará d'aqui, minhas senhoras: tanto basta para se saber que estou sufficientemente habilitado para chronista da minha historia, e a minha historia é ésta.

Era no anno de 1832, uma tarde de verão como hoje calmosa, sêcca, mas o ceo puro e desabafado. Á porta d'essa casa entre o arvoredo, estava sentada uma velhinha bem passante dos settenta, mas que o não mostrava. Vestia uma especie de tunica roxa que apertava na cintura com um largo cinto de coiro preto, e que fazia resahir a alvura da cara e das mãos longas, descarnadas, mas não ossudas como usam

ãos de velhas; toucava-se com um lenço
escrupulosa brancura, e pôsto de um
articular a modo de toalha de freira; um
da mesma brancura, que tinha no peito
affectava, não menos, a fórma de um es-
rio de monja, completava o estranho ves-
da velha. Estava sentada n'uma cadeira
do mais classico feitio: textualmente pa-
a que serviu de modêlo a Raphael para o
bello quadro da *Madonna della Sedia*.

Como nota historica e illustração artistica, se-
me permittido juntar aqui em parenthesis
ie, não ha muito, vi em casa de um sapateiro
mendão, em Lisboa, no Bairro-alto, uma ca-
ira tal e qual; torneados pyramidaes, simples,
m nobreza, mas elegantes.

Tornemos á velhinha.

Estava ella alli sentada na ditta cadeira, e
inte de si tinha uma dobadoira que se movia
gularmente com o tirar do fio que lhe vinha
ás mãos a inrollar-se no ja crescido novêllo.

Era o unico signal de vida que havia em todo

esse quadro. Sem isso, velha, cadeira, (
ra, tudo pareceria uma graciosa sculp
Antonio-Ferreira ou um d'aquelles qua
verdadeiros do morgado de Setubal.

O movimento bem visivel da doba(
regular, e respondia ao movimento qua
ceptivel das mãos da velha. Era regula
mento, mas durava um minuto e parav
ia seguindo outros dois, tres minutos, t
parar: e n'esta regularidade de intern
se ia alternando como um pulso de um (
sezões.

Mas a velha não tremia, antes se tir
direita e aprumada: o parar do seu
porque o trabalho interior do espirito
de vez em quando, de intensidade, e lh
dia todo o movimento externo. Mas a s
era curta e mesurada: reagia a vontad
badoira tornava a andar.

Os olhos da velha é que tinham um
são singular: voltada para o poente, nã
d'essa direcção nem os inclinava de mc
para a dobadoira que lhe ficava um p(

squerda. Não pestanejavam, e o azul de suas
)illas, que devia de ter sido brilhante como o
s saphyras, parecia desbotado e sem lume.

O movimento da dobadoira estacou agora de
)ente, a velha poisou tranquillamente as mãos
' novêllo no regaço, e chamou para dentro de
a:

—'Joanninha?'

Jma voz doce, pura, mas vibrante, d'estas
es que se ouvem rara vez, que retinem den-
d'alma e que não esquecem nunca mais, res-
deu de dentro:

-'Senhora? Eu vou, minha avó, eu vou.'

-'Querida filha!... Como ella me ouviu logo!
a, deixa: vem quando podéres. É a meada
se me imbaraçou.'

velha era cega, cega de gotta-serena, e pa-
te, resignada como a providencia misericor-
a de Deus permitte quasi sempre que sejam
ue n'este mundo destinou á dura provança
am desconsolado martyrio,

CAPITULO XII

omo Joanninha desimbaraçou a meada da avó, e do mais ıe aconteceu. — Que casta de rapariga era Joanninha.— á o A. insigne próva de ingenuidade e boa fe confessando m grave senão do seu Ideal. Insiste porêm que é um adoavel defeito. — Em que se parece uma mulher desannelada com um Sansão tosquiado. — Pasmosas monstruosidades da natureza que desmentem o credo velho dos peralvilhos. — Os olhos verdes de Joanninha. — Religião dos olhos pretos strenuamente professada pelo A. Perigo em que ella se acha á vista de uns olhos verdes. — De como estando a avó e a neta a conversar muito de mano a mano, chega Frei Diniz e se interrompe a conversação. — Quem era Frei Diniz.

—'Aqui estou, minha avó: é a sua meada?... ı lh'a indireito:'— disse Joanninha sahindo de ntro, e com os braços abertos para a velha. ertou-a n'elles com ineffavel ternura, beijou-a

muitas vezes, e tomando-lhe o novêllo das mãos n'um instante desimbaraçou o fio e lh'o tornou a intregar.

A velha surria com aquelle surriso satisfeito que exprime os tranquillos gosos de alma, e que parecia dizer: 'Como eu sou feliz ainda, apezar de velha e de cega! Bemditto sejaes, meu Deus.'

Ésta última phrase, ésta bençam de um coração agradecido, que spira suavemente para o ceo como sobe do altar o fummo do incenso consagrado, ésta última phrase trasbordou-lhe e sahiu articulada dos labios:

—'Bemditto seja Deus, minha filha, minha Joanninha, minha querida neta. E Elle te abençoe tambem, filha!'

—'Sabe que mais, minha avó? Basta de trabalhar hoje, são horas de merendar.'

—'Pois merendêmos.'

Joanninha foi dentro da casa, trouxe uma banquinha redonda, cobriu-a com uma toalha al-

vissima, pôs em cima fructa, pão, queijo, vinho, chegou-a para aopé da velha, tirou-lhe o novêllo da mão e arredou a dobadoira. A velha comeu alguns bagos de um cacho doirado que a neta lhe escolheu e pôs nas mãos, bebeu um trago de vinho, e ficou callada e quieta, mas ja sem a mesma expressão de felicidade e contentamento socegado que ainda agora lhe luzia no rosto.

As animadas feições de Joanninha refletiam sympathicamente a mesma alteração.

Joanninba não era bella, talvez nem galante siquer no sentido popular e expressivo que a palavra tem em portuguez, mas era o typo da gentileza, o ideal da espiritualidade. N'aquelle rosto, n'aquelle corpo de dezaseis annos, havia por dom natural e por uma admiravel symetria de proporções toda a elegancia nobre, todo o desimbaraço modesto, toda a flexibilidade graciosa que a arte, o uso e a conversação da côrte e da mais escolhida companhia vem a dar a algumas raras e privilegiadas creaturas no mundo.

Mas n'esta foi a natureza que fez tudo, ou quasi tudo, e a educação nada ou quasi nada.

Poucas mulheres são muito mais baixas, parecia alta: tam delicada, tam *élancée* era ma airosa do seu corpo.

E não era o garbo teso e aprumado da pendicular *miss* ingleza que parece fundid uma so peça; não, mas flexivel e ondulante mo a hástea joven da árvore que é direita r dobradiça, forte da vida de toda a seiva ei que nasceu, e tenra que a estalla qualquer ve to forte.

Era branca, mas não d'esse branco importun das loiras, nem do branco terso, duro, marmoreo das ruivas—sim d'aquella modesta alvura da cera que se illumina de um pallido reflexo de rosa de Bengalla.

E d'outras rosas, d'estas rosas-rosas que denunciam toda a franqueza de um sangue que passa livre pelo coração e corre á sua vontade por arterias em que os nervos não dominam, d'essas não as havia n'aquelle rosto rosto sereno como é sereno o mar em dia d calma, porque dorme o vento... Alli dormiar as paixões.

Que se levante a mais ligeira brisa, basta o seu macio bafejo para increspar a superficie espelhada do mar.

Sussurre o mais ingenuo e suave movimento d'alma no primeiro accordar das paixões, e verão como se sobresaltam os musculos agora tam quietos d'aquella face tranquilla.

O nariz ligeiramente aquilino: a bôcca pequena e delgada não cortejava nem desdenhava o surriso, mas a sua expressão natural e habitual era uma gravidade singela que não tinha a menor aspereza nem doutorice.

Ha umas certas boquinhas gravesinhas e espremidinhas pela doutorice que são a mais abborrecidinha coisa e a mais pequinha que Deus permitte fazer ás suas creaturas femeas.

Em perfeita harmonia de côr, de fórma e de tom com a fina gentileza d'estas feições, os cabellos de um castanho tam escuro que tocava em preto, cahiam de um lado e outro da face, em tres longos, deseguaes e mal inrolados canudos, cuja ondada spiral se ia relaxando e diminuindo

para a extremidade, até lhe tocarem no collo quasi lisos.

Em stylo de arte—no stylo da primeira e da mais bella das bellas artes, a *toilette*—este é um defeito; bem sei.

Que votos, que novenas se não fazem a San' Barometro nas vésperas de um baile para lhe pedir uma atmosphera sêcca e benigna que deixe conservar, até á quarta contradança ao menos, a preciosa obra de carrapito e ferro quente, de macassar e mandolina que tanto trabalho e tanto tempo, tantos sustos e cuidados custou!

Bem sei pois que é defeito, é, será... mas que adoravel defeito! Que deliciosas imagens que excita de abandono—passe o gallicismo—de confiança, de absoluta e generosa renúncia a todo o capricho, de perfeita e completa abdicação de toda a vontade propria!

Em geral, as mulheres parecem ter no cabello a mesma fe que tinha Sansão: o que n'elle se ia em lh'os cortando, cuidam ellas que se lhes vai em lh'os desannellando? Talvez: e eu não es-

;e de o crer: canudo inflexivel, mulher
el.

ıralvilhos negam a existencia do tal ca-
rerum natura, dizem que é como a ave
que nasceu de nossos avós não saberem
Eu não digo tal, porque tenho visto des-
e a natureza em pasmosas monstruosi-

n suspendâmos, sem o terminar, o exa-
ta profunda e interessante questão. Fica
para um capitulo *ad hoc,* e voltêmos á
oanninha.

ım d'um lado e de outro da sua face gen-
lles graciosos anneis; e o resto do cabel-
era muito, ia intrançar-se, e inrolar-se
gela elegancia abaixo da coroa de uma
pequena, estreita e do mais perfeito mo-

ıbrancelhas, quasi pretas tambem, dese-
ı-se n'uma longa curva de extrema pure-
pestanas longas e assedadas faziam som-
alvura da face.

Os olhos porêm — singular capricho da natureza, que no meio de toda ésta harmonia quiz lançar uma nota de admiravel discordancia! Como poderoso e ousado *maestro* que no meio das phrases mais classicas e deduzidas da sua composição, atira derepente com um som agudo e stridulo que ninguem espera e que parece lançar a anarchia no meio do rythmo musical... os dillettantes arrepiam-se, os professores benzem-se; mas aquelles cujos ouvidos lhes levam ao coração a musica, e não á cabeça, esses estremecem de admiração e enthusiasmo... Os olhos de Joanninha eram verdes... não d'aquelle verde descorado e traidor da raça felina, não d'aquelle verde mau e distingido que não é senão azul imperfeito, não; eram verdes-verdes, puros e brilhantes como esmeraldas do mais subido quilate.

São os mais raros e os mais fascinantes olhos que ha.

Eu, que professo a religião dos olhos pretos, que n'ella nasci e n'ella espero morrer... que alguma rara vez que me deixei inclinar para a heretica pravidade do ôlho azul, soffri o que é muito bem feito que soffra todo o renegado...

e e inabalavel, hoje mais que nunca, nos
rincipios, sinceramente persuadido que
:lles não ha salvação, eu confesso toda-
uma vez, uma unica vez que vi dos taes
:rdes, fiquei hallucinado, senti abalar-se
ndamentos o meu catholicismo, fugi es-
:ado de mim mesmo, e fui retemperar a
: vacillante na contemplação das eternas
s, que so e unicamente se incontram aon-
toda a fe e toda a crença... n'uns olhos
e lealmente pretos.

inha porêm tinha os olhos verdes; e o
'esta rara feição n'aquella physionomia
ra vista tam discordante—era em ver-
:moso. Primeiro fascinava, hallucinava,
ızia uma sensação inexplicavel e inde-
doía e dava prazer ao mesmo tempo:
ouco a pouco, estabelecia-se a corrente
:a tam poderosa, tam carregada, tam
de solução de continuidade, que toda
nça de outra coisa desapparecia, e toda
;encia e toda a vontade eram absorvi-

. . .

so accrescentar—e fica o retrato com-

pleto, — um simples vestido azul escuro, cinto e avental preto, e uns sapatinhos com as fitas traçadas em cothurno. O pé breve e estreito, o que se adivinhava da perna, admiravel.

Tal era a ideal e espiritualissima figura que em pé, incostada á banca onde acabava de comer a boa da velha, contemplava n'aquelle rosto macerado e apagado, a indicivel expressão de tristeza que elle pouco a pouco ia tomando e que toda se reflectia, como disse, no semblante da contempladora.

A velha suspirou profundamente, e fazendo como um esforço para se distrahir de pensamentos que a affligiam, buscou incertamente com as mãos o novêllo da sua meada:

—'O meu novêllo, filha: não posso estar sem fazer nada, faz-me mal.'

—'Conversêmos, avó.'

—'Pois conversêmos; mas dá-me o meu novêllo. Não sei o que é, mas quando não trabalho eu, trabalha não sei o que em mim que me

cansa ainda mais. Bem dizem que a ociosidade é o peior lavor.

Joanninha deu-lhe o novêllo e pôs-lhe a dobadoira a geito.

A velha sentiu o que quer que fosse na mão, levou-a á bôcca e pareceu beija-la, depois disse:

—'Bem vi, Joanninha!'

—'O quê, minha avó? que viu?'

—'Vi, filha, vi... sem ser com os olhos que Deus me cerrou para sempre — louvado seja Elle or tudo! — vi, sentindo, ésta lagryma tua que e cahiu na mão, e que ja ca está no peito por ue a bebi, Joanna. Oh filha, ja! é muito cedo ra começar, deixa isso para mim que estou stumada: mas tu, tu com dezaseis annos e ne-um desgôsto!'

—'Nenhum, avó! E estamos sosinhas nós duas este mundo, minha avó n'esse estado, eu n'esta lade, e...'

—'E Deus no ceo para tomar conta em
Mas que é? olha, Joanna: eu sinto pass
trada, vê o que é.'

—' Não vejo ninguem.'

—'Mas oiço eu... Espera... é Fı
conheço-lhe os passos.'

Mal a velha acabava de pronunciar e
surdiu, de traz de umas oliveiras qu
volta da estrada, da banda de Santaren
sêcca, alta e um tanto curvada de un
franciscano que abordoado em seu ı
arrastando as suas sandalias amarellas
do-lhe na cabeça o seu chapeu alva
em direcção para ellas.

Era Frei Diniz comeffeito, o austere
de San'Francisco de Santarem.

CAPITULO XIII

Dos frades em geral. — O frade moralmente considerado, socialmente e artisticamente. — Próva-se que é muito mais poetico o frade do que o barão. — Outra vez D. Quixote e Sancho-Pansa. — Do que seja o barão, sua classificação e discripção linneana. — Historia do Castello do Chucherumello. — Êrro palmar de Eugenio Sue: mostra-se que os jesuitas não são a cholera-morbus, e que é preciso refazer o 'Judeu errante' — De como o frade não intendeu o nosso seculo nem o nosso seculo ao frade. — De como o barão ficou em logar do frade, e do muito que n'isso perdêmos. — Unica voz que se ouve no actual deserto da sociedade: os barões a gritar contos de réis. — Como se contam e como se pagam os taes contos. — Predilecção artistica do A. pelo frade: confessa-se e explica-se ésta predilecção.

Frades... Frades... Eu não gósto de frades. Como nós os vimos ainda os d'este seculo, como nós os intendêmos hoje, não gósto d'elles, não os quero para nada, moral e socialmente fallando.

No ponto de vista artistico porêm o fra
muita falta.

Nas cidades, aquellas figuras graves e
com os seus habitos tallares, quasi todos
rescos e alguns elegantes, atravessando
tidões de macacos e bonecas de casaqui
guia e chapelinho de alcatruz que destin
peralvilha raça europea — cortavam a mo
do ridiculo e davam physionomia á po

Nos campos o effeito era ainda muit
elles characterizavam a paizagem, poe
a situação mais prosaica de monte ou de
tam necessarias, tam obrigadas figuras e
muitos d'esses quadros, que sem ellas
não é ja o mesmo.

Além d'isso o convento no povoado
teiro no êrmo animavam, amenizavam
alma e grandeza a tudo: elles protegia
vores, sanctificavam as fontes, enchian
de poesia e de solemnidade.

O que não sabem nem podem fazer o
barões que os substituiram.

É muito mais poetico o frade que o barão.

O frade era, até certo ponto, o Dom Quixote a sociedade velha.

O barão é, em quasi todos os pontos, o Sancho-Pansa da sociedade nova.

Menos na graça...

Porque o barão é o mais desgracioso e estupido animal da creação.

Sem exceptuar a familia asinina que se illustra com individualidades tam distinctas como o Ruço do nosso amigo Sancho, o asno da Poncella de Orleans e outros.

O barão (*onagros-baronius* de Linn., *l'âne baron* de Buf.) é uma variedade monstruosa ingendrada na burra de Balaham, pela parte essencialmente judaica e usuraria de sua natureza, em coito damnado com o urso Martinho do Jardim das Plantas[1], pela parte franchinotica e sordidamente revolucionaria de seu character.

[1] Celebre urso do Jardim das Plantas em Paris.

O barão é pois usurariamente revolucionario; e revolucionariamente usurario.

Por isso é *zebrado* de riscas monarchico-democraticas por todo o pêllo.

Este é o barão verdadeiro e puro-sangue: o que não tem estes characteres é especie differente, de que aqui se não tracta.

Ora, sem sahir dos barões e tornando aos frades, eu digo: que nem elles comprehenderam o nosso seculo nem nós os comprehendêmos a elles...

Por isso brigámos muito tempo, a final vencêmos nós, e mandámos os barões a expulsá-los da terra. No que fizemos uma sandice como nunca se fez outra. O barão mordeu no frade, devorou-o... e escouceou-nos a nós depois.

Com que havêmos nós agora de matar o barão?

Porque este mundo e a sua historia é a historia do 'castello do Chucherumello'. Aqui está o cão que mordeu no gato, que matou o rato, que

corda, etc, etc.: vai sempre assim seguin-

o frade não nos comprehendeu a nós, por
iorreu, e nós não comprehendêmos o fra-
r isso fizemos os barões de que havemos
rer.

a molestia d'este seculo; são elles, não os
s, a cholera-morbus da sociedade actual,
ies. O nosso amigo Eugenio Sue errou de
meio no 'Judeu errante' que precisa re-

o frade foi quem errou primeiro em nos
mprehender, a nós, ao nosso seculo, ás
inspirações e aspirações: com o que fal-
a sua posição, isolou-se da vida social,
sua morte uma necessidade, uma coisa in-
e sem remedio. Assustou-se com a liber-
ue era sua amiga, mas que o havia de re-
e uniu-se ao despotismo que o não ama-
ão relaxado e vicioso, porque de outro
he não servia nem o servia.

lambem errámos em não intender o des-

culpavel êrro do frade, em lhe não dar outra direcção social, e evitar assim os barões, que é muito mais damninho bicho e mais roedor.

Porque, desinganem-se, o mundo sempre assim foi e hade ser. Por mais bellas theorias que se façam, por mais perfeitas constituições com que se comece, o *status in statu* forma-se logo: ou com frades ou com barões ou com pedreiros livres se vai pouco a pouco organizando uma influencia distincta, quando não contraria, ás influencias manifestas e apparentes do grande corpo social. Ésta é a opposição natural do Progresso, o qual tem a sua opposição como todas as coisas sublunares e superlunares; ésta corrige saudavelmente, ás vezes, e modera sua velocidade, outras a impece com demazia e abuso: mas emfim é uma necessidade.

Ora eu, que sou ministerial do Progresso, antes queria a opposição dos frades que a dos barões. O caso estava em a saber conter e aproveitar.

O Progresso e a liberdade perdeu, não ganhou.

Quando me lembra tudo isto, quando vejo os

em ruinas, os egressos a pedir esmola
; de berlinda, tenho saudade dos fra-
dos frades que foram, mas dos frades
a ser.

ıe me não inganam poesias; que eu
nente com uma logica inflexivel con-
ões poeticas em se tratando de coisas

e me não namóro de paradoxos, nem
espiritos de contradicção desinquieta
ım sempre pelo que foi, e nunca estão
com o que é.

ıhor: o frade, que é patriota e liberal
, na Polonia, no Brazil, podia e devia
nós; e nós ficavamos muito melhor
amos com meia duzia de clerigos de
ara nos dizer missa; e com duas gro-
ões, não para a tal opposição salutar,
xercer toda a influencia moral e intel-
ociedade — porque não ha de outra ca.

o digam-me: onde estão as universi-
que faz essa que ha, senão dar o seu

grausito de bacharel em leis e em medicina? que escreve ella, o que discute, que princip tem, que doutrinas professa, quem sabe ou o d'ella senão algum echo timido e acanhado que n'outra parte se faz ou diz?

Onde estão as academias?

Que palavra poderosa retine nos pulpito

Onde está a força da tribuna?

Que poeta canta tam alto que o oiçam a dras brutas e os robres duros d'esta selva rialista a que os utilitarios nos reduziram?

Se exceptuarmos o debil clamor da imp liberal ja meio-esganada da policia, não se no vasto silencio d'este êrmo senão a voz d rões gritando contos de réis.

Dez contos de réis por um eleitor!

Mais duzentos contos pelo tabaco!

Tres mi contos para a conversão de u phigouri!

Cinco mil contos para as estradas dos areonautas!

Seis mil contos para isto, dez mil contos para aquillo!

Não tardam a contar por centenas de milhares.

Contar a elles não lhes custa nada.

A quem custa é a quem paga para todos esses balões de papel—a terra e a indústria.......

....

....

....

Este capitulo deve ser considerado como introducção ao capitulo seguinte, em que entra em scena Frei Diniz, o guardião de San'Francisco de Santarem.

Ja me disseram que eu tinha o genio frade, que não podia fazer conto, drama, romance sem lhe metter o meu fradinho.

O 'Camões' tem um frade, Frei José Indio;

A 'Dona Branca' tres, Frei Soeiro, Frei Lopo e San'-Frei Gil—faz quatro;

A 'Adozinda' tem um ermitão, especie de frade—cinco;

'Gil-Vicente' tem outro—isto é, verdadeiramente não tem senão meio frade, que é André de Resende, demais a mais, pessoa muda—cinco e meio;

O 'Alfageme' tres quartos de frade, Froilão-Dias, chibato da ordem de Malta—seis frades e um quarto;

Em 'Frei Luiz de Sousa' tudo são frades: vale bem n'esta computação, os seus tres, quatro, meia duzia de frades—são ja dôze e quarto;

Alguns, não eu, querem metter n'esta conta o Arco-de-Sant'Anna', em que ha bem dous frades e um leigo:

E aqui tenho eu ás costas nada menos de quinze frades e quarto.

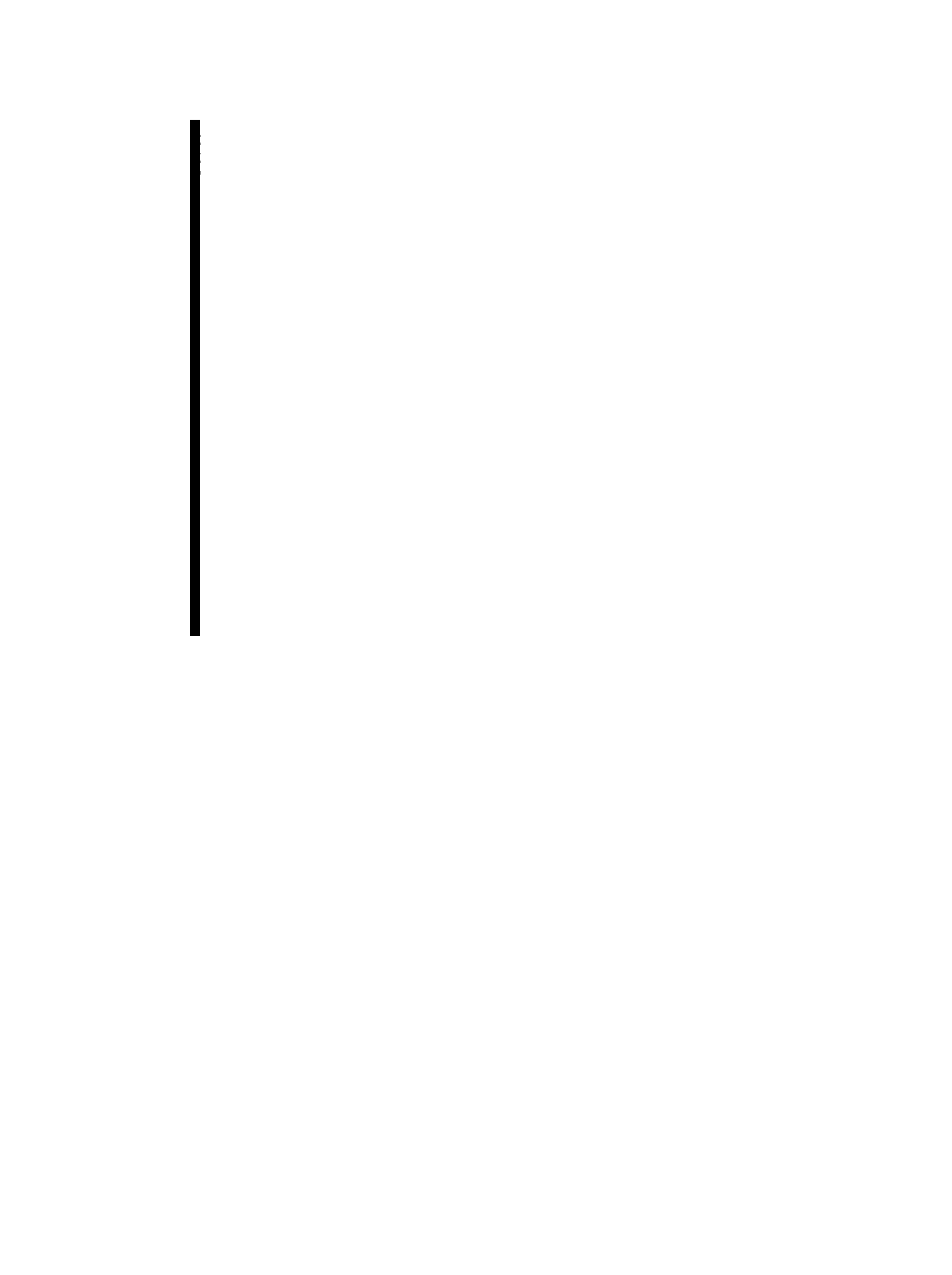
Com este Frei Diniz é um convento inteiro.

ıis, senhores, não sei que lhes faça; a culpa
é minha. Desde mil centos e tantos que co-
ıu Portugal, até mil oitocentos trinta e tan-
ue uns dizem que elle se restaurou, outros
) levou a breca, não sei que se passasse ou
sse passar n'esta terra coisa alguma pública
ırticular, em que o frade não entrasse.

ra evitar isto não ha senão usar da receita
em formulada no capitulo v d'esta obra.

;a-o quem gostar; eu não, que não quero,
ıei.

r. 40, 41 e 42.



CAPITULO XIV

Emendado emfim de suas distracções e divagações, prosegue o A. direitamente com a historia promettida.—De como Frei Diniz deu a manga a beijar á avó e á neta, e do mais que entre elles se passou.—Ralha o frade com a velha, e começa a descobrir-se onde a historia vai ter.

Este capitulo não tem divagações, nem reflexões, nem considerações de nenhuma especie, vai direito e sem se distrahir, pela sua historia adeante.

Frei Diniz chegava aopé das duas mulheres, e disse:

—'Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo!'

Joanna adeantou-se alguns passos a beijar-lhe a manga. Elle accrescentou:

—'A benção de Deus te cubra, filha, e a de nosso padre San'Francisco!'

'Benedicite, padre guardião:' disse a velha inclinando-se meia levantada da cadeira.

—'Em nome do senhor! amen,'—respondeu o frade approximando-se, e chegando o braço a alcance de lh'o ella beijar:

—'Ora aqui estou, minha irman; que me quer? E como vai isto por ca? Vamo-nos confortando, tendo paciencia, e soffrendo com os olhos no Senhor?'

—'Ja os não tenho senão para elle, padre.'

—'Ah, ah! irman Francisca, sempre esse pen-

samento, sempre essa queixa! Tenho-a reprehendido tanta vez e não se emenda.'

—'Eu não me queixei, meu padre. Deus sabe que me não queixo... ao menos por mim.'

—'Pois por quem?'

— Oh padre!'

—'Irman Francisca, tenho medo de a intender. Eu não conheço as affeições da carne nem lido com os fracos pensamentos do mundo. Sou frade, minha irman, sou um que ja não é do número dos vivos, que vesti ésta mortalha para não ser d'elles, que a vesti n'um tempo em que a mofa e o desprêzo são o unico patrimonio do frade, em que o escarneo, a derisão, o insulto —o peior e o mais cruel de todos os martyrios— são a nossa unica esperança. Eu quiz ser frade, fiz-me frade, sabendo e vendo tudo isto, fiz-me frade no meio de tudo isto: ja velho e experimentado no mundo, farto de o conhecer, e certo do que me espera—a mim e á profissão que abracei. Que quer de um homem que assim se resolveu a cortar por quanto prende a humanidade a ésta miseravel vida da terra, para não

viver senão das esperanças da outra? Eu vesti este hábito para isso. O seu, irman, o seu para que o vestiu? É um divertimento, é um capricho, é uma comedia com Deus? Rasgue-o depressa, vista-se das galas do mundo, não apperte com a paciencia divina, trajando por fóra o sacco da penitencia e trazendo o coração por dentro desappertado de todo o cilicio e mortificação.'

A velha com as mãos postas, a face alevantada e os apagados olhos para o ceo, offerecia a Deus todo o amargor d'aquella austeridade que não cuidava merecer nem lhe parecia intender. Joanninha, que insensivelmente se fôra approximando da avó, e a tinha como amparada portraz com um de seus braços, firmava a outra mão nas costas da cadeira e cravava fitta no frade a vista penetrante e cheia de luz. A expressão do seu rosto era indefinivel: irisava-lh'o, distincta mas promiscuamente, um mixto inextricavel de enthusiasmo e desanimação, de fe e de incredulidade, de sympathia e de aversão.

Disseras que n'aquelles olhos verdes e n'aquelle rosto mal córado estava o typo e o symbolo das vacillações do seculo.

—'Padre!' tornou a velha com sincera humildade na voz e no gesto: —' se o mereci, castigae-me. Deus, que me vê e me ouve, bem sabe que o digo em toda a verdade do meu coração, e hade perdoar-me porque eu sou fraca e mulher.'

—'Pois aos fracos não é que Elle disse: *Toma a tua cruz e segue-me*. Quem a obrigou a fazer os votos que fez?'

—'É verdade, padre, é verdade: bem sei o que prometti, que me votei a Deus d'alma e corpo, que me não pertenço, que nem das minhas affeições posso dispôr, mas...'

—'Mas o quê? Irman Francisca, a Deus não se ingana. Os seus votos não foram feitos n'um mosteiro, nem proferidos n'um altar no meio das solemnidades da egreja. Mas ja lh'o tenho ditto, no fôro da consciencia, na presença de Deus, ligam-n'a tanto ou mais do que se o fôssem. Abjure-os se quizer; nenhuma lei, nenhuma força humana a constrange. Diga-m'o por uma vez, desingane-me, e eu não torno aqui.'

—'Oh, por compaixão, padre! pelas chagas

de Christo! Mas uma pergunta so, uma so, e eu prometto não pensar, não fallar mais em... Onde está elle?.'

—'Joanna, retire-se.'

Joanninha appertou a avó com ambos os braços; e sem dizer uma palavra, sem fazer um so gesto, lentamente e silenciosamente se retirou para dentro de casa.

—'E ésta, padre?' disse a velha sem esperar a resposta á primeira pergunta que com tanta ancia fizera—' e ésta, tambem della me heide separar, tambem heide renunciar a ella?'

—'Ésta é uma innocente, e emquanto o for...'

—'Em quanto o for! A minha Joanna é um anjo.'

—'Blasphemia, blasphemia! E o Senhor a não castigue por ella. Joanna é boa e temente a Deus: esperemos que Elle a conserve da sua mão. O outro...'

—'Que é feito d'elle, padre? Oh! diga-m'o, eu prometto...'

—'Não prometta senão o que póde cumprir. Seu neto está com esses desgraçados que vieram das ilhas, é dos que desimbarcaram no Porto...'

—'Oh filho da minha alma! que não torno a abraçar-te...'

—'Não decerto; vencedores ou vencidos, toda a communhão, toda a possibilidade de união acabou entre nós e estes homens. Nós temos obrigação de os destruir, elles o seu unico desejo é exterminar-nos.'

—'Meu Deus! meu Deus! pois a isto somos chegados! Pois ja não ha misericordia no ceo nem na terra!'

—'A misericordia de Deus cansou-se; a da terra não sei onde está nem onde esteve nunca. Os fracos dão sacrilegamente esse nome á sua relaxação.'

—'Pois é relaxação desejar a paz, querer a

união, supplicar a indulgencia? Não nos manda Deus perdoar as nossas dividas, amar os nossos inimigos?'

— 'Os nossos sim, os d'Elle não.'

—'Tende compaixão de mim, Senhor!'

—'Se as suas afflicções são as da carne e do sangue, se são pensamentos da terra, como desgraçadamente vejo que são, mulher fraca e de pouco ânimo, console-se, que para mim é claro e seguro que estes homens hãode vencer.'

—'Quaes homens?'

—'Esses inimigos do altar e da verdade, esses homens desvairados pelas speciosas doutrinas do seculo. Esperam muito, promettem muito, estão em todo o vigor das suas illusões. E nós, nós carregâmos com o desingano de muitos seculos, com os peccados de trinta gerações que passaram, e com a inaudita corrupção do presente... nós havemos de succumbir. Os templos hãode ser destruidos, os seus ministros proscriptos, o nome de Deus blasphemado á vontade n'esta terra malditta.

tam perdidos, tam abandonados da
eus são elles todos... todos?'

os. E que cuida, irman? que são me-
nossos, esses que se dizem nossos?
is fe na sua crença, mais verdade em
o? Oh sancto Deus!'

me tremer, padre!'

ra tremer é. A impiedade e a cubiça
em todos os corações. *Duvidar* é o
ncipio, *inriquecer* o unico objecto de
gente. Liberaes e realistas, nenhum
s liberaes ainda teem esperança; não
durar muito. Deixem-n'os vencer e

iode vencer elles?'

erto.'

guem mais diz isso.'

o-o eu.'

tos mil soldados que o govêrno tem

—'E tantos milhões de peccados contra. Não, não pode ser, não póde ser: a misericordia divina está exhausta, e o dia desejado dos impios vem a chegar. A sua missão é facil e prompta; não sabem, não podem senão destruir. Edificar não é para elles, não teem com quê, não creem em nada. O symbolo christão não é so uma verdade religiosa, é um principio eterno e universal. *Fé, esperança e caridade.* Sem crer, sem esperar...'

—'E sem amar!'

—'Mulher, mulher! o amor é a ultima virtude...'

—'Mas por ella, por ella se chega ás outras.'

—'Não, mulher fraca, não. E de uma vez para sempre, irman Francisca, desinganemo'-nos. Entre mim, entre o Deus que eu sirvo, não ha transacção com os seus inimigos. Indulgencia n'esse ponto não sei o que é. Vejo a sorte que me espera n'este mundo, e não tremo deante d'ella. Quem teme, siga outro caminho; eu nunca.'

—'Padre, eu não temo nem receio por mim.

fraca e mulher, e em toda a tribulação e
graça heide glorificar o meu Deus e dar tes-
unho da minha fe. Mas... mas o meu neto
meu sangue, a minha vida, é o filho querido
minha unica e tam amada filha, elle não co-
ceu outra mãe senão a mim, quero-lhe por
e por ella. Abandoná-lo não posso, tirar d'elle
nsamento não sei. A vontade de Deus...'

'A vontade de Deus é que o justo se aparte
npio, é que os cordeiros da benção vão para
ado, e os cabritos da maldicção para outro.
rapaz... oh! minha irman, eu não sou de
a, não, não sou, e tambem o coração se me
de o dizer... mas esse rapaz é malditto, e
nós e elle está o abysmo todo do inferno.'

'Misericordia, meu Deus!'

llido, infiado, mais descorado e mais ama-
do que era sempre aquelle rosto, Frei Diniz
nnciou, tremendo mas com fôrça, as suas
as e terriveis palavras. Os olhos, habitual-
e sumidos e cavos, recuaram-lhe ainda
para dentro das orbitas descarnadas; o
ão tremia-lhe na esquerda; e a direita sus-

pensa no ar parecia intimar ao culpado a terrivel imprecação que lhe sahia dos labios.

—'Malditto! malditto sejas tu!' proseguiu o frade, 'filho ingrato, coração derrancado e perverso!'

—'Meu Deus, não o escuteis!' bradou a velha cahindo de joelhos no chão e prostrando-se na terra dura. 'Meu Deus, não confirmeis aquellas palavras tremendas. Não o ouçaes, Senhor, e valha o sangue precioso de vosso filho, as dores bemdittas de sua mãe, oh meu Deus! para arredar da cabeça do meu pobre filho as crueis palavras d'este homem sem piedade, sem amor...'

A velha queria dizer mais; as angústias que se tinham estado juntando n'aquella alma, que porfim não podia mais e transbordava, queriam sahir todas, queriam derramar-se alli em lagrymas e soluços na presença do seu Deus que ella via sempre no throno das misericordias, que não podia acabar comsigo que visse o inflexivel, o terrivel Deus das vinganças que lhe annunciava o frade. Mas a carne não pôde com o espirito, as fôrças do corpo cederam: tomou-a um

rtal deliquio, immudeceu, e... suspendeu-lhe a vida.

Frei Diniz contemplou-a alguns momentos esse estado e pareceu commover-se; mas aquel- nervos eram fios de ferro temperado que não vibravam a nenhuma suave percussão: deu dous ssos para a porta da casa, bateu com o bordão disse com voz firme e segura:

—'Joanna, acuda a sua avó que não está boa.'

D'ahi tomou por onde viera, e, sem voltar ma vez a cabeça, caminhou apressado; breve e escondeu para lá das oliveiras da estrada.

CAPITULO XV

n frade franciscano que não foi para o depósito
ıncta, nem consta que esteja na Academia da
s.—Ve-se que a logica de Frei Diniz se não pa-
com a de Condillac.—Suas opiniões sobre o
e os liberaes.—Que o podêr vem de Deus,
e paraquê.—Que os liberaes não intendem o
dade e egualdade; e o para que eram os fra-
em.—Próva-se, pelo texto, que o homem não
ão, e pergunta-se o de que vivia então Frei Di-

ra Frei Diniz?

elle:—um homem que se fizera frade,
cançado do mundo, que vestíra o há-
tempo em que a mofa, o escarneo e o

desprêzo seguiam aquella profissão; que o sabia, que o conhecia e por isso mesmo o affrontára.

D'estes raros e fortes characteres apparecem sempre na agonia das grandes instituições para que nenhuma pereça sem protesto, paraque de nenhum pensamento duravel e consagrado pelo tempo se possa dizer que lhe faltou quem o honrasse na hora derradeira por uma devoção nobre, gloriosa e digna do alto espirito do homem: — que o homem é uma grande e sublime creatura por mais que digam philosophos.

Tal era Frei Diniz, homem de principios austeros, de crenças rigidas, e de uma logica inflexivel e teimosa: logica porêm que rejeitava toda a analyse, e que forte nas grandes verdades intellectuaes e moraes em que fixára o seu espirito, descia d'ellas com o tremendo pêso de uma synthese asperrima e oppressora que esmagava todo o argumento, destruia todo o raciocinio que se lhe punha de deante.

Condillac chamou á synthese methodo de trevas: Frei Diniz ria-se de Condillac... e eu parece-me que tenho vontade de fazer o mesmo.

O despotismo, detestava-o como nenhum li-
ɪral é capaz de o abhorrecer; mas as theorias
ɪilosophicas dos liberaes, escarnecia-as como
ɪsurdas, rejeitava-as como perversoras de toda
idea san, de todo o sentimento justo, de toda
bondade praticavel. Para o homem em qual-
er estado, para a sociedade em qualquer for-
ɪ não havia mais leis que as do decalogo, nem
precisavam mais constituições que o Evange-
ɪ: dizia elle. Reforçá-las é superfluo, melhorá-
ɪ impossivel, desviar d'ellas monstruoso. Des-
o mais alto da perfeição evangelica, que é o
ado monastico, ha regras para todos alli; e
o falta senão observá-las.

Não sei se ésta doutrina não tem o quer que
a de um certo sabor independente e livre, se
o cheira o seu tanto á confiança heretica dos
ormistas evangelicos. O que sei é que Frei
niz a professava de boafé, que era catholico
ɪcero, e frade no coração.

Segundo os seus principios, podêr de homem
ɪre homem, era usurpação sempre e de qual-
ɪr modo que fosse constituido. Todo o podêr
ava em Deus—que o delegava ao pae sôbre

o filho, d'ahi ao chefe da familia sôbre a familia, d'ahi a um d'esses sôbre todo o Estado; mas para o reger segundo o Evangelho e em toda a austeridade republicana dos primitivos principios christãos.

Assim fôra ungido Saul, e n'elle todos os reis da terra—sem o quê, não eram reis.

Tudo o mais, anarchia, usurpação, tyrannia, peccado—absurdo insustentavel e impossivel.

E sôbre isto tambem não disputava, que não concebia como: era dogma.

Nas applicações sim questionava, ou antes, arguia, com sua logica de ferro. As antigas leis, os antigos usos, os antigos homens, não os poupava mais do que aos novos. A tyrannia dos reis, a cubiça e a suberba dos grandes, a corrupção e a ignorancia dos sacerdotes, nunca houve tribuno popular que as açoitasse mais sem dó nem caridade.

O principio porêm da monarchia antiga, defendia-o, ja se ve, por verdadeiro, embora fossem mentirosos e hypocritas os que o invocavam.

Quanto ás doutrinas constitucionaes, não as intendia, e protestava que os seus mais zelosos apostolos as não intendiam tam pouco: não tinham senso-commum, eram abstracções d'eschola.

Agora, do frade é que me eu queria rir... mas não sei como.

O chamado liberalismo, esse intendia elle: 'Reduz-se' dizia 'a duas coisas, *duvidar e destruir* por principio, *adquirir e enriquecer* por fim; é uma seita toda material em que a carne domina e o espirito serve; tem múita força para o mal; bem verdadeiro, real e perduravel, não o póde fazer. Curar com uma revolução liberal um paiz estragado, como são todos os da Europa, é sangrar um tysico: a falta de sangue diminue as ancias do pulmão por algum tempo, mas as fôrças vão-se, e a morte é mais certa.

Dos grandes e eternos principios da Egualdade e da Liberdade dizia: 'Em elles os praticando devéras, os liberaes, faço-me eu liberal tambem. Mas não ha perigo: se os não intendem! Para intender a liberdade é preciso crer

em Deus, para acreditar na egualdade é preciso têr o Evangelho no coração.'

As instituições monasticas eram, no seu intender e no seu systema, condição essencial de existencia para a sociedade civil — para uma sociedade normal. Não paliava os abusos dos conventos, não cobria os defeitos dos monges, accusava mais severamente que ninguem a sua relaxação; mas sustentava que, removido aquelle typo da perfeição evangelica, toda a vida christan ficava sem norma, toda a harmonia se destruia, e a sociedade ia, mais depressa e mais sem remedio, precipitar-se no golphão do materialismo estupido e brutal em que todos os vinculos sociaes apodreciam e cahiam e em que mais e mais se isolava e estreitava o individualismo egoista — última phase da civilização exaggerada que vai tocar no outro extrêmo da vida selvagem.

Taes eram os principios d'este homem extraordinario qne junctava a uma erudição immensa o profundo conhecimento dos homens e do mundo em que tinha vivido até a edade de cinquenta annos.

e porquê deixára elle o mundo? Como
ê, um espirito tam activo e superior se
a apenas do obscuro incargo de guardião
onvento — cargo que acceitara por obe-
— e quasi que limitava as suas relações
claustro áquella casa do valle onde não
não aquella velha e aquella criança?

ır de sua rigidez ascetica, prendia esse
por alguma coisa a este mundo? Aquelle
macerado do cilicio dos pensamentos
e terriveis do eterno futuro, consum-
abstinencia de todo o gôzo, de todo o
o presente, teria acaso viva ainda bas-
uma fibra que vibrasse com recordações,
lades, com remorsos do passado?

ı convento elle não tinha senão uma cella
um crucifixo por todo adôrno, um bre-
or unico livro. N'aquella so familia que
ıva, havia, ja o disse, a velha cega e de-
Joanninha com quem apenas fallava, e
nte, um rapaz de quem ha dous annos
ͅ se não sabia. Em intrigas politicas, em
ecclesiasticos, em coisa mais nenhuma
undo não tinha parte. De que vivia pois

este homem —homem que certo não era d'aquelles que vivem so de pão?

E este era dos poucos textos latinos que elle repettia, este o thema predilecto dos raros sermões que prégava: *Non in solo pane vivit homo.* Nem so de pão vive o homem.

Vivia então de alguma outra coisa este homem; e a meditação e a oração não lhe bastavam, porque elle sahía do seu convento e não ia prégar nem rezar... todas as sextas-feiras era certo na casa do valle á mesma hora, do mesmo modo...

Alli estava pois alguma parte da vida do frade que de todo se não desprendêra da terra, e que, por mais que elle diga, lhe faltava *castrar* ainda por amor do ceo.

É que meio seculo de viver no mundo deixa muita raiz, que não morre assim. E talvez é uma so a raiz, mas funda, e rija de fevra e de seiva, que as folhas morrem, os ramos seccam, o tronco apodrece, e ella teima a viver.

Saibamos alguma coisa d'essa vida.

CAPITULO XVI

da vida do frade.—Era franciscano porquê?—Dos e dos novos martyres.—Alguns particulares de niz antes e depois de ser frade.—Emigração.—ção incompleta.—De como a velha tinha perdido e Joanninha o riso —Sexta-feira dia aziago.

mos alguma coisa da vida do frade, da a no seculo, porque a do claustro era ulla, monotona e singela como a temos

Chamava-se elle no seculo Diniz de Atahide, e seguíra a carreira das armas primeiro, depois a das lettras. Com distincção, e quasi com paixão, tomára parte na campanha da Peninsula e a fizera quasi toda; mas desgostoso do serviço ou despreoccupado da glória militar, entrou na magistratura para que estava habilitado, e em 1825, do logar de corregedor do Ribatejo, em que ja fôra reconduzido, devia passar á casa do Porto.

Foi a Lisboa receber o seu despacho, beijou a mão a el-rei, e d'ahi tomou um dia o caminho de Santarem, chegou áquella villa, deixou criados e cavallos na estalagem, e foi tocar á campa da portaria de San'Francisco.

Os criados esperaram em vão muitos dias: elle não voltou.

Desappareceu do mundo Diniz de Atahide, e d'alli a dous annos appareceu Frei Diniz da Cruz, o frade mais austero e o prégador mais eloquente d'aquelle tempo. Raro prégava, e so de doutrina; mas era uma torrente de vehemencia, uma uncção, uma fôrça...

Dos institutos monasticos ja então bem decados todos de esplendor e reputação, a ordem San'Francisco era talvez a que mais descêra conceito público. Quanto mais austera é a rea, tanto mais se nota qualquer relaxação nos ie a professam: a dos franciscanos tinha-se feiproverbial e popular. Elles eram tantos por la a parte, e tam conversantes com todas classes; familiarizára-se por tal modo o povo m o aspecto d'aquellas mortalhas negras — ascto ja não severo, e apenas deixou de o ser... liculo — e ellas appareciam em taes logares, a is horas, por tal modo... que todo o respei-, toda a estima, toda a consideração se lhe rdêra. Escriptores, ja os não tinham, prégares poucos e sem reputação, era em todo o ntido a religião mais humilhada na geral decancia das ordens.

Frei Diniz procurou-a por isso mesmo. Queria frade, o frade desprezado e apupado do selo dezenove.

Em certos animos é preciso muito mais valor enthusiasmo para affrontar este martyrio, do e fôra nos antigos tempos para ir ao incon-

tro das nobres perseguições do sangue e do fogo.

Luctava-se com honra então, cahia-se com gloria, vencia-se muitas vezes morrendo...

Agora é soffrer so.

O mundo applaudia aquelles grandes sacrificios, e assistia com interêsse, com admiração, com espanto áquelles combates gigantescos. E o tyranno tremia diante da sua victima... quando lhe não cahia aos pés vencido, convertido e penitente...

Hoje o povo passa e ri, os reis cuidam de outra coisa, e a mesma Egreja não sabe que tem martyres.

'Pois tem-n'os' dizia Frei Diniz 'e precisa mais d'elles para se regenerar, do que ja precisou para fundar-se.'

Eisaqui porque Diniz d'Atahide não quiz se bento, nem jeronymo, nem cartucho, e se f metter frade franciscano.

De todos os seus bens, que eram consideraveis, tirou apenas a modica somma de dinheiro que era necessaria para pagar o dote e piso de sua entrada no convento. Do resto fez doação inteira a D. Francisca Joanna — a velha hoje cega e decrepita que no principio d'esta historia incontrámos dobando á sua porta na casa do valle.

A velha não tinha mais familia que um neto e uma neta.

A neta era Joanninha, filha unica de seu unico filho varão, e ja orphan de pae e de mãe.

O neto, orphão tambem, nascêra posthumo, e custára a vida a sua mãe, filha querida e predilecta da velha.

Antes da esplendida doação de Frei Diniz, a familia, que era de boa e honrada descendencia, podia dizer-se pobre; depois viviam remediadamente. Mas a velha não quiz nunca sahir do modesto estado em que atélli vivêra. Tinham fartura de pão, azeite e vinho de suas lavras; corria-lhe com ellas um criado velho de confiança;

trajavam e tractavam-se como gente mean, mas independente.

Em tempos mais antigos e em vida dos dous filhos de D. Francisca, Frei Diniz, então Diniz d'Atahide e corregedor da commarca, frequentára bastante aquella casa. Desde a morte do filho e do genro, que ambos pereceram desastradamente n'um dia cruzando o Tejo n'um saveiro em occasião de grande cheia, elle nunca mais lá tornára.

Até que se metteu frade, e que passaram annos e que o fizeram guardião do seu convento.

Ja a nora e a filha da velha tinham morrido tambem.

E foi notavel que na mesma hora em que Frei Diniz professava em San'Francisco de Santarem, vestia D. Francisca aquella tunica roxa que nunca mais largou.

Mas um dia, chegou Frei Diniz á porta da casa do valle e disse:

—'Deus seja n'esta casa!'

A velha estremeceu, mas tornou logo a si, fez sahir as crianças que brincavam aopé d'ella, fechou-se com o frade, e fallaram baixo um dia inteiro. Rezaram e choraram, que tudo se ouviu; mas o que disseram e conversaram nunca se soube.

O frade foi-se ao anoitecer, a velha ficou rezando e chorando, e rezou e chorou toda a noite.

Isto fôra n'uma sexta-feira; d'ahi por deante em todas as sextas-feiras de cada semana, Frei Diniz vinha passar algumas horas com a velha.

Não era seu confessor, mas dirigia-a como se o fôsse, em tudo e por tudo, menos no que respeitava a Joanninha.

Havia no frade uma affectação visivel, um systema premeditado e inalteravel de se abster completamente de tudo o que podesse intervir, por mais remotamente que fôsse, com aquella interessante criança.

Joanninha não lhe tinha medo, mas o respeito que lhe elle inspirava era misturado de uma aversão instinctiva, que, por contradicção inaudita e inexplicavel, a deixava sympathizar com tudo quanto elle dizia e professava: doutrinas, opiniões, sentimentos, tudo lhe agradava no frade, menos a pessoa.

Não assim Carlos, o primo, o companheiro, o unico amigo da nossa Joanninha, o outro neto da velha por sua filha. Andava elle já no ultimo anno de Coimbra e ia formar-se em leis, quando Frei Diniz da Cruz começou de novo a frequentar a casa que Diniz de Atahide tinha abandonado.

Sobre esse a inspecção do frade era minuciosa, vigilante, inquieta. Os livros que elle lia, os amigos com quem vivia, as ideas que abraçava, as inclinações para que pendia — de tudo se occupava Frei Diniz, tudo lhe dava cuidado. A elle directamente pouco lhe dizia, mas com a avó tinha longas conferencias a esse respeito.

Ultimamente parecia satisfazer-se com o geito que o mancebo indicava tomar.

—'É temente a Deus, não tem o ânimo cubiçoso nem servil, não é hypocrita, a mania do liberalismo não o mordeu ainda... hade ser um homem de prestimo:' dizia o frade à D. Francisca com verdadeira satisfação e interêsse.

Passára porêm do seu meio o memoravel anno de 1830, e Carlos que se formara no principio d'aquelle verão, tinha ficado por Coimbra e por Lisboa, e so por fins d'agosto voltára para a sua familia. E veiu triste, melancholico, pensativo, inteiramente outro do que sempre fôra, porque era de genio alegre e naturalmente amigo de folgar, o mancebo.

O dia em que elle chegou era uma sexta-feira, dia de Frei Diniz vir ao valle.

Passaram as primeiras saudações e abraços ficaram sós os dous, e:

—'Não gôsto de te ver:' disse o frade.

—'Pois quê? quê tenho eu?'

—'Tens que vens outro do que foste, Carlos

—'Outro venho, é verdade; mas não se enfadem de me ver, que o infado hade durar pouco.'

—'Que queres tu dizer?'

—'Que estou resolvido a emigrar.'

—'A emigrar, tu!... Porquê, paraquê? Que loucura é essa?'

—'Nunca estive tanto em meu juizo.'

—'Carlos, Carlos! nem mais uma palavra a similhante respeito. Em que más companhias andaste tu, que maus livros lêste, tu que eras um rapaz?... Carlos, prohibo-te de pensar n'esses desvarios.'

—'Prohibe-me... a mim... de pensar!... Ora, senhor...'

—'Prohibo de pensar, sim. Le no teu Horacio se estás cançado das pandectas. Vai para a eira com o teu Virgilio... ou passeia, caça, monta a cavallo, faze o que quizeres, mas não penses. Ca estou eu para pensar por ti.'

—'Porquê? eu heide ser sempre criança? a minha vida hade ser ésta? Horacio! tenho bom ânimo para ler Horacio agora... e a bella occupação para um homem de vinte e um annos, scandar jambos e trocheus.'

—'Pois le na tua biblia, que é poesia medida n'alma e que repasce o espirito e o coração.'

—'Eu não quero ser frade: sabe?'

—'Nem te eu quero para frade.'

—'Graças a Deus! Cuidei que... Mas emfim no seculo em que estamos...'

—'O seculo em que estamos é o da presumpção e o da immoralidade: e eu quero-te livrar de uma e de outra, Carlos. Tua avó sabe as minhas tenções a teu respeito, approva-as...'

—'Minha avó... approva muita coisa que eu reprovo.'

—'Como assim, Carlos? que queres tu dizer?'

—'Isto mesmo, senhor, — e que ámanhan que vou para Lisboa, imbarcar para Inglaterra.'

—'Carlos!'

—'É uma resolução meditada e inalteravel. Não quéro nada com ésta terra nem com ésta...'

—'Com ésta o quê, Carlos?...'

—'Pois quer ouvi-lo, digo-lh'o: com ésta casa.'

O frade suffocava, e balbuciou entre cholerico e aterrado:

—'Dir-me-has porquê?..'

—'Porque me abhorrece e me humilha este mando de um extranho aqui... porque sempre desconfiei, porque sei emfim...'

—'Sabes o quê?'

—'Sei, padre Frei Diniz, mas não me pergunte o que eu sei.'

Amarello, roxo, pallido, negro, o frade tremia; sumiram-se-lhe mais os olhos e faiscavam lá de dentro como duas brazas; fez um esfôrço sôbre si mesmo para fallar, e disse com uma voz cava e cavernosa como de sepulchro:

—'Pois pergunto, sim; e permitta Deus!...'

—'Padre' não jure nem pragueje' interrompeu Carlos com firmeza e serenidade 'as suas intenções serão boas talvez... creio que são boas, filhas de um remorso salutar...'

—'Que dizes tu, Carlos... que disseste?... Oh meu Deus!'

As scenas tinham mudado: Frei Diniz parecia o pupillo, a sua voz tinha o som da súpplica, ja não tremia de ira mas de anciedade; Carlos, pelo contrario, fallava no tom austero e grave de um homem que está forte na sua razão e que é generoso com a sua offensa. As palavras do mancebo eram agras, via-se que elle o sentia e que procurava adoçá-las na inflexão, que lhes dava.

—'O que eu digo, padre Frei Diniz, o que eu sou obrigado a dizer-lhe é isto. Minha avó consentiu, por fraqueza de mulher, no que eu não posso nem devo consentir. O que ha n'esta casa não é... não é meu; o pão que aqui se come... é comprado por um preço... Padre! ja ve que não podêmos fallar mais n'este assumpto. Eu parto ámanhan para Lisboa.—Minha avó!' accrescentou Carlos, mudando de voz e chamando para dentro 'minha avó!'

A velha acudiu, elle disse-lhe a sua tenção, motivou-a em opiniões politicas, declamou contra D. Miguel, mostrou-se enthusiasta da causa liberal, e protestou que n'aquelle anno, de tal modo se tinha pronunciado em Coimbra e ainda em Lisboa, que so uma prompta fuga o podia salvar...

A velha chorou, pediu, rogou... inutilmente, em vão.

Frei Diniz assistiu a tudo isto sem dizer palavra.

E aquella tarde voltou mais cedo para o convento.

No outro dia de manhan muito cedo, abraçado om a avó e com a priminha que se desfaziam m lagrymas, Carlos dizia o último adeus áquella uerida casa, áquelle amado valle em que fôra riado... N'essa noite estava em Lisboa, d'ahi poucos dias em Inglaterra, e d'ahi a alguns nezes na ilha Terceira.

Na sexta-feira depois da partida de Carlos, Frei Diniz veio ao valle e teve larga conferencia com a avó.

Os tres dias seguintes a velha levou fechada no seu quarto a chorar... no fim do terceiro dia estava cega.

Joanninha era uma criança a esse tempo, parecia não intender nada do que se passava. Mas quem a observasse com attenção, veria que ella dobrou de carinho e de amor para com a avó, e que se não tornou a rir para o frade...

Elle, o frade, invelheceu de dez annos n'aquelle dia. Os olhos sumidos, que era a feição dominante n'aquelle rosto ascetico, sumiram-se mais e mais; a estatura alta e erecta curvou-se-

lhe; o tremor nervoso, que o tomava por accessos, tornou-se-lhe habitual; os tendões enrijaram-lhe, os musculos da cara descarnaram-se, e a pelle ja sulcada de fundos cuidados, arrugou-se e franziu-se toda em rugas cruzadas e confusas como que se lh'a torrassem n'uma grelha.

Nunca mais houve um dia de alegria no valle. A sexta-feira porêm era o dia fatal e aziago. Frei Diniz ja não vinha senão no fim da tarde e demorava-se pouco; mas tanto bastava. Suspirava-se por aquella hora e tremia-se d'ella. As noticias que consolavam, e os terrores que matavam, o frade é que os trazia. O resto da semana levava-se a chorar e a esperar.

E assim se tinham passado dous annos até á sexta-feira em que primeiro vimos junctas á porta da casa aquellas tres criaturas; assim se passou até d'ahi a oito dias que a nossa historia volta a incontrá-los.

CAPITULO XVII

ıo, chegando outra sexta-feira e estando a avó e a á espera do frade, este lhe appareceu, contra o seu ,me, da banda de Lisboa. — Porque razão muitas ve- . mais animada conversação é a que mais facilmente e quebra derepente. — Nova demonstração de dous les axiomas dos nossos velhos, a saber: Que o há- não faz o monge; e que ralhando as comadres se des- ɔm as verdades. — No ralhar da velha com o frade, ıta-se uma ponta do veo que cobre os mysterios da ı historia.

ssaram-se aquelles oito dias no valle, não no se tinham passado tantas outras sema- m vagas tristezas, em desconsolação e des- rto, mas em positiva anciedade e aguda af-

flição pela certeza que trouxera o frade de se achar Carlos no Porto fazendo parte do pequeno exército de D. Pedro.

Incertos rumores, d'aquelles que percorrem um paiz em tempos similhantes e que augmentam e exaggeram, confundem todos os successos, tinham chegado até ás pacificas solidões do valle com as noticias de combates sanguinarios, de commoções violentas, de desacatos sacrilegos, de vinganças e reprezalias atrozes tomadas pelos aggressores, retribuidas pelos que se defendiam.

Chegou a sexta-feira; e as horas d'esse dia, sempre desejado e sempre temido, foram contadas minuto a minuto — a qual mais longo, a qual mais pezado e lento de volver, quanto mais se approximava o derradeiro.

O sol declinava ja... e Frei Diniz sem apparecer!

No seu poiso ordinario aopé da porta da casa Joanninha com os olhos extendidos, a velha com os ouvidos álerta, devoravam o espaço na direcção de nascente, esperando a cada momento, te-

rendo a cada instante ver apparecer o conhecido vulto, ouvir o som familiar dos passos do frade.

E tam intentas, tam absortas estavam ainda n'este cuidado, que não deram fe d'um religioso que pelo lado opposto, isto é, da banda de Lisboa para alli se incaminhava a passos arrastados mas presurosos.

Chegou rente d'ellas sem o sentirem; e uma voz conhecida, porêm mais cava e funda do que nunca a ouviram, pronunciou a fórmula de saudação costumada:

—'Deus seja n'esta casa!'

—'Amen!' responderam ambas machinalmente, com um estremeção involuntario, e voltando derepente a cara para o lado d'onde vinha a voz.'

—'Jesus!' disse depois a velha tornando a si, 'Padre Frei Diniz, de d'onde vem tam tarde?'

—'Chego de Lisboa.'

—'De Lisboa? Deus lh'o pague!... Foi saber?...'

—'Fui, fui saber novas d'esta horrivel guerra, d'esta tremenda visitação do Senhor á condemnada terra de Portugal...'

—'E então, diga'...

—'Boas novas, boas novas trago!'

—'Sente-se, padre, sente-se. Joanninha chega uma cadeira: descanse.'

—'Não é tempo de descansar este, mas de vigiar e de orar.'

—'Pois que succedeu, padre? Não me tenha n'esta horrivel suspensão. Diga: onde está elle? Alguma desgraça grande lhe aconteceu, oh meu Deus!...'

—'E que me importa a mim, o que aconteceu ou podia acontecer a mais um de tantos perdidos? Encherá a sua medida, irá após dos ou-

ros... caminha nas trevas com elles, e como lles, so hade parar no abysmo.'

A éstas derradeiras palavras do frade asperaente pronunciadas e em tom de indifferença e lesprêzo, seguiu-se aquelle silencio comprimio, aquella pausa de toda a conversação grave intima em que os pensamentos são tantos que e atropellam e não acham sahida na voz.

Frei Diniz mentia... na dureza d'aquellas exressões mentia ao seu coração — não mentia ao eu espirito. Como o caustico se applica á epilerme para deslocar a inflammação interior, elle oçava o peito com as asperidões de sua dourina e de seus principios rigidos para amortecer lentro a viva dor d'alma que o consummia.

O frade estava por fóra, o homem por dentro.

O observador vulgar não via senão o burel e corda que amortalhavam o cadaver. O que atentasse bem n'aquelles olhos, o que reparasse em nas inflexões d'aquella voz, diria: 'Frade; tu mentes; mentes sem saberes que mentes: es sincero na tua fe, na tua austeridade, na tua

'abnegação; mas o teu sacrificio é co
'Abraham, na montanha, e Deus sabe
não 'tens fôrça para o cumprir.'

Não o percebeu assim a pobre velha a q
rigores de Frei Diniz faziam tremer, e qu
toda a affeição, para todo o sentimento hu
julgava morto o coração do cenobita.

Ella que no silencio de duas noites sempr
ladas, na perpétua escuridão de seus dias sem
tristes luctava ha tanto tempo, luctava deba
para desprender das affeições do mundo aque
seu pobre coração, que queria immolar ao S
nhor, ella via com sancta inveja e admiração
sobrehumanas fôrças que imaginava no frade;
desanimada de o podêr seguir n'essas alturas
perfeição evangelica, recahia, mais desalenta
e mais miseravel que nunca, em toda a sua fi
queza de mulher e de mãe.

Oh! não sabe o que é tormento, o que é i
ferno n'este mundo, o que não soffreu d'estas a
gustias!

Mas permitte Deus que as padeça quem r

em grandes culpas, grandes e irreparaveis erros que expiar n'este mundo?

Eu creio firmemente que não.

....

....

Cansada e exhausta ja de tam porfiada lucta, velha perdeu de todo a razão com as derradeiras palavras do frade, e n'um paroxismo de chôro xclamou:

—'Diniz!.. Frei Diniz, por aquelle pinhor sagrado que eu tenho em meu podêr, por aquella preciosa cruz sôbre a qual se derramaram as últimas lagrymas da minha desgraçada filha, Diniz!...'

—'Silencio!' bradou o frade, arrancando um brado de dentro do peito que fez gemer os echos todos do valle: 'Silencio, mulher! não conjure o demonio que eu trago incarcerado n'este seio, que á fôrça de penitencias mal pude domar ainda... que so a morte poderá talvez expellir. Mulher, mulher! este cadaver que ja mor-

reu, que ja apodreceu em tudo o mais, que ja o comem, sem o elle sentir, os bichos todos da destruição... este cadaver tem um unico ponto vivo no coração... e o dedo do teu egoismo ahi foi tocar, oh, mulher!.. Peccado que estás sempre contra mim! Justiça eterna de Deus quando serás satisfeita?"

Rompêra na maior violencia a voz do frade, mas descahiu n'um tom baixo e medonho ao fazer ésta última imprecação mysteriosa. As derradeiras syllabas quasi que lhe morreram nos beiços convulsos, e ao balbuciá-las deixou-se cahir, exhausto e como quem mais não podia, na cadeira que Joanninha lhe chegara.

A velha aterrada e confusa tremia do que fizera, como deante do espirito immundo que seus maleficios evocaram, treme a maga assustada de seu proprio podêr.

Passaram alguns segundos que nenhumas palavras podem descrever.

O frade levantou o rosto, olhou para ella, olhou para Joanninha... e, como quem emerge, por

grande esforço, de um pêso enorme d'aguas que o submergiam, sacudiu a cabeça, sorveu um longo trago de ar, e disse na sua voz ordinaria, so mais debil:

—'Carlos, senhora... minha irman, Carlos está vivo; e eisaqui, vinda pelo Consul de França, uma carta d'elle.'

Tirou uma carta da manga e a intregou a Joanninha.

CAPITULO XVIII

Descobre-se que ha grandes e espantosos segredos entre o frade e a velha — Piedosa fraude de Joanninha. — Lucta entre o hábito e o monge.

O frade intregou a carta a Joanninha, que, lançando os olhos ao sobrescripto, ficou indecisa e inquieta como quem receia e deseja e teme de saber alguma coisa. Elle com voz tremula e sobresaltada accrescentou:

—'Adeus, que são horas!... Leiam, e sexta-feira que vem... me dirão...'

—'Poisque' disse timidamente a velha, 'não quer ouvir o que elle nos escreve?'

—'Sexta-feira que vem' continuou Frei Diniz, sem ouvir ou sem attender a pergunta 'sexta-feira que vem eu tomarei conta da resposta, e lh'a farei chegar pela mesma via... So uma coisa! nem palavra a meu respeito: eu para Carlos... morri.'

—'Diniz!' exclamou a velha fóra de si 'Diniz!...'

O frade tornou de repente ao seu tom austero, e respondeu gravemente: 'O quê, minha irman?'

—'Era' disse ella timida e submissa outra vez 'era se, era que... Pois não hade ouvir ler a carta d'elle?'

Frei Diniz não respondeu, mas ficou sentado: descahiu-lhe a cabeça sôbre o peito, e abraçando-se com o bordão, não deu mais signal de si.

A velha escutou em silencio alguns segundos, com aquelle ouvido agudissimo—penetrante ista dos cegos—percebeu sem dúvida o que se assava, e com mais confôrto e serenidade na oz disse:

—'Abre, Joanna, lê, minha filha.'

Joanninha abriu a carta, e percorreu com avilez as poucas linhas que ella incerrava.

—'Não lês? acudiu a avó com impaciencia: Lê, lê alto, Joanna.'

—'É para mim so a carta' disse ella friamente.'

—'Para ti so, como? tornou a outra.'

—'É para mim so ésta carta... não diz nada, que...'

—'Não diz nada!' replicou a avó. 'Pois!... Lê, lê alto; seja como for, lê, e oiçamos.'

Joanninha parecia hesitar ainda; lançou os

olhos ao frade, achou-o na mesma attitude impassivel; voltou-se para a avó, viu-a anciada e anxiosa... leu.

A carta era comeffeito para ella so, e carta bem singela não continha senão as ingenuas expressões de um amor fraterno nunca esquecido, longas saudades do passado, poucas esperanças no futuro, quasi nenhumas de se tornarem a ver tam cedo. Tudo isto porêm era com a prima: para a desconsolada avó, para ninguem mais... nem uma palavra.

Joanninha ia lendo, lendo... e a voz a descahir-lhe: no fim ajunctou uns abraços, umas saudosas lembranças, e não sei que phrase incompleta e mal articulada em que se pedia a bençam da avó.

A velha abanou a cabeça tristemente e disse: 'Ora pois... bemditto seja Deus!'

Joanninha córou até o branco dos olhos... Inda bem que a não podia ver a avó! Mas viu-a Frei Diniz, e com a mão trémula e os olhos arrazados d'agua lhe fez um mudo e expressivo

ignal de approvação e agradecimento. Joanninha córou outra vez, e logo se fez pallida como morte: era a primeira vez que mentia... e rei Diniz, o austero Frei Diniz apprová-la!

O frade levantou-se, e sem dizer palavra, to-ou o caminho de Santarem.

Ouviu-se ao longe o arquejar de uns soluços ffocados... Seriam d'elle?

A avó e a neta abraçaram-se e choraram.

Nenhuma d'ellas disse palavra sôbre a carta: velha tinha percebido a piedosa fraude de anninha...

Oh! que existencias que eram aquellas qua-! Esse frade, essa velha e essas duas crian-s! E a maior parte da gente que é *gente*, vive sim... E querem, querem-n'a assim mesmo, vida, teem-lhe appêgo! Oh que enigma é o mem!

Tornou a passar outra semana, e o frade tor-u a vir no praso costumado, e levou a res-sta da carta—resposta que Joanninha so es-

creveu e so viu — e dirigiu-a em Lisboa p
segura que indicára.

Soube-se que fôra intregue; mas sema
semanas decorreram, os mezes passaram d
no... e outra carta não veiu.

No entretanto a guerra civil progredia; e
pois de suas tremendas peripecias, o grande d
ma da Restauração, e chegava rapidamente
fim. Eram meiados do anno de 33, a operaç
do Algarve succedêra milagrosamente aos con
stitucionaes, a esquadra de D. Miguel fôra to-
mada, Lisboa estava em podêr d'elles. Os tar-
dios e inuteis esforços dos realistas para retomar
a capital tinham occupado o resto do verão. Ja
outubro se descoroava de seus ultimos fructos,
e as folhas começavam a impallidecer e a cahir,
quando uma sexta-feira, ao pôr do sol, Frei Diniz
apparecia no valle mais curvado e mais trémulo
que nunca. Vinha do exército realista que então
cercava Lisboa.

Joanninha não era alli, a velha estava so.

—'Que nos traz, padre? clamou ella mal

ue o sentiu: 'Soube d'elle? Tem escapado a stas desgraças, a esses combates mortaes?'

—'Não sei nada, minha irman: ha tres dias ue de Lisboa se não póde obter a menor infor-nação. As linhas estão fechadas e guarnecidas omo nunca: tudo indica havermos de ter cedo lgum combate decisivo.'

—'Deus seja com!...'

—'Com quem, minha irman?'

—'Com quem tiver justiça.'

—'Nenhum a tem. De um lado e de outro tá a ambição e a cubiça, de um lado e de ou-o a immoralidade, a perdição e o desprêzo da lavra de Deus. Por isso, vença quem vencer, nhum hade triumphar.'

—'Ai, o meu pobre filho, o meu Carlos!'

—'Isso, irman Francisca, isso! Péça a Deus le dê a victoria a seu neto, e á impiedade por le elle combate. Peça a Deus que vençam os

inimigos declarados do seu nome, os destruidores de seus altares, os profanadores de seus templos... Oh! que dia bello e grande não hade ser esse, quando Carlos... o seu Carlos, vier expulsar, ás baionetadas, do pobre convento de San'Francisco, o velho guardião—que lhe não hade fugir, minha irman!... d'elle menos que de nenhum outro... que ajoelhado deante do altar inclinará a cabeça como os antigos martyres para cahir na presença do seu Deus ás mãos do seu...'

—'Diniz!... Padre!... Padre Frei Diniz, que horrorosas palavras sahem da sua bôcca!... Meu neto, o meu Carlos não é capaz... oh meu Deus!...'

—'Seu neto detesta-me... e tem... tem razão.'

—'Não sabe a verdade elle... Carlos está inganado, cuida... não sabe senão meia verdade: e eu, eu heide—custe o que me custar—eu heide...'

—'Hade o quê?'

—'Heide desinganá-lo, heide-lhe dizer a verdade toda. Heide prostrar-me na sua presença, heide humilhar-me deante do filho de minha filha, heide arrastar na poeira de seus pés éstas cans e éstas rugas... morrerei de vergonha e de remorsos deante do meu filho; mas elle hade saber a verdade.'

Sahiàm com tal impeto e com tam desacostumada energia éstas mysteriosas e tremendas palavras da bôcca da velha, que Frei Diniz não ousou contê-la; ouviu até ao fim, deixou quebrar o impeto da torrente, e erguendo então a sua voz austera mas pausada, disse n'aquelle tom friamente decisivo que tanto impõe aos animos apaixonados:

—'Se tal fizesse, mulher, a minha maldicção, a maldicção eterna de Deus sôbre a sua cabeça para sempre!... Oh mulher, pois não lhe basta que elle me abhorreça—não lhe basta que seu neto lhe perdesse o amor... quer... quer tambem que nos despreze?'

A velha gemeu profundamente, e, por um geito de antiga reminiscencia, levou as mãos

aos olhos como se os tapasse para não ver. Então disse com desconsoladas lagrymas na voz:

—'A vontade de Deus seja feita!'

CAPITULO XIX

Guerra de postos avançados. Joanninha no bivac.—De como os rouxinoes do valle se disciplinaram a ponto de tocar a alvorada e a retreta.—Quem era a 'menina dos rouxinoes', e porque lhe poseram este nome.—A sentinella perdida e achada.

A velha disse aquellas últimas palavras com uma expressão de dor tam resignada, mas tam desconsolada, que o frade olhou para ella commovido, e sentiu as lagrymas escurecerem-lhe a vista.

aos olhos como se os tapasse para não ver. Então disse com desconsoladas lagrymas na voz:

—'A vontade de Deus seja feita!'

CAPITULO XIX

de postos avançados. Joanninha no bivac.—De como uxinoes do valle se disciplinaram a ponto de tocar a ada e a retreta.—Quem era a 'menina dos rouxi-, e porque lhe poseram este nome.—A sentinella da e achada.

elha disse aquellas últimas palavras com expressão de dor tam resignada, mas tam nsolada, que o frade olhou pára ella com-lo, e sentiu as lagrymas escurecerem-lhe a

E que era feito, no meio d'esta desordem, era feito da nossa pobre velha, da nossa inte sante Joanninha?

. . .

Apenas se estabeleceu a posição dos d exercitos, Frei Diniz queria levá-las para Sa tarem; mas não foi possivel. Instancias, rogo ordem positiva, tudo foi em vão. Pela primeir vez na sua vida, aquella mulher timida, fraca e irresoluta, soube ter vontade firme e propria.

—'Aqui nasci,' dizia ella, 'aqui vivi, aqui heide morrer. Que importa como?... Aqui as curtas alegrias, aqui as longas dores da minha vida teem passado: onde heide eu ir que possa viver ou morrer senão aqui? Ésta casa sei-a de cór, éstas árvores conhecem-me, estes sitios são os ultimos que vi, os unicos de que me lembra: como heide eu, velha e cega, ir fazer conhecimento com outros para viver n'elles?...'

—'E Joanninha n'essa edade... no meio d'essa soldadesca!' suggeria o frade.

—'Joanninha,' tornava ella, 'Joanninha é uma criança, e tem mais juizo, mais energia d'alma,

ais saude e mais fôrça do que—mulheres não llemos—do que a maior parte dos homens. icaremos aqui, padre, ficaremos aqui melhor) que em Santarem podêmos estar. Deus nos ›fenderá...'

Frei Diniz cedeu: a mesma vaga e indetermiıda esperança que animava a velha, e que a ·endia tam fortemente alli, não era extranha ao ıração do frade. Ella não ousava nem alludir ; longe a essa esperança, mas sentia-se que lá tinha anninhada e escondida a um canto d'ala... Aquelle neto, aquelle filho da filha queda havia de vir ter á casa em que nascêra..., ır alli havia de passar, e mais dia menos dia... velha, repitto, nem alludia a tal esperança, as sentia-se que a tinha; percebeu-lh'a Frei iniz, e ou a partilhasse tambem ou não se atre›sse a contrariar razões que lhe não davam, ›deu e callou-se.

O seu principal temor era a licenciosa soltura ›s costumes militares; mas estava Joanninha enos exposta por se acolher a uma praça de ıerra como Santarem era agora?

Brevemente se viu que a avó tinha acertado. A franca e ingenua dignidade de Joanninha, o ar grave, a melancholia serena e bondosa da velha impozeram tal respeito aos soldados, que—graças tambem á cooperação efficaz do commandante do pôsto, um bom e honrado cavalheiro transmontano—ellas viviam tam seguras e quietas na pequena porção da casa que para si reservaram, quanto em taes circumstancias era possivel viver. Frei Diniz vinha regularmente ao valle todas as sextas-feiras, e nenhum outro hábito de suas vidas se interrompeu.

E pouco a pouco, os combates, as escaramuças, o som e a vista do fogo, o aspecto do sangue, os ais dos feridos, o semblante desfigurado dos mortos—a guerra emfim em todas as suas fórmas, com todo o seu palpitante interêsse, com todos os terrores, com todas as esperanças que a accompanham, se lhes tornou uma coisa familiar, ordinaria...

A tudo se habitua o homem, a todo o estado se affaz; e não ha vida, por mais extranha, que o tempo e a repettição dos actos lhe não faça natural.

Todavia de Carlos nem mais uma linha... Pobre velha.

Assim passaram mezes, assim correu o hynverno quasi todo, e ja as amendoeiras se toucavam de suas alvissimas flores de esperança, ja uma depois de outra, iam renascendo as plantas, iam abrolhando as árvores; logo vieram as aves trinando seus amores pelo ramos... insensivelmente era chegado o mez d'Abril, estavamos em plena e bella primavera.

A guerra parecia cançada, o furor dos combatentes quebrado; rumores de intentadas transacções gyravam por toda a parte.

No nosso valle as sentinellas dos dous campos oppostos, costumadas ja a ver-se todos os dias, começavam a ver-se sem odio; principiaram por se dizer dos pesados gracejos de guerra, acabaram por conversar quasi amigavelmente. Muita vez foi curioso ouvi-los, os soldados, discorrer sôbre as altas questões d'Estado que dividiam o reino e o traziam revôlto ha tantos annos. Se as tractavam melhor os do conselho em seus gabinetes!

Joanninha que, pouco a pouco, se habitu áquelle viver de perigos e incertezas, de dia p dia lhe ia crescendo o ânimo, aguerrindo-s. Tudo se affazia áquelle estado: até os rouxinoes tinham voltado aos loureiros d'aopé da casa, e como que disciplinados obedeciam aos toques d'alvorada e de retreta, accompanhando-os de seu cantar animado e vibrante.

A essas horas Joanninha era certa em sua janella — n'aquella antiga e elegante janella *renascença* de que primeiro nos namorámos, leitor amigo, ainda antes de a conhecer a ella. Alli a viam as vedetas de ambos os exercitos, alli se acostumaram a vê-la com o nascer e o pôr do sol: alli, muda e quêda horas esquecidas, escutava ella o vago cantar dos seus rouxinoes, talvez absorta em mais vagos pensamentos ainda...

E d'alli lhe pozeram o nome de 'menina dos rouxinoes', pelo qual era conhecida em ambos os campos; significante e poetico appellido com que a saudavam os soldados de ambas as bandeiras!

E uns e outros respeitavam e adoravam a menina dos rouxinoes. Entre uns e outros por ta-

ita convenção parecia estipulado que aquella uave e angelica figura podesse andar livremente io meio das armas inimigas, como a pomba doméstica e valida a que nenhum caçador se lem›ra de mirar.

Os costumes de guerra são menos soltos do que se cuida; no ânimo do soldado ha mais sentimentos delicados, nas suas fórmas ha menos ruleza do que se pensa. A farda é sim vaidosa e presumida, crê muito nos seus podêres de seducção, mas não é brutal senão no primeiro impeto.

Joanninha pençava os feridos, velava os infermos, tinha palavras de consolação para todos, e em tudo quanto dizia e fazia era tam senhora, tinha tam grave gentileza, um donaire tam nobre, que a amavam todos muito, mas respeitavam-n'a ainda mais.

Fiada ja n'este respeito e estima geral, Joanninha fôra extendendo, de dia a dia, as suas excursões pelo valle. Ultimamente costumava ir, pelo fim da tarde, até um pequeno grupo de alamos e oliveiras que ficava mais para o sul e

perto do logar donde, á noite, se collocavam as derradeiras vedetas dos constitucionaes.

Um dia, ja quasi pôsto o sol, a tarde quente e serena,—ou fosse que adormeceu ou que suas meditações a distrahiram—o certo é que os rouxinoes gorgeavam ha muito nos loureiros da janella, e Joanninha não voltava.

Estabeleceram-se as vedetas de um lado e outro, deram-se todas as disposições costumadas para a noite.

O official dos constitucionaes que andava collocando as suas sentinellas, tinha vindo essa mesma tarde de Lisboa com um refôrço de tropa. Pôz-se elle em marcha com a sua gente, foi-a dispondo nos logares convenientes, e chegava emfim aopé d'aquelle grupo de árvores:

—'Silencio!' disse elle 'Alto! alli está um vulto'.

—'Não é ninguem,' respondeu um soldado que era dos antigos no pôsto: 'ninguem que importe; é a menina dos rouxinoes, Estou vendo que adormeceu no seu poiso costumado.'

A menina dos rouxinoes! Que cantiga é
ıue me cantas tu lá?'

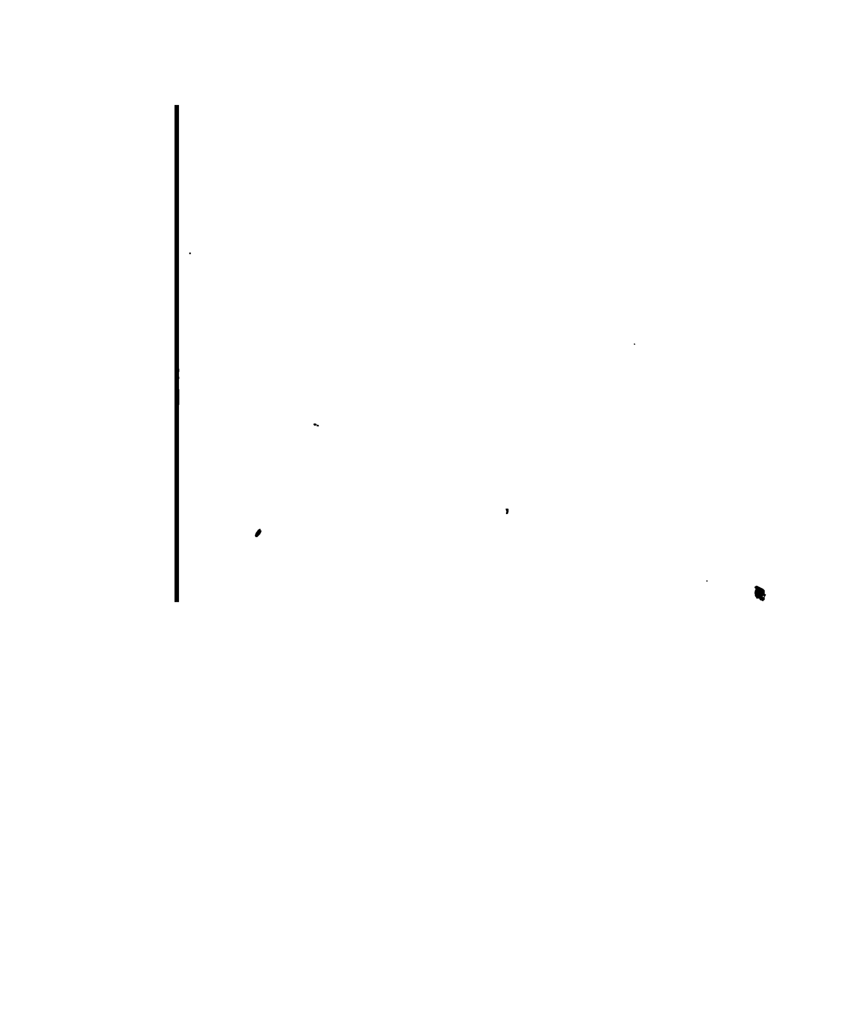
soldado deu a explicação popular do seu
mostrou a casa do valle, e continuava in-
endo sôbre os meritos e virtudes de Joan-
. . .

ɔfficial não o deixou acabar:

Para a retaguarda, e silencio!'

rapidamente postar, a alguma distancia
, as duas sentinellas que lhe faltavam; e
ntrou no pequeno grupo d'árvores.

ı Joanninha que estava alli, Joanninha que
ivamente dormia a somno sôlto.



CAPITULO XX

ınninha adormecida — O demi-jour da coquette. — Poesia lo Flos-sanctorum. — De como os rouxinoes acompanhavam sempre a menina do seu nome; e do bem que um d'elles cantava no bivac. — Retratto esquissado á pressa para satisfazer ás amaveis leitoras. — Pondera-se o triste e pessimo gôsto dos nossos governantes em tirarem as honras militares ao mais elegante e mais nacional uniforme do exercito portuguez. — Em que se parece o auctor da presente obra com um pintor da edade-média. — De como os abraços, por mais apertados que sejam, e os beijos, por mais interminaveis que pareçam, sempre teem de acabar porfim

Sôbre uma especie de banco rustico de verdu-, tapeçado de grammas e de macella brava, anninha, meio recostada, meio deitada, dor-ia profundamente.

A luz baça do crepusculo, coada ainda pelos ramos das árvores, illuminava tibiamente as expressivas feições da donzella; e as fórmas graciosas de seu corpo se desenhavam molle e voluptuosamente no fundo vaporoso e vago das exhalações da terra, com uma incerteza e indecisão de contornos que redobrava o incanto do quadro, e permittia á imaginação exaltada percorrer toda a escalla d'harmonia das graças femininas.

Era um ideal de demi-jour da coquette parisiense: sem arte nem estudo, lh'o preparára a natureza em seu boudoir de folhagem perfumado da brisa recendente dos prados.

Como n'essas poeticas e populares legendas de um dos mais poeticos livros que se tem escripto, o Flos-sanctorum, em que a ave querida e fadada acompanha sempre a amavel sancta de sua affeição—Joanninha não estava alli sem o seu mavioso companheiro. Do mais espesso da ramagem, que fazia sobreceo áquelle leito de verdura sahía uma torrente de melodias, vagas e ondulantes como a selva com o vento, fortes, bravas, e admiraveis de irregularidade e invenção como as barbaras endeixas de um poeta sel-

agem das montanhas... Era um rouxinol, um os queridos rouxinoes do valle que alli ficára de ela e companhia á sua protectora, á menina do eu nome.

Com o approximar dos soldados, e o cochichar lo curto dialogo que no fim do último capitulo e referiu, cessára por alguns momentos o deli-:ioso canto da avesinha: mas quando o official,)ostadas as sentinellas a distancia, voltou pé ante)é e entrou cautellosamente para debaixo das ár-vores, ja o rouxinol tinha tornado ao seu canto, e não o suspendeu outra vez agora, antes redobrou de trillos e gorgeios, e do mais alto de sua voz agudissima veiu descahindo depois em uns suspiros tam magoados, tam sentidos, que não disseras senão que preludiava a mais terna e maviosa scena d'amor que esse valle tivesse visto.

O official...—Mas certo que as amaveis leitoras querem saber com quem trattam, e exigem, pelo menos, uma esquissa rapida e a largos traços do novo actor que lhes vou appresentar em scena.

Teem razão as amaveis leitoras, é um dever de romancista a que se não póde faltar.

O official era môço, talvez não tinha trinta annos; pôsto que o tratto das armas, o rigor das estações, e o sêllo visivel dos cuidados que trazia estampado no rosto, accentuassem ja mais fortemente, em feições de homem feito, as que ainda devia arrendondar a juventude.

A sua estatura era medianna, o corpo delgado, mas o peito largo e forte como precisa um coração de homem para pulsar livre; seu porte gentil e decidido de homem de guerra desenhava-se perfeitamente sob o espesso e largo sobretudo militar — especie de great-coat inglez que a imitação das modas britannicas tinha tornado familiar nos nossos bivacs. Trazia-o desabotoado e descahido para traz, porque a noite não era fria; e via-se por baixo elegantemente cingida ao corpo a fardeta parda dos caçadores, realçada de seus characteristicos alamares pretos e avivada de incarnado...

Uniforme tam militar, tam nacional, tam caro a nossas recordações — que essas gentes, prostituidoras de quanto havia nobre, popular e respeitado n'esta terra, proscreveram do exército... por muito portuguez demais talvez! de-

ram-lhe baixa para os beleguins da alfandega, reformaram-n'o em uniforme da bicha!

Não pude resistir a ésta reflexão: as amaveis leitoras me perdoem por interromper com ella o meu retratto.

Mas quando pinto, quando vou riscando e collorindo as minhas figuras, sou como aquelles pintores da edade-média que interlaçavam nos seus paineis distichos de sentenças, fittas lavradas de moralidades e conceitos... talvez porque não sabiam dar aos gestos e attitudes expressão bastante para dizer por elles o que assim escreviam, e servia a penna de supplemento e illustração ao pincel... Talvez: e talvez pelo mesmo motivo caio eu no mesmo defeito...

Será; mas em mim é irremediavel, não sei pintar de outro modo.

Voltemos ao nosso retratto.

Os olhos pardos e não muito grandes, mas de uma luz e vivesa immensa, denunciavam o talento, a mobilidade do espirito—talvez a irre-

flexão... mas tambem a nobre singeleza de um character franco, leal e generoso, facil na ira, facil no perdão, incapaz de se offender de leve, mas impossivel de esquecer uma injuria verdadeira.

A bôcca, pequena e desdenhosa, não indicava comtudo suberba, e muito menos vaidade, mas surria na consciencia de uma superioridade inquestionavel e não disputada.

O rosto, mais pallido que trigueiro, parecia comprido pela barba preta e longa que trazia ao uso do tempo. Tambem o cabello era preto; a testa alta e desaffogada.

Quando callado e serio, aquella physionomia podia-se dizer dura; a mais pequena animação, o mais leve surriso a fazia alegre e prazenteira, porque a mobilidade e a gravidade eram os dous pollos d'esse character pouco vulgar e difficilmente bem intendido.

D'aquelle busto classico e verdadeiramente moldado pelos typos da arte antiga, podia o statuario fazer um philosopho, um poeta, um ho-

m d'estado ou um homem do mundo, segun-
as leves inflexões d'expressão que lhe désse.

N'este momento agora, e ao entrar na peque-
espessura d'aquellas árvores animava-o uma
a e inquieta expressão de interêsse—que-
ido comtudo, sustido, e, para assim dizer, *sof-
ado*, de um temor occulto, de um pensamento
ervado e doloroso que lhe ia e vinha resum-
indo na face, como a antiga e desbotada côr
um estôfo que se tingiu de novo—que é ou-
agora, mas que não deixou de ser inteira-
nte o que era...

Alegra-se assim um triste dia de novembro
n o raio de sol transiente e inesperado que
rompeu a cerração n'um canto do ceo...

Tal era, e tal estava deante de Joanninha
ormecida, o que não direi mancebo porque o
o parecia—o homem singular a quem o no-
, a historia e as circumstancias da donzella
reciam ter feito tammanha impressão.

—'Joanninha!' murmurou elle apenas a viu
uz ainda bastante do crepusculo. 'Joanninha!'

disse outra vez, contendo a violencia da exclamação: 'É ella sem duvida. Mas que differente!... Quem tal diria! Que graça! que gentileza! Será possivel que a criança que ha dois annos?...'

Dizendo isto, por um movimento quasi involuntario lhe tomou a mão adormecida e a levou aos labios.

Joanninha estremeceu e acordou.

—'Carlos, Carlos!' balbuciou ella, com os olhos ainda meio-fechados, 'Carlos, meu primo... meu irmão! era falso, dize: era falso? Foi um sonho, não foi, meu Carlos?...'

E progressivamente abria os olhos mais e mais até se lhe espantarem e os cravar n'elle arregallados de pasmo e de alegria.

—'Foi, foi,' continuou ella; 'foi sonho, foi um sonho mau que eu tive. Tu não morreste... Falla á tua irman, á tua Joanna; dize-lhe que estás vivo, que não es a sombra d'elle... Não es, não, que eu sinto a tua mão quente na minha que queima, sinto-a estremecer como a minha...

arlos! meu Carlos! dize, falla-me: tu estás ivo e são? E es... es o meu Carlos? Tu prorio, não é ja o sonho, es tu?...'

—'Pois tu sonhavas? tu, Joanna, tu sonhavas ommigo?'

—'Sonhava como sonho sempre que durmo... o mais do tempo que estou acordada... sonha-'a com aquillo em que so penso... em ti.'

—'Joanna... prima... minha irman!'

E cahiu nos braços d'ella; e abraçaram-se ı'um longo, longo abraço—com um longo, inerminavel beijo... longo, longo e interminavel como um primeiro beijo d'amantes...

O abraço desfez-se, e o beijo terminou em fim, porque os reflexos do ceo na terra são limitados e imperfeitos como as incompletas existencias que a habitam.

Senão... invejariam os anjos a vida da terra.

Joanninha, tornada a si d'aquelle quasi paro-

xismo, abria e fechava os olhos para se affirmar se stava bem acordada, tocava com as mãos o rosto, e o peito, os braços do primo, palpava-se depois a si mesma como quem duvidava de sua propria existencia, e dizia em palavras cortadas e sem nexo:

—'É Carlos... Carlos: foi falso. É meu primo... Minha avó tambem sonhou o mesmo sonho, mas foi falso. Frei Diniz não é que o disse, nem ninguem: eu e a avó é que o sonhámos. Mas elle aqui está, vivo... vivo! é nosso, nosso todo outra vez.. .Mas como vieste tu aqui, Carlos? Como estava eu aqui comtigo?... E sos, sosinhos aqui a ésta hora! Não deve ser isto... Valha-me Deus! E que dirão? E Jesus!—Lá isso não me importa; deixá-los dizer: mas não deve ser. Vamos, Carlos, vamos ter com ella, vamos pàra a avó!... Que n'isto não ha mal nenhum... Meu primo!... um primo com quem eu fui criada!... Mas quem não souber, póde dizer... Vamos, Carlos.—Oh! minha avó morre de alegria, coitada!... É verdade: vou adeante preveni-la, prepará-la... heide-lhe ir assim dizendo pouco pouco... Segue-me tu, Carlos, e vamos.—Mas, oh meu Deus! não é preciso; paraquê? Ella é cega, coitadinha, não sabes?'

—'Cega, que dizes? minha avó está cega?'

—'Pois não sabias? Ai! é verdade, não sabias. Tantas coisas que tu não sabes, meu Carlos! Mas eu te contarei tudo, tudo. Olha: cegou quando... Mas não fallemos agora n'essas tristezas que ja la vão. Em ella te sentindo aopé de si, é o mesmo que tornar-lhe a vista. Tem-m'o ella ditto muitas vezes, e eu bem sei que é assim. Mas ouve: um dia havemos de fallar—nós dous sos—á vontade: tenho tanto que te dizer... nem tu sabes... Agora vamos, Carlos.'

E fallando assim, tomou-o pela mão e sahiu para o valle aberto, froixamente acclarado ja de myriades de estrellas scintilantes no ceo azul.

CAPITULO XXI

:m la?—Como entre dois litigantes nem sempre) terceiro.—Carlos e Joanninha n'uma especie de Io *ordeira,* a mais perigosa e falsa das situações.

:strellas luziam no ceo azul e diaphano, temperada da primavera suspirava brante; na larga solidão e no vasto silencio e distinctamente se ouvia o doce murmu-

rio da voz de Joanninha, claramente se via o vulto da sua figura e da do companheiro que ella levava pela mão e que machinalmente a seguia como sem vontade propria, obedecendo ao podêr de um magnetismo superior e irresistivel.

Passavam, sem as ver e sem reflectir onde estavam, por entre as vedetas de ambos os campos... e ao mesmo tempo de umas e outras lhes bradou a voz breve e stridente das sentinellas: 'Quem vem lá?'

Estremeceram involuntariamente ambos com o som repentino de guerra e de alarma que os chamava á esquecida realidade do sitio, da hora, das circumstancias em que se achavam... D'aquelle sonho incantado que os transportára ao Éden querido de sua infancia, accordaram sobresaltados... viram-se na terra erma e bruta, viram a espada flammejante da guerra civil que os perseguia, que os desunia, que os expulsava para sempre do paraíso de delicias em que tinham nascido...

Oh! que imagem eram esses dois, no meio d'aquelle valle nu e aberto, á luz das estrellas

scintilantes, entre duas linhas de vultos negros, aqui alli dispersos e luzindo acaso do tranziente reflexo que fazia brilhar uma baioneta, um fuzil... que imagem não eram dos verdadeiros e mais sanctos sentimentos da natureza expostos e sacrificados sempre no meio das luctas barbaras e estupidas, no conflicto de falsos principios em que se estorce continuamente o que os homens chamaram *sociedade!*

Joanninha abraçou-se com o primo; elle parou derepente e foi com a mão ao punho da espada.

—'Quem vem lá?' tornaram a bradar as sentinellas.

—'Ouves, Joanna?' disse Carlos em voz baixa e sentida: 'Ouves estes brados? É o grito da guerra que nos manda separar; é o clamor cioso e vigilante dos partidos que não tolera a nossa intimidade, que separa o irmão da irman, o pae do filho!...'

—'Quem vem lá?' bradaram ainda mais forte as sentinellas; e ouviu-se aquelle stridor baço e breve que tam froixo é e tam forte impressão faz

nos mais bravos animos... era o som dos gatilhos que se armavam nas espingardas.

O momento era supremo, o perigo imminente e ja inevitavel... alli podiam ficar ambos, traspassados das ballas oppostas dos dois campos contendores.

Como esses que, fiados em sua innocencia e abnegação, cuidam podêr passar por entre as discordias civis sem tomar parte n'ellas, e que são, por isso mesmo, objecto de todas as desconfianças, alvo de todos os tiros—assim estavam alli os dois primos na mais arriscada e falsa posição que têem as revoluções.

Joanninha conheceu o perigo que os ameaçava; e com aquella rapidez de resolução que a mulher tem mais prompta e segura nas grandes occasiões, disse para Carlos:

—'Falla aos teus, faze-te conhecer e põe-te a salvo. Ámanhan nos tornaremos a ver: eu te avisarei! Adeus!'

—'E tu, tu?... E as sentinellas dos realistas?...'

—'Não tenhas cuidado em mim. D'esta ban-
todos me conhecem.'

Deu alguns passos para o lado da sua casa e
'antou a voz:

—'Joanninha! Sou eu, camaradas, sou eu!'

Immediatamente se ouviu o som retinido das
ronhas no chão, e o riso contente dos solda-
s que reconheciam a bemquista e bem vinda
z de Joanninha... da 'menina dos rouxinoes.'

—'Ves, Carlos?... Adeus! até ámanhan,'
sse ella baixo.

—'Até ámanhan se...'

—'Se!... Pois tu?...'

—'Ouve: não digas a tua avó que me viste,
ıe estou aqui: é forçoso é indispensavel, exi-
-o de ti...'

—'E ámanhan me dirás?...'

—'Sim.'

—'Prometto: não direi nada... Mas, oh! Carlos...'

—'Adeus!'

Carlos deu dois passos para a banda das suas vedetas. Joanna correu para o lado opposto. Mas elle parou e não tirou os olhos d'aquella fórma gentil que deslizava como uma sombra pelo horisonte do valle, até que desappareceu de todo.

E elle immovel ainda!

Faiscaram derepente como relampagos um, dois, tres... e as detonações que os seguiram, e o assovio das ballas que vinham depós ellas... Eram as sentinellas constitucionaes que faziam fogo sôbre o seu commandante que não conheciam, cujo silencio e immobilidade o fazia suspeito.

Uma das ballas ainda o feriu levemente no braço esquerdo.

—'Bem, camaradas!' bradou Carlos caminhando rapidamente para elles, e erguendo a

oz forte e cheia que tam conhecida era nas fi-
ɔiras: 'Bem! Fizeram a sua obrigação. Um de
ocês que me aperte aqui o braço com este
ɔnço.'

—'Carlos!' gritou ao longe uma voz fina,
guda, vibrante de terror pelo espaço; 'Carlos!
alla-me, responde: não te succedeu nada?'

—'Nada, nada! Socega.'

E tornou a cahir tudo no silencio. Carlos re-
irou-se ao seu quartel n'uma choupana proxi-
na. Os soldados olharam-se entre si e surriram.

Um mais doutor disse para os outros:

—'O nosso capitão não se descuida: ainda
ɩoje chegou, e ja nós lá vamos, hem?'

—'O nosso capitão é d'aqui: não sabes?'

—'Hum! tenho percebido. E ainda lhe dura?
Ɔ home' é capaz!'

—'Silencio! Eu te direi logo a historia toda:
ɜ uma prima.'

—'Ah! prima. Então não ha nada que dizer

—'É a que elles chamam aqui...'

—'A menina dos rouxinoes? Essa é maluca.'

—'Gosta d'ellas assim, que elle tambem o é.'

—'Pois a freira de San'Gonsallo, na Terceira?'

—'Maluca.'

—'E a Lady ingleza que?...'

—'Maluquissima essa! Não me hade admirar se a vir cahir do ar um dia por ahi como bomba. E não hade dar mau estallo!'

—'Podera! E incontrando-se com a prima então!...'

—'Mas ella é prima ou é irman?'

—'É uma tal parentella inrevezada a d'essa gente da casa do valle!... dizem coisas por ahi,

ɜ se eu as intendo!.. E ha um frade no ca-
ja se sabe...'

—'Oh! elle ha frade no caso?'

—'Ha, e que frade! Um apostolico ás direi-
s! Tam feio, tam magro! apparece por ahi ás
:zes. Eu ja o lombriguei um dia: e que famo-
tiro que era! Quasi que me arrependo de não
r...'

—'Isso! hoje iamos matando o nosso capitão
›r instantes. Ora agora se lhe matas o tio, ou
ıe, ou o que quer que é...'

—'Um frade!'

—'Um frade não é gente?'

—'Não senhor.'

—'Está bom: basta de conversar por hoje. O
ıe me eu parece é que nós temos cedo muita
ıncada rija.'

—'Venha ella, que isto ja abhorrece.'

Accenderam os cigarros e fumaram.

Com o mesmo socêgo d'espirito... sa
Deus! accendem os homens a guerra civil,
altera e confunde por este modo todas as id
todos os sentimentos da natureza.

CAPITULO XXII

ıete de manhan da prima ao primo. Inganam a pobre da elha.— Noite mal dormida.— Da conversa que teve Carɔs com os seus botões.— A Joanninha que elle deixára, a Joanninha que achou.— Obrigações d'amor, triste paavra.— A mulher que elle amava, e se elle a amava ain-a.— Quesitos do A. aos seus benevolos leitores. Declara ue com os hypocritas não falla.— Quem hade levantar primeira pedra?— Dois modos differentes de accudir ıma coisa ao pensamento.

No dia seguinte, mal rompia a manhan, um izano que dizia trazer communicações imporıtes para o commandante do pôsto avançado, conduzido á presença de Carlos e lhe intreu uma carta: era de Joanninha.

Fiel á sua promessa, ella não tinha ditt
do incontro da véspera: dizia a carta. E
avó estava doente e afflicta; que para a a
e consolar, lhe dera notícias do primo,
vindas por pessoa que o vira e estivera cor
Que ficava mais contente e socegada: m
aquelle estado de anciedade não podia p
gar-se. Que a saude da pobre velha dec
de dia a dia; que se lhe ia a vida, que er
tá-la não lhe dizer a verdade... Joanninh
cluia com mil affectos e saudades e ap
por fim o mesmo sitio da véspera para se
rem a ver, e para concertarem o que havi
fazer. Todas as precauções estavam toma
o consentimento dado pelo commandar
pôsto contrário para haver toda a seg
n'aquella entrevista.

Carlos tinha velado toda a noite; uma
ção extraordinaria lhe amotinára o sangu
desaffinára os nervos. Bem tinha deseja
para aquelle pôsto, bem contava, bem es
elle, estando alli saber de mais perto da
milia, vê-los talvez, mais dia menos dia,
trar-se com algum d'elles... e de todos e
innocente e graciosa criança com quem

como irmão desde os seus primeiros annos, era quem elle mais esperava, mais desejava ver decerto.

Mas uma criança era a que elle tinha deixado, uma criança a brincar, a colhêr as boninas, a correr atraz das borboletas do valle... uma criança que sim o amava ternamente, cuja suave imagem o não tinha deixado nunca em sua longa peregrinação, cuja saudade o accompanhára sempre, de quem se não esquecêra um momento, nem nos mais alegres nem nos mais occupados, nem nos mais difficeis nem nos mais perigosos da sua vida...

Mas era uma criança!... era a imagem d'uma criança.

É certo, sim; e nas batalhas, em presença da morte... no longo cêrco do Porto entre os flagellos da cholera e da fome, nas horas de mais viva esperança, no descoroçoamento dos mais tristes dias, a doce imagem de Joanninha, d'aquella Joanninha com quem elle andava ao colo, que levantava em seus hombros para ella chegar aos ninhos dos passaros no verão, aos me-

dronhos maduros no outomno, que elle suspen dia nos braços para passar no hynverno os ala-gadiços do valle,—essa querida imagem não o abandonára nunca.

Nunca!... nem quando as penas d'amor, nem quando as suas glorias —mais esquecidiças ainda— pareciam absorver-lhe todos os sentidos e todo o sentimento de seu coração.

A saudade, a memoria de Joanninha, suave mente impressa no mais puro e no mais sanct da sua alma, resplandecia no meio de todas a sombras que lh'a obscurecessem, sobreluzia n meio de qualquer fogo que lh'a allumiasse.

Uma luz quieta, limpida, serena como a toch na mão do anjo que ajoelha em innocencia piedade deante do throno do Eterno!

Mas, no mesmo dia em que chegou ao vall quasi na mesma hora, cheio d'aquella luz, ma viva e animada agora pela proximidade do foc d'onde sahia... n essa mesma h ora, ir incon trar alli, n'aquella solidão, entre aquellas ár vores, á tibia e seductora claridade do crepu

ı... a quem, sancto Deus! Não ja a mesma ıninha de ha tres annos, não a mesma imaı que elle trazia, como a levára, no coração; ; uma gentil e airosa donzella, uma mulher ı e perfeita, e que nada perdêra, comtudo, graça, do incanto, do suave e delicioso per- e da innocencia infantil em que a deixára!

Ião esperava, não estava preparado para a ressão que recebeu, foi uma surpreza, um que, um reviramento confuso de todas as s ideas e sentimentos.

Qual fosse porêm a precisa e verdadeira impssão que recebeu, nem elle a si proprio o éra explicar: era de um genero novo, unico historia de suas sensações: não a conhecia, anhava-a, e quasi que tinha medo de a anaır.

Sería annúncio d'amor?

Ias elle tinha amado, amado muito e devé-... e cuidava amar ainda, e devia amar; por ınto ha sagrado e sancto nos deveres do coão, era obrigado a amar ainda.

Oh obrigações d'amor, obrigações d'amor! se vós não sois, se vós ja não sois senão obrigações!...

Não o pensava Carlos, não o cria elle assim: leal e sincero tinha intregue o seu coração á mulher que o amava, que tantas próvas lhe dera d'amor e devoção, que descançava em sua fé, que não existia senão para elle: mulher môça, bella, cheia de prendas e de incantos, mulher de um espirito, de uma educação superior, que atravessára, desprezando-as, turbas de adoradores nobres, riccos, poderosos, para descer até elle, para se intregar ao foragido, pobre, extrangeiro, desprezado.

Quem era essa mulher?

Aonde, como obtivera elle a posse d'essa joia, d'esse talisman com o qual se tinha por tam seguro para não ver na graciosa prima senão?...

Senão o quê?

A innocente criança que alli deixára?

ão é verdade isso: outra era a impressão
ninha lhe fizera, fosse ella qual fosse.

: era então?

re tudo, quem era ess'outra mulher que
va?

va-a elle ainda?

a.

nninha?

inha era... nem eu sei o que lhe era
a... o que lhe estava sendo n'aquelle
).

lhe ella fôra, assás t'o tenho explicado,
nigo e benevolo: o que lhe ella será...
, leitor candido e sincero, —aos hypo-
o fallo eu — pódes tu dizer-me o que hade
nhan no teu coração a mulher que hoje
achas bella, ou gentil, ou interessante?

responder-me da parte que tomará áma-

nhan na tua existencia a imagem da donzella que hoje contemplas apenas com olhos de artista, e lhe estás notando, como em quadro gracioso, os finos contornos, a pureza das linhas, a expressão verdadeira e animada?

E quando vier, se vier, esse fatal dia de ámanhan, responder-me-has tambem da parte que ficará tendo em tua alma ess'outra imagem que lá estava d'antes e que, ao reflexo d'esta agora, d'aqui observo que vai impallidecendo, descorando... ja lhe não vejo senão os lineamentos vagos... ja é uma sombra do que foi... Ai! o que será ella ámanhan?

Leitor amigo e benevolo, caro leitor meu indulgente, não accuses, não julgues á pressa o meu pobre Carlos; e lembra-te d'aquella pedra que o Filho de Deus mandou levantar á primeira mão que se achasse innocente... A adultera foi-se em paz, e ninguem a apedrejou.

Pois é verdade: Carlos tinha amado, amado muito, e amava ainda a mulher a quem promettêra, a quem estava resolvido a guardar fé. E essa mulher era bella, nobre, ricca, admirada,

cupava uma alta posição no mundo... e tudo e sacrificára a elle exilado, desconhecido.

E Carlos estava seguro que nenhuma mulher havia de amar como ella; que os longos e on- ados anneis de loiro cendrado, que os langui- os olhos de gazella, que o ar majestoso e altivo, ue a tez d'uma alvura celeste, que o espirito, talento, a delicadeza de Georgina... Chama- a-se Georgina; e é tudo quanto por agora póde izer-vos, ó curiosas leitoras, o discreto historia- or d'este mui veridico successo; não lhe per- unteis mais, por quem sois. Carlos estava segu- o, dizia eu, que todas essas perfeições, que o eu amor sem limites, que a sua confiança sem re- erva, não podiam ter rival, nem a haviam de ter.

Mas aquelle beijo, aquelle abraço de Joanni- ha... oh! que lhe tinha elle feito? Como o sen- ira elle? Como lhe guardára o seu talisman o oração e a alma?...

Não, Carlos estava certo de si, certo do seu ntigo amor, lembrado de quanto lhe devia: e 'isso reflectiu toda aquella noite que se fôra em laro.

A imagem de Joanninha lá apparecia, de vez em quando, como um raio de luz tranziente e magica, no meio d'ess'outras visões do passado que a reflexão lhe acordava. Ai! essas era a reflexão que as acordava... aquella vinha espontanea; era repellida, e tornava, e tornava...

Ha sua notaval differença n'estes dois modos de accudir ao pensamento.

A manhan veio em fim: Carlos respirou o ar puro e vivo da madrugada, sentiu-se outro.

Quando chegou a carta de Joanninha, leu-a e reflectiu n'ella sem sobresalto. Certo e seguro de si, resolveu ir ao prazo dado para a tarde.

CAPITULO XXIII

ia a accudir muita coisa vaga e incontrada ao pen-
ento de Carlos.— Dança de fadas e duendes.— Frei
e o fado-mau da familia.—Veremos, é a grande re-
ão nas grandes difficuldades.—Carlos poeta roman-
—Olhos verdes.— Desafio a todos os poetas moyen-
do nosso tempo.

o ha nada como tomar uma resolução.

s hade tomar-se e executar-se: aliás, se o
é difficil e complicado, pouco a pouco as

dúvidas solvidas começam a inliar-se outra a inredar-se... a surgir outras novas, a apı sentarem-se faces ainda não vistas da questão em fim, se o intervallo é largo, quando a re: lução tomada chega a executar-se, a maior par das vezes ja não é por fôrça de razão e convi ção que se faz, mas por capricho, ponto d'hon ra, teima.

Carlos tinha resolvido ir ao prazo dado, no fim do dia. Mas o dia era longo, custou-lhe a passar. Todas as ponderações da noite lhe recorreram ao pensamento, todas as imagens que lhe tinham fluctuado no espirito se avivaram, se animaram, e lhe começaram a dançar n'alma aquella dança de fadas e duendes que faz a delicia e os tormentos d'estes sonhadores acordados que andam pelo mundo e a quem a douta faculdade chama *nervosos;* em stylo de romance *sensiveis*, na phrase popular *malucos*.

Carlos era tudo isso: para que o heide eu negar?

Entre aquellas imagens que assim lhe bailavam no pensamento, vinha uma agora... talvez

que elle via mais distincta entre todas, a da avó que tanto amára, em cujo maternal coração elle bem sabía que tinha a primeira, a maior parte... da avó que tam carinhosa mãe lhe tinha sido! Pobre velhinha, hoje decrepita e cega... Cega, coitada! Como e por que cegaria ella?

Havia ahi mysterio que Joanninha indicára, mas que não explicou.

Atraz da paciente e humilhada figura d'aquella mulher de dores e desgraças, se erguia um vulto austero e duro, um homem armado da cabeça aos pés de ascetica insensibilidade, um homem que parecia o fado-mau d'aquella velha, de toda a sua familia... o cumplice e o verdugo de um grande crime... um ser de mysterio e de terror.

Era Frei Diniz aquelle homem; homem que elle desejava, que elle cuidava detestar, mas por quem, no fundo d'alma, lhe chamava uma voz mystica e intima, uma voz que lhe dizia: 'Assim será tudo, mas tu não pódes abhorrecer esse homem.'

Sim, mas sôbre Frei Diniz pesava uma accusa-

ção tremenda, que o fizera, a elle Carlos, abandonar a casa de seus paes! Accusação horrivel que tambem comprehendia a pobre velha, aquella avó que o adorava, e que elle, ainda criminosa como a suppunha, não podia deixar de amar...

E d'estes medonhos segredos sabía Joanninha alguma coisa?

Esperava em Deus que não.

Desconfiaria alguma coisa?... O quê?

E iria elle polluir o pensamento, desflorar os ouvidos, corromper os labios da innocente criança com o esclarecimento de taes horrores?

Havia de lhe fallar na infamia dos seus? Havia de lhe explicar o motivo por que fugíra da casa paterna?

Havia de?...

Não.—Se Joanninha tivesse suspeitas, havia de destrui-las, antes; se ella soubesse alguma coisa, negar-lh'a.

ıtiria, juraria falso se fosse preciso.

ĩo havia de ir ver a avó, não havia de entrar
a dos seus a consolar a infeliz que so vivia
esperança, a de ver o filho de sua filha?

, nunca... O limiar d'aquella porta, que
lgava contaminado, infame, manchado de
e e cuspido de opprobrios e deshonras, ti-
passado sacudindo o pó de seus sapatos,
ttendo a Deus e á sua honra de o não tor-
cruzar mais.

que diria então elle a Joanninha? Como
de explicar-lhe um proceder tam extranho,
ırentemente tam cruel, tam ingrato?

emquanto as impossibilidades materiaes
ırra serviriam de desculpa, depois o tempo
conselho.

emos!—é a grande resolução que se toma
'andes difficuldades da vida, sempre que é
el espaçá-las.

los disse: '*Veremos!*'

Tomou todas as disposições para podêr estar seguro e socegado no sitio onde ia encontrar a prima: e o resto do dia, ancioso mas contente, occupou-se de seus deveres militares, fatigou o corpo para descançar o espirito, e em parte e por bastantes horas o conseguiu.

Mas um dia de abril é immenso, interminavel. E as últimas horas pareciam as mais compridas. Nunca houve horas tammanhas! Carlos ja não tinha que inventar para fazer: pôz-se a pensar.

Que remedio!

Pensou n'isto, pensou n'aquillo... uma idea lhe vinha outra se lhe ia. A imaginação, tanto tempo comprimida, tomava o freio nos dentes e corria á redea sôlta pelo espaço...

Anneis dourados, transas de ebano, faces de leite e rosas como de cherubins, outras pallidas, transparentes, diaphanas como de princezas incantadas, olhos pretos, azues, verdes... os de Joanninha em fim... todas éstas feições, confusas e indistinctas mas de estremada belleza todas, lhe passavam deante da vista, e todas o

nfeitiçavam. O desgraçado...—Por que não heide eu dizer a verdade?—o desgraçado era poeta.

. . . . .

Inda assim! não me esconjurem ja o rapaz... Poeta, intendamo'-nos; não é que fizesse versos: n'essa não cahiu elle nunca, mas tinha aquelle fino sentimento d'arte, aquelle sexto sentido do *bello*, do *ideal* que so teem certas organizações privilegiadas de que se fazem os poetas e os artistas.

Eis aqui um fragmento de suas aspirações poeticas Vejam as amaveis leitoras que não teem metro, nem rhyma—nem razão... Mas emfim versos não são.

Olhos verdes!!...

'Joanninha tem os olhos verdes...

'Não se reflecte n'elles a pura luz do ceo, como nos olhos azues.

. . . .

'Nem o fogo—e o fummo das paixões, como nos pretos.

'Mas o viço do prado, a frescura e an*im*
bosque, a fluctuação e a transparencia *do* m

'Tudo está n'aquelles olhos verdes.

'Joanninha, por que tens tu os olhos ve

'Nos olhos azues de Georgina arde, em s
e modesto brilho, a luz tranquilla de um
provado, seguro, que deu quanto havia d
quanto tinha que dar.

'Os olhos azues de Georgina não dizem
uma so phrase d'amor, sempre a mesma e
pre bella: *Amo-te, sou tua!*

'Nos olhos negros e inquietos de Soledad
ca li mais que éstas palavras: *Ama-me que es*

'Os olhos de Joanninha são um livro in
so, escripto em caracteres moveis, cujas c
nações infinitas excedem a minha comprehe

'Que querem dizer os teus olhos, Joann

'Que lingua fallam elles?

'Oh! paraque tens tu os olhos verdes, Joanninha?

'A assucena e o jasmin são brancos, a rosa vermelha, o alecrim azul...

'Roxa é a violeta, e o junquilho côr de ouro.

Mas todas as côres da natureza vêem de uma so, o verde.

'No verde está a origem e o primeiro typo de toda a belleza.

'As outras côres são parte d'ella; no verde está o todo, a unidade da formosura creada.

'Os olhos do primeiro homem deviam de se verdes.

'O ceo é azul...

'A noite é negra....

'A terra e o mar são verdes...

'A noite é negra mas bella: e os teus olhos, Soledade, eram negros e bellos como a noite.

'Nas trevas da noite luzem as estrellas que são tam lindas... mas no fim de uma longa noite quem não suspira pelo dia?

'E que se vão... oh que se vão emfim as estrellas!...

'Vem o dia... o ceo é azul e formoso: mas a vista fatiga-se de olhar para elle.

'Oh! o ceo é azul como os teus olhos, Georgina...

'Mas a terra é verde: e a vista repousa-se n'ella, e não se cança na variedade infinita de seus matizes tam suaves.

'O mar é verde e fluctuante... Mas oh! esse é triste como a terra é alegre.

'A vida compõe-se de alegrias e tristezas...

'O verde é triste e alegre como as felicidades da vida.

'Joanninha, Joanninha, por que tens tu os olhos verdes?...'

Ja se vê que o nosso doutor de bivac, o soldado que lhe chamou *maluco* ao pensador de taes estravagancias, tinha razão e sabia o que dizia.

Infelizmente não se formulavam em palavras estes pensamentos poeticos tam sublimes. Por um processo milagroso de photographia mental, apenas se pôde obter o fragmento que deixo transcripto.

Que honra e gloria para a eschola romantica se podessemos ter a collecção completa!

Fazia-se-lhe um prefacio incisivo, palpitante, *britante*...

Punha-se-lhe um titulo vaporoso, phosphorescente... por exemplo: —Echos surdos do coração— ou —Reflexos d'alma— ou —Hymnos invisiveis— ou —Pesadellos poeticos— ou qualquer outro d'este genero, que se não soubesse bem o que era, nem tivesse senso commum.

E que viesse ca algum menestrel de frak e chapeu redondo, algum trovador renascença de collete á Joinville, luctar com o meu Carlos em pontos de romantismo vago, descabellado, vaporoso, e nebuloso!

Se algum d'elles era capaz de escrever com menos logica, —(com menos grammatica, sim) e com mais triumphante desprêzo das absurdas e escravizantes regras d'essa pateta d'essa eschola classica que não produziu nunca senão Homero e Virgilio, Sophocles e Horacio, Camões e o Tasso, Corneille e Racine, Pope e Molière, e mais algumas duzias de outros nomes tam obscuros como estes?

CAPITULO XXIV

Novo Genesis.—O Adam social muito differente do Adam natural.—Carlos sempre um por seus bons instinctos, sempre outro por suas más reflexões.—De como Joanninha recebeu o primo com os braços abertos, e do mais que entre elles se passou.—Dor meia dor, meia prazer.

Formou Deus o homem, e o pôs n'um paraizo de delicias; tornou a formá-lo a sociedade, e o pôs n'um inferno de tolices.

O homem —não o homem que Deus fez, mas o homem que a sociedade tem contrafeito, appertando e forçando em seus moldes de ferro aquella pasta de limo que no paraizo terreal se affeiçoára á imagem da divindade— o homem assim aleijado como nós o cenhecêmos, é o animal mais absurdo, o mais disparatado e incongruente que habita na terra.

Rei nascido de todo o creado, perdeu a realeza: principe desherdado e proscripto, hoje vaga foragido no meio de seus antigos estados; altivo ainda e suberbo com as recordações do passado, baixo, vil e miseravel pela desgraça do presente.

D'estas duas tam oppostas actuações constantes, que ja per si sos o tornariam ridiculo, formou a sociedade, em sua van sabedoria, um systema chymerico, desarrazoado e impossivel, complicado de regras a qual mais desvairada, incontrado de repugnancias a qual mais opposta. E vazado este perfeito modêlo de sua arte pretenciosa, metteu dentro d'elle o homem, desfigurou-o, contorceu-o, fê-lo o tal ente absurdo e disparatado, doente, fraco, rachitico; collo-

cou-o no meio do Éden phantastico de sua creação, —verdadeiro inferno de tolices— e disse-lhe, invertendo com blasphêmo arremêdo as palavras de Deus Creador:

'De nenhuma árvore da horta comendo comerás;

'Porêm da árvore da sciencia do bem e do mal, d'ella so comerás se quizeres viver.'

Indigestão de sciencia que não commutou seu mau estomago, presumpção e vaidade que d'ella se originaram—tal foi o resultado d'aquelle preceito a que o homem não desobedeceu como ao outro: tal é o seu estado habitual.

E quando as memorias da primeira existencia lhe fazem nascer o desejo de sahir d'esta outra, lhe influem alguma aspiração de voltar á natureza e a Deus, a sociedade, armada de suas barras de ferro, vem sôbre elle, e o prende, e o esmaga, e o contorce de novo, e o apperta no equuleo doloroso de suas fôrmas.

Ou hade morrer ou ficar monstruoso e aleijão.

. . . .
. . . .

Poucos filhos do Adam social tinham tantas reminiscencias da outra patria mais antiga, e tendiam tanto a approximar-se do primitivo typo que sahíra das mãos do Eterno, forcejavam tanto por sacudir de si o pesado appêrto das constricções sociaes, e regenerar-se na santa liberdade da natureza, como era o nosso Carlos.

Mas o melhor e o mais generoso dos homens segundo a sociedade, é ainda fraco, falso e acanhado.

Demais, cada tentativa nobre, cada aspiração elevada de sua alma lhe tinha custado duros castigos, severas e injustas condemnações d'esse grande juiz hypocrita, mentiroso e venal... o mundo.

Carlos estava quasi como os mais homens... ainda era bom e verdadeiro no primeiro impulso de sua natureza excepcional; mas a reflexão descia-o á vulgaridade da fraqueza, da hypocrisia, da mentira commum.

Dos melhores era, mas era homem.

Os seus pensamentos, as suas considerações em toda aquella noite, em todo o dia que a seguira, na hora mesma em que ia incontrar-se com o objecto que mais lhe prendia agora o espirito, senão é que tambem o coração, todas participavam d'aquella fluctuação inquieta e doentia de seu ser d'homem social, em quem o tibio reflexo do homem natural apenas relampejava por acaso.

Dúvida, incerteza, vaidade, mentira, deslocavam e annulavam a bella organisação d'aquella alma.

Assim chegou ao pé de Joanninha que o esperava de braços abertos, que o appertou n'elles, que o beijou sem nenhum falso recato de maliciosa modestia, e com o riso da alegria no coração e na bôcca lhe disse...

—'Ora pois, meu Carlos, sentemo'-nos aqui bem junctos aopé um do outro e conversêmos, que temos muito que fallar. Dá ca a tua mão. Aqui na minha... Está fria a tua mão hoje! E

hontem tam quente estava!... Oh! agora vai aquecendo... tanto, tanto... é demais! Terás tu febre?'

—'Não tenho.'

—'Não tens, não: a cara é de saude. E como tu estás forte, grande, um homem como eu sempre imaginei que um homem devia ser, como sempre te via nos meus sonhos!... Que é extranho isto, Carlos: quando sonhava comtigo, não te via como tu d'aqui foste, magro, triste e doente; via-te como vens agora, forte, são, alegre... Mas tu não estás alegre hoje, como hontem; não estás... Que tens tu?'

—'Nada, querida Joanninha, não tenho nada. Pensava...'

—'Em que pensas tu? dize-me.'

—'Pensava na differença dos nossos sonhos: que eu tambem sonhava comtigo.'

—'Sonhavas, Carlos! E como sonhavas tu? como me vias nos teus sonhos?'

—'Tudo pelo contrário do que tu. Via-te aquella Joanninha piquena, desinquieta, travêssa, correndo por essas terras, saltando essas vallas, trepando a essas árvores... aquella Joanninha com quem eu andava ao collo, que trazia ás cavalleiras, que me fazia ser tam doido e tam criança como ella, apezar de eu ter quinze annos mais. Via-te alegre, cantando...'

—'Sonhos de homem! Creiam n'elles! Eu que nunca mais ri nem brinquei desde o dia que tu partiste... E oh que dia, Carlos!... E os que vieram depois! Não houve nunca mais um so dia de alegria n'esta casa. Oh! deixa-me te dizer: Frei Diniz... Sabes que não gósto d'elle?

—'Não gostas?'

—'Nada: tenho-lhe aversão. E Deus me perdoe! parece-me que é injusta a minha antipathia.'

—'Por quê?'

—'Porque elle é teu amigo devéras. Um pae,

Carlos, um pae não tem maior ternura e desvellos por seu filho, do que elle tem por ti.'

—'Deus lhe perdoe!'

—'Deus lhe perdoe a quem... e que lhe hade perdoar? O amor que te tem?'

—'Não, mas...'

—'Bem sei o que queres dizer: e tens razão.'

—'Tenho razão!'

—'Tens: o que elle bem precisa que Deus lhe perdoe é um grande peccado.'

—'Que dizes tu, Joanna! E como sabes?'

—'Sei, sei tudo.'

—'Tu!'

—'Eu. Sei que foi elle quem fez cegar minha avó... a nossa boa, a nossa sancta avó, Carlos!... quem a cegou á fôrça de lagrymas que lhe fez

chorar áquelles pobres olhos que, de puro cançados, se apagaram para sempre... Minha ricca avó! — E por quê, meu Deus, por quê!'

—'Por que?'

—'Por amor de ti, por escrupulos que lhe metteu na cabeça de tu seres mau christão, inimigo de Deus, que te não podias salvar... tu meu Carlos! Vê que cegueira a do triste frade.'

—'Bem triste!'

—'Mas olha que o diz de boa-fé e pelo muito amor que te tem... que é um amor que eu não intendo: e o mesmo é com minha avó, que treme deante d'elle. E mais elle estima-a, estou certa que dava a vida por ella... e por nós todos... por mim não tanto, mas por ti e por ella, dava decerto. Mas o seu amor é dos que rallam, que apoquentam... quasi que estou em dizer que mattam.'

—'Mattam, mattam!'

—'Nossa avó é elle que a matta decerto. Sem-

pre a metter-lhe medos, sempre escrupulos! O seu Deus d'elle é um Deus de terrores, de vinganças, de castigos, e sem nenhuma misericordia. Oh! que homem! para elle tudo é peccado, maldade... Não o posso ver.'

Carlos respirava como desopprimido de um grande pêso, ouvindo as explicações da prima que bem claro lhe mostravam a sua perfeita ignorancia dos fataes segredos da familia.

—'E comtigo,' disse elle ja n'outra voz mais desaffogada, 'comtigo, Joanninha, como se avêm elle, como te tracta?'

—'Commigo não se mette, e rara vez me falla. Mas oh, se elle soubesse que eu estava aqui comtigo, sancto Deus! o que ouviria a pobre da minha avó! Inda bem que hoje não é sexta-feira, se não não vinha eu ca.'

—'Por quê? Ainda vem todas as sextas-feiras?!

—'Sempre o mesmo. Ámanhan ca o temos por peccado, que é sexta-feira.'

—'Não te vejo então ámanhan aqui?'

—'Não decerto, aqui. Mas vamos, que a isso é que eu venho ca hoje, para te fallar n'isso... e para te ver, para fallar comtigo, para estar com o meu Carlos... e ao mesmo tempo tambem para ajustarmos como isto hade ser. Quando hasde tu ir ver a avó?... a nossa mãe; que ella é nossa mãe, Carlos, não conhecemos nunca outra, nem eu nem tu. Quando lhe heide eu dizer que estás aqui? A pobre velhinha está tam doente! Ha quinze dias que se não levanta da cama.'

—'Coitada da minha pobre mãe!... Oh se não fôsse!... Deixa estar, Joanninha; um dia será. Por agora não póde ser: bem vês. Como heide eu atravessar as sentinellas dos realistas, ir a um pôsto inimigo?—A minha vida... isso pouco importa, mas a minha honra ficava em perigo: por todos os modos a perdia, e talvez...'

—'Não senhor, Sr. Carlos, essa desculpa não basta. Vai n'um anno que aqui temos a guerra á porta de casa, e ja sabemos como isso é e como as coisas se fazem. O commandante do nosso pôsto é um homem de bem, um cavalheiro perfeito. Em lhe eu dizendo quem tu es e a que

ca vens... elle sabe o estado de minha avó, e tem-lhe muita amizade, da-nos decerto licença para tu vires em toda a segurança. Pensas que elle não sabe que estou comtigo aqui? Pois disse-lh'o eu; so lhe não expliquei quem tu eras; disse-lhe que eras um parente nosso que nos trazia noticias de outros, e que precisava fallar-te. Não pôs difficuldade alguma: é uma pessoa excellente, bom, bom devéras.'

—'É môço o teu commandante?'

—'Môço elle? coitado! Tem bons cinquenta annos, e creio que outros tanto filhos. Mas por que perguntas tu isso? E arqueaste as sobrancelhas com aquelle teu ar de antes quando te zangavas! Por que foi isso, Carlos?'

—'Nada, criança, foi uma pergunta á toa.'

—'Pois será; mas não me franzas nunca mais a testa assim, que te pareces todo... é que nunca vi tal parecença...'

—'Com quem?'

—'Com Frei Diniz.'

—'Eu com elle!'

—Tal e qual quando fazes essa cara. Olha: ahi estás tu na mesma. Vamos! ria-se e esteja contente se se quer parecer commigo, que todos dizem que nos parecemos tanto.'

—'Querida innocente!'

E beijou-lhe a mão que tinha appertada na sua, beijou-lh'a uma e muitas vezes com um sentimento de ternura misturada de não sei que vaga compaixão, vindo de la de dentro d'alma com não sei que dor, meia dor meia prazer, que entre ambos se communicou e a ambos humedeceu os olhos.



CAPITULO XXV

O excesso da felicidade que aterra e confunde tambem.— Pasmosa contradicção da nossa natureza.— De como os olhos verdes de Joanninha se inturvaram e perderam todo o brilho.— Que o coração da mulher que ama; sempre adivinha certo.

Carlos tinha a mão de Joanninha appertada na sua; e os olhos humidos de lagrymas cravados nos olhos d'ella, de cujo verde transparente e diaphano sahiam raios de ineffavel ternura.

Dizer tudo o que elle sentia é impossivel: tam incontrados lhe andavam os pensamentos, em tam confuso tumulto se lhe alvorotavam todos os sentidos.

Por muito tempo não proferiram palavra, nem um nem outro; mas fallaram assim longos discursos.

Emfim, Joanninha voltou á sua primeira insistencia e disse para o primo:

—'Olha, Carlos, ámanhan é sexta-feira, ja te disse, vem Frei Diniz: quando haja a menor difficuldade do commandante, a elle não lhe recusa nada...

—'Por quanto ha no ceo, Joanninha, pela tua vida, pela de nossa avó, nem uma palavra ao frade da minha estada aqui! A elle, oh! a elle jurei eu não tornar a ver. E se minha avó...'

—'Basta: não lhe direi nada. Mas á nossa avó quando lh'o heide dizer, e quando hasde tu ir ve-la?'

—'Porora não: preciso licença de Lisboa, ou do quartel-general quando menos, para fazer uma coisa que todas as leis da guerra prohibem, que nas actuaes circumstancias e em similhante guerra ainda é mais defesa. E sem isso — tu bem sabes que as minhas resoluções não se mudam — sem isso não o faço. Em todo o caso, que Frei Diniz nem sonhe!...'

—'E quanto tempo, quantos dias se hãode passar?'

—'Eu sei? oito, quinze dias talvez, talvez mais.'

—'E a minha pobre avó, coitadinha! a morrer de saudades...'

—'Consola-a tu, Joanninha: dize-lhe que tiveste novas minhas, que estou bom, que me não falta nada, que tenho esperanças de vos ver muito cedo.'

—'E eu... eu posso, eu heide ver-te todos os dias: não, Carlos?'

—'Ámanhan é sexta-feira...'

—'Ámanhan é o dia negro... nem eu queria: ámanhan não póde ser, bem sei. Mas, tirado ámanhan, meu Carlos, oh! todos os dias!'

—'Sim, querido anjo, sim.'

—'Promettes?'

—'Juro-t'o.'

—'Succeda o que succeder?'

—'Succeda o que... So ha uma coisa que... Mas essa não... não é possivel.'

—'O que é, Carlos? que póde haver, que póde succeder que te impeça de?...'

Carlos estremeceu... hesitou, corou, fez-se pallido... quiz dizer-lhe a verdade e não ousou...

Por quê... E que verdade era essa? Não a direi eu, ja que elle a não disse: fiel e discreto historiador, imitarei a discrição do meu heroe

Pois era discrição a d'elle?

Não... em verdade, era outra coisa.

Era um pensamento reservado?

Não.

Era tenção má, ingano premeditado, era?...

Não, tambem não.

O que era pois?

Era a dúvida, era a fraqueza, era a vaidade, a mentira congenial e obrigada, a necessaria falsidade do homem social.

Carlos mentiu e disse:

—'So se m'o prohibirem expressamente... os meus chefes.'

Mas não era isso o que elle receiava; não era esse aquelle motivo unico e superior que elle temia podesse vir um dia derepente cortar

as doces relações de convivencia a que tam prestes se habituára, que ja lhe pareciam parte necessaria, indispensavel da sua vida. Não era, não; e Carlos tinha mentido...

Joanninha olhou para elle fixa... Carlos corou de novo. Ella fez-se pallida... d'ahi corou tambem.

—'Carlos, tu não es capaz de mentir...

—'Joanninha!'

—'Tu es o meu Carlos... tu queres-me como me querias d'antes...'

—'Sou... oh! sou. E amo-te...'

—'Como d'antes?'

—'Mais.'

—'Pois olha, Carlos: eu nunca amei, nunca heide amar a nenhum homem senão a ti.'

—'Joanna!'

—'Carlos!'

Iam a cahir nos braços um do outro... A singela confissão da innocencia ia ser acceita por quem e como, sancto Deus! Aquella palavra de oiro, aquella doce palavra que tanto custa a pronunciar á mulher menos arteira; que adivinhada, sabida, ouvida ha muito pelo coração, ditta mil vezes com os olhos, nenhum homem descança nem se tem por feliz, por certo de sua felicidade, em quanto a não ouve proferir pelos labios—essa palavra celeste que explica o passado, que responde do futuro, que é a última e irrevocavel sentença de um longo pleito de anciedades, de incertezas e de sustos—essa final e fatal palavra *amo-te*, Joanninha a pronunciára tam naturalmente, tam sincera, tam sem difficuldades nem hesitações, como se aquelle fosse —e era decerto— como se aquelle tivesse sido sempre o pensamento unico, a idea constante e habitual de sua vida.

O excesso da felicidade aterra e confunde tambem. Um momento antes, Carlos dera a sua vida por ouvir aquella palavra... um momento depois—oh pasmosa contradicção de nossa dup-

plice natureza! um momento depois dera a vida pela não ter ouvido. No primeiro instante ia lançar-se nos braços da innocente que lh'os abria n'um sancto extasi do mais apaixonado amor; no segundo, tremeu e teve horror da sua felicidade.

—'Joanna,' exclamou elle, 'Joanna querida, sabes tu se eu mereço... sabes tu se deves?...'

—'Sei. Desde que me intendo, não pensei n'outra coisa; desde que d'aqui foste, comecei a intender o que pensava.... disse-o á minha avó, e ella...'

—'E ella?...'

—'Ella abençoou-me chamou-me a sua querida filha, abraçou-me, beijou-me, e disse-me que aquella era a primeira hora de felicidade e de alegria que ha muitos annos tinha tido.'

Carlos não respondeu nada e olhou para Joanninha com uma indicivel expressão de affecto e de tristeza. Os raios de alegria que resplandeciam n'aquelle semblante —agora bello de toda

a belleza com que um verdadeiro amor illumina as mais desgraciosas feições — os raios d'essa alegria começaram a amortecer, a apagar-se. A lucida transparencia d'aquelles olhos verdes turvou-se: nem a clara luz da agua-marinha, nem o brilho fundo da esmeralda resplandecia ja n'elles; tinham o lustro baço e morto, o polido mate e silicioso de uma d'essas pedras sem agua nem brilho que a arte antiga ingastava nos collares de suas estátuas.

—'Adeus, Joanna!' disse Carlos perturbado e confuso.

—'Adeus, Carlos!' respondeu ella machinalmente.

—'Até depois de ámanhan, Joanna.'

—'Pois sim.'

—'Depois de ámanhan te direi...'

—'Não digas.'

—'Por quê?'

—'Porque é escusado: ja sei tudo.'

—'Sabes!'

—'Sei.'

—'O quê?

—'O que tu não tens ânimo para me dizer, Carlos; mas que o meu coração adivinhou. Tu não me amas, Carlos.'

—'Não te amo! eu!... Sancto Deus! eu não a amo...'

—'Não. Tu amas outra mulher.'

—'Eu! Joanna, oh! se tu soubesses...'

—'Sei tudo.'

—'Não sabes.'

—'Sei: amas outra mulher, outra mulher que te ama, que tu não pódes, que tu não deves abandonar, e que eu...'

—'Tu?'

—'Eu sei que é bella, prendada, cheia de graças e de incantos, porque... porque tu, meu Carlos, porque o teu amor não era para se dar por menos.'

—'Joanna, Joanninha!'

—'Não digas nada, não me digas nada hoje... hoje sobretudo, não me digas nada. Ámanhan...'

—'Amanhan é sexta-feira.'

—'Inda bem! terei mais tempo para reflectir, para considerar antes de tornar a ver-te. Adeus, Carlos!'

—'Uma palavra so, Joanna. Cuidas que sou capaz de te inganar?'

—'Não; estou certa que não.'

—'Até ámanhan... até depois de ámanhan.'

—'Adeus!'

Abraçaram-se, e d'esta vez froixamente; beijaram-se dc um osculo timido e recatado... os beiços de ambos estavam frios, as mãos trémulas; e o coração comprimido batia, batia-lhes forte que se ouvia.

Retirou-se cadaum por seu lado. A noite estava pura e serena como na vespera, as estrellas luziam no ceo azul com o mesmo brilho; o silencio, a majestade, a belleza toda da natureza era a mesma... so elles eram outros... outros; tam outros e differentes do que foram!

Tinham-se dado cuidadosamente as providencias; ambos chegaram, sem nenhum accidente, ao seu destino.

NOTAS

NOTAS

AO LIVRO PRIMEIRO

Nota A

Que viage á roda do seu quarto quem está á beira dos Alpes.................pag. 1

É visivel allusão ao popular e inimitavel opusculo de Xavier de Maistre, *Voyage autour de ma chambre*, que decerto foi principiado a escrever em Turim, e que muitos suppõem que fôsse concluido em San'Petersburgo.

NOTA B

Designio politico determinado a minha viagem (a Santarem)............... pag. 2

É puramente historico isto; e tambem é verdade que em grande parte d'aqui se originou a perseguição brutal que soffreu o A. d'ahi a poucos mezes.

NOTA C

N'uma *regata* de vapores........... pag. 2

Regata chamavam, e não sei se chamam ainda, em Veneza ás carreiras de barcos appostados ao desafio. A palavra e a coisa introduziu-se em Inglaterra, onde é moda e popularissima.

NOTA D

Eu coroarei de trevo a minha espada, pag. 24

Estes versos são uma especie de parodia dos famosos fragmentos de Alceu de que so existe memoria nos scholios que nos conservou Eustathio. Nas *Flores sem fructo,* pag. 56, vem a traducção d'aquelle bello fragmento.

Nota E

Depois de tantas commissões de inquerito, deve de andar orçado o número de almas .... pag. 25

s protocollos das commissões de inquerito de ›ito para dez annos a ésta parte, sôbre o estalas classes trabalhadores e indigentes em Inglara, é a prova real dos grandes calculos da ecomia politica, sciencia que eu espero em Deus .e se hade desacreditar muito cedo.

Nota F

There are more things etc......... pag. 27

A traducção chegada d'estes memoraveis versos le Shakspeare é:

Ha mais coisas no ceo, ha mais na terra
Do que sonha a tua van philosophia.

Nota G

Um *Chourineur*...uma *Fleur-de-Marie*, pag. 8

Personagens, bem conhecidos geralmente, do romance tam popular de Eug. Sue, *Os Mysterios le Paris*.

Nota H

Fossem lá á rainha Anna.......... pag. 34

Addison, o poeta, foi ministro da rainha An
de Inglaterra, e membro do célebre gabinete ch
mado de ***All-isits***.

Nota J

Quando chegou alli pelos Prazeres.. pag. 56

Um dos dous cemiterios de Lisboa —seja di
para intelligencia do leitor provinciano— char
se *dos Prazeres*, por uma ermida de N. S.ª q
alli existia com ésta invocação desde antes do t
reno ter o presente destino. É notavel a coincid
cia do nome.

Nota K

O verdadeiro alfageme... tinha pelo povo e
não queria saber de partidos..... pag. 65

É facil de ver que o interlocutor d'este dial
conhecia esse curioso personagem da historia
Condestavel, não pelas chronicas, mas pelo dr
que tem o seu nome.

Nota L

Do *Sacré-Cœur* e das suas elegantes devotas .... pag. 89

O convento que tem este nome em París, é casa de educação de meninas nobres, e recolhimento de senhoras tambem.

Nota M

Graciosa sculptura de Antonio Ferreira.. pag. 106

Antonio Ferreira, que viveu no fim do seculo passado, princípio d'este, modelava em barro com a mesma graça e naturalidade flamenga, com que pintava o morgado de Setubal: as suas piquenas figurinhas são tão estimadas pelos intendedores como os melhores biscoitos de Sèvres e de Saxonia antiga.

Nota N

Ave phenix que nasceu de nossos avós não saberem grego .... pag. 115

A fábula d'aquella ave immortal teve origem nas edades obscuras da Europa quando o grego era ignorado. O que os antigos diziam da *phenix*, palmeira em grego, tomaram nossos barbaros avós por ditto de uma passarolla com que os outros nunca sonharam.

INDICE

